

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**

ALZIRA DA PENHA COSTA DAVEL

**UM ESTUDO SOBRE O VERBO-SUORTE NA
CONSTRUÇÃO *DAR + SN***

VITÓRIA

2009

ALZIRA DA PENHA COSTA DAVEL

**UM ESTUDO SOBRE O VERBO-SUPORTE NA
CONSTRUÇÃO *DAR* + *SN***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Lingüísticos, na área de Estudos Analítico-descritivos da Linguagem.

Orientadora:

Prof^a. Dr^a. Aucione Smarsaro.

VITÓRIA

2009

ALZIRA DA PENHA COSTA DAVEL

**UM ESTUDO SOBRE O VERBO-SUPORTE NA
CONSTRUÇÃO *DAR* + *SN***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Estudos Lingüísticos na área de concentração em Estudos Analítico-Descritivos da Linguagem.

Aprovada em __ de _____ de 2009.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Aucione Smarsaro
Departamento de Línguas e Letras
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientadora

Prof. Dr. Eric Guy Claude Laporte - Université
Paris-Est Marne-la-Vallée
Membro de banca julgadora

Prof^a. Dr^a. Lúcia Helena Peyroton da Rocha
Departamento de Línguas e Letras
Universidade Federal do Espírito Santo
Membro de banca julgadora

À minha amada filha Natália Costa Davel que mesmo na sua ausência me deu forças e inspiração para chegar ao fim de mais essa caminhada.

AGRADECIMENTOS

Dedico este espaço àqueles que, direta ou indiretamente, me ajudaram na elaboração desta dissertação e que me encorajaram quando chegava o desânimo.

Quero agradecer em primeiro lugar à Professora Doutora Aucione Smarsaro, pela idéia de trabalhar com este tema, pelo incentivo durante minhas dificuldades e, principalmente, pela confiança a mim dispensada.

Agradeço, em especial, ao Professor Doutor Eric Guy Claude Laporte, da Université Paris-Est Marne-la-Vallée, pelas valiosas contribuições.

À Professora Doutora Maria Marta P. Scherre, pela leitura atenta do trabalho e pelas observações ao participar da banca de qualificação.

Agradeço, de modo geral, ao corpo de professores do mestrado, por ter reforçado em mim o interesse pelos trabalhos científicos.

Ao meu marido Paulo, pela paciência e dedicação.

À amiga Rosana, pelo incentivo e colaboração, sempre presentes nos momentos de dificuldades.

A todos os amigos do mestrado, pelo acolhimento e amizade, sempre encorajadores nos momentos de desânimo, especialmente, à Isaura, à Tatiana, ao André, à Silvana e à Angélica.

Ao amigo Carlos, pela ajuda técnica.

À Daniela, pelo carinho e dedicação profissional e incondicional.

Agradeço, por fim, a esta força que me impulsiona e me rege à qual dou o nome de Esperança

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo apresentar um estudo sobre as estruturas com verbo-suporte *DAR+SN* no português do Brasil, a partir da Teoria Lexical e dos princípios do Léxico-Gramática. São examinadas as propriedades distribucionais dessa estrutura, em contextos de uso da língua, por meio de critérios formais que levam em conta os aspectos morfossintático-semânticos, distinguindo-se a estrutura com verbo pleno de verbo suporte e de expressões cristalizadas. As estruturas com verbo suporte são de natureza denominal e deverbais. De modo geral, as denominais denotam ações de golpe como, por exemplo, *dar uma pedrada* e as deverbais apresentam atenuação e brevidade das ações como, por exemplo, *dar uma olhada*. Os estudos revelam que as estruturas *DAR uma X-ada* são também utilizadas como formas modalizadoras da linguagem, constituindo um recurso de expressividade por parte dos falantes nativos.

Palavras-chave: descrição; verbo-suporte *dar+SN*; estruturas denominais; estruturas deverbais.

ABSTRACT

This dissertation has the aim of presenting a study on the structures with supporting verb TO GIVE+NS DAR+SN of portuguese in Brazil, based on the Lexical Theory and on the principles of Lexicon-Grammar. The distributive properties of this structure are examined throughout the usage of language by means of formal criteria that consider the morphosyntatic-semantic aspects, distinguishing the full-verb structure from the ones of supporting verb and crystallized expressions. The full-verb structures are of denominal and deverbal nature. As a whole, the denominals present of stroke actions, for example, *to give a stoneness (dar uma pedrada)* and the deverbals present an attenuation and sortness of actions, for example, *to give an eyeness (dar uma olhada)*. Studies show that structures to gine + a(n) X ness (DAR uma X ada) are also used as modalizing forms in language, and it constitutes a source of expression for native speakers.

Key-words: description; supporting verb to “GIVE+NS”; denominal structures; deverbal structures.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	Apresentação do tema.....	11
1.2	Objetivos.....	15
1.3	Metodologia.....	17
1.5	<i>Corpus</i>	18
2	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	20
2.1	Gross (1975, 1986).....	20
2.2	Basílio (1999, 2002).....	21
2.3	Givón (1995).....	21
2.4	Vendler (1967).....	24
2.5	Verkuyl (1993).....	24
2.6	Smith (1997).....	24
3	O CONCEITO DE VERBO.....	25
3.1	Uma abordagem à luz das Gramáticas Tradicionais (GT).....	25
3.2	Uma abordagem à luz da Lingüística.....	27
3.3	Do Verbo pleno ao Verbo-Suporte.....	30
3.4	Verbos-suporte.....	31
4	ALGUNS TIPOS DE ESTRUTURAS DAR+SN COM VERBO SUPORTE.....	38
4.1	DAR+ SN (SN com determinante).....	39
4.2	DAR+ SN (SN sem determinante).....	42
4.3	DAR+ SN (SN=uma X-ada denominal).....	46
4.4	DAR+ SN (SN=uma X-da deverbal).....	51
5	CRITÉRIOS DE IDENTIFICAÇÃO DE VERBO SUPORTE: DAR+SN.....	59
5.1	Propriedades morfossintático-semânticas.....	60
5.2	Propriedades aspectuais das construções dar uma X-(a)da.....	87
5.2.1	Categorias aspectuais.....	88
5.2.2	O aspecto em estruturas Dar uma X-(a)da.....	94
6	FRONTEIRAS ENTRE AS ESTRUTURAS DAR+SN: A QUESTÃO DA AMBIGÜIDADE.....	102
6.1	DAR+ SN (verbo-suporte) x DAR+SN (expressão).....	105
6.2	DAR+SN (verbo pleno) x DAR+SN (expressão).....	112
6.3	DAR UMA X-DA (verbo-suporte) x DAR UMA X-DA (verbo-suporte).....	121
7	A ESTRUTURA DAR+SN – UNIDADE LEXICAL OU LEXICALIZAÇÃO DE PADRÕES.....	129
7.1	DAR+SN - estrutura prototípica de verbo-suporte.....	135
8	MOTIVAÇÕES PARA USO DA ESTRUTURA VERBO-SUPORTE DAR+SN.....	143
8.1	O uso das estruturas DAR UMA X-(A)DA como formas modalizadoras.....	148
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	160

10	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	164
11	ANEXOS	
	ANEXO 1 - Estruturas deverbais	170
	ANEXO 2 - Estruturas denominais	181
	ANEXO 3 - Estruturas DAR+SN	183

1 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA

Esta pesquisa apresenta um estudo sobre as construções de estruturas com verbos-suporte *dar+SN* do Português Brasileiro que, em determinados contextos lingüísticos, revelam comportamentos sintático-semânticos que os vinculam, em maior ou menor grau, a categorias gramaticais e/ou lexicais. Em alguns casos, o verbo-suporte chega a atuar também como um instrumento morfossintático auxiliar na derivação de predicados complexos que resultam da associação de predicado verbal ou verbo e elemento não-verbal (predicante ou não). Segundo Neves (2006), esses verbos inserem-se em uma classe que, em certos contextos, tomam objetos diretos que funcionam como predicantes, ao invés de representar os papéis semânticos de participantes da estrutura argumental.

Muitos esforços já foram empreendidos para a identificação desses fenômenos lingüísticos. De acordo com Scher (2004), existem muitos estudos nesse sentido, além das línguas européias, nos idiomas do inglês, mandarim, persa, coreano, dentre outros. Em muitas línguas parece ser recorrente a existência de estruturas com verbos-suporte, cujo sentido é estabelecido e modificado a partir da prática social e dos costumes do falante.

Desde a década de 60, as construções com verbos-suporte têm merecido atenção, sobretudo nas investigações germanísticas. Na literatura lingüística francesa, segundo Borba (1996), essa noção foi introduzida por Harris em 1970, com o conceito de “verbo operador” para tratar as relações de nominalização. Entretanto, só nos anos 80, começam a vislumbrar horizontes pelos estudiosos para o português de Portugal; e, no Brasil, essas construções começam a ser objeto de estudo já no final dos anos 90.

Privilegia-se o estudo das estruturas com verbos-suporte *dar+SN* que, segundo Neves (1999a), são as mais adequadas para traduzir maiores efeitos comunicativos, sobretudo, na linguagem cotidiana. Desse modo, o falante do português do Brasil pode usar uma forma do tipo: a) *Ana deu um susto em Pedro* ou b) *Ana assustou Pedro*. Observa-se que, em (a), tem-se uma forma

mais expandida de se expressar e, em (b), uma forma mais sintética. Na verdade, o uso dessas formas analíticas parece não só favorecer significados especiais aos enunciados, mas também, modalizar o discurso.

Os falantes nativos de uma determinada língua conseguem depreender o sentido das palavras porque são movidos, principalmente, por questões de ordem pragmática e discursiva. O uso e o sentido das palavras nada mais são do que um intercâmbio de uma convivência num meio em que o falante está exposto a contextos diferenciados, permitindo a construção de um item lexical simples, composto ou de expressão. Dessa forma, a interpretação das construções como *dar+SN* se dá com maior facilidade e propriedade pelos falantes nativos, devido a nuances discursivas que possibilitam, por compartilharem o mesmo repertório cultural.

O léxico do português é constituído de diversos tipos de estruturas e pode ser concebido, segundo Basílio (2002), como o local de interface sociocultural porque permite a formação de palavras novas para atender às nossas necessidades de comunicação.

Athayde (2001), fundamentando-se em proposições de alguns estudiosos alemães, argumenta que, dada a sua natureza de expressão predicativa bimembre, as construções com verbo-suporte poderiam constituir mais uma manifestação da tendência universal das línguas para passar do mais simples ao mais complexo, ou seja, do sintético ao analítico. De acordo com seu entendimento, devido à transferência do núcleo predicativo da estrutura para o seu constituinte nominal, elas poderiam traduzir, paralelamente, uma crescente tendência das línguas para a nominalização e, conseqüentemente, conferir maior abstração na representação dos estados de coisas.

Segundo a autora, essas estruturas situam-se numa zona de fronteira entre a sintaxe e o léxico, entre o domínio da combinatória lexical livre e o da combinação lexical restrita, constituindo, assim, um fenômeno lingüístico “*sui generis*”. De um lado, elas podem manifestar propriedades como estruturas livres produzidas pelos falantes, como, por exemplo, *dar um pulo de alegria*, e, de outro, podem evidenciar características que as enquadram no âmbito de expressões fixas/cristalizadas, dependendo da interpretação que se atribui aos complementos, como, por exemplo, *dar um pulo até à escola*.

É comum, falantes brasileiros no seu cotidiano dizer e/ou ouvir que ‘*Acordou mais cedo para dar uma caminhada na praia*’; que ‘*Os funcionários deram uma parada para o almoço*’. Essas frases fazem parte da comunicação diária e estão inseridas nos noticiários dos meios de comunicação.

A escolha dessas estruturas é feita pelos falantes de forma natural, sem que se dêem conta de que também poderiam usar formas alternativas, como por exemplo: *Acordou mais cedo para caminhar* na praia; *Os funcionários pararam* para o almoço. Pode-se, então, argumentar que se trata de um fenômeno de alternância sintática bastante interessante, numa perspectiva da teoria gramatical e se cogitar que essas construções traduzem uma crescente tendência para o emprego de formas alternativas perifrásticas.

O interesse dos lingüistas no Brasil e em Portugal pelo estudo de construções com verbos-suporte (BAPTISTA, 1994; SARAIVA, 1997; SCHER, 2001, 2004; RANCHHOD, 1990; ATHAYDE, 2001, 2005) vem crescendo muito. Entretanto, no âmbito pedagógico, especialmente no que se refere ao ensino médio e fundamental, é raro encontrar informações que relacionam essas construções a componentes da gramática. O tratamento que tem sido dispensado pelos textos didáticos que mencionam o comportamento de *dar* como verbo-suporte consideram-no esvaziado de conteúdo semântico e nem sempre apresentam tratamento adequado que articule a teoria com seu emprego em contextos diferentes de interação.

Portanto, a análise desse tipo de estrutura pode contribuir para o conhecimento de novas perspectivas de tratamento em relação à formação e interpretação dessas estruturas, bem como à expansão do sentido/uso que essas formas lingüísticas alcançam.

Tendo em vista a complexidade das construções com o verbo-suporte, esta pesquisa reúne uma sistematização de conhecimentos que envolvem vários fenômenos lingüísticos co-ocorrentes com as estruturas *dar+SN*, no português brasileiro, cuja estruturação se dá da seguinte forma:

Inicialmente, procura-se, de modo geral, situar o tema, mostrando o enfoque de alguns pesquisadores, e como se desenvolve o trabalho com referência ao comportamento sintático, semântico e discursivo que assumem as construções com o verbo-suporte *dar+SN*.

Em seguida, o capítulo 2 expõe a fundamentação teórica a que se vincula a pesquisa, apresentando as razões da escolha de tais abordagens, tecendo-se considerações que norteiam o estudo das construções com verbo-suporte *dar+SN*.

No capítulo 3, observam-se algumas abordagens sobre a conceituação verbal na literatura tradicional e lingüística, buscando averiguar, resumidamente, considerações e posições de alguns pesquisadores sobre verbo-suporte *dar+SN*.

No capítulo 4, analisam-se alguns tipos de estruturas *dar+SN* com a presença ou ausência do determinante (artigos definido e indefinido), com vistas a observar como a sua comutação exerce influência nos aspectos semânticos das estruturas. Além disso, são apresentadas reflexões sobre as formações *dar uma X-(a)da* (denominal e deverbal), observando o comportamento e a distinção entre as duas formações.

O capítulo 5, concentra-se nos critérios para verificar as propriedades morfossintático-semânticas das estruturas *dar+SN*. Em seguida, este capítulo dedica-se, também, às discussões sobre o comportamento aspectual das construções *dar uma X-(a)da*, fazendo a distinção entre as deverbais e as denominais, mostrando algumas restrições que incidem sobre elas.

No capítulo 6, discutem-se e analisam-se algumas estruturas (*dar+SN* e *dar uma X-da*) que apresentam ambigüidade. Para tanto, são aplicados alguns testes no sentido de verificar os diferentes comportamentos que o verbo *dar* adquire, como verbo pleno, como verbo-suporte ou constituindo uma expressão cristalizada.

No capítulo 7, apresentam-se reflexões sobre as possibilidades de a estrutura *dar+SN*, ser delimitada como unidade lexical ou lexicalização de padrões. São abordadas também algumas questões sobre a característica de uma Estrutura Prototípica com verbo-suporte discutida na literatura lingüística, cogitando a possibilidade de novos estudos para o tipo de estrutura *dar uma X-da*.

No capítulo 8, discutem-se algumas motivações para possíveis escolhas por construções com verbo-suporte (mais analíticas) em detrimento, muitas vezes, das construções com verbo pleno (mais sintéticas). Complementarmente, expõem-se abordagens a respeito da

modalização e por meio de algumas análises, constata-se que as perífrases *dar uma X-da* são formas modalizadoras da linguagem.

Por fim, no capítulo 9, encontram-se as considerações finais com referência ao estudo desenvolvido, e no capítulo 10 são expostas referências bibliográficas relevantes para o desenvolvimento da pesquisa.

1.2 Objetivos

O objetivo geral desta pesquisa é desenvolver um estudo descritivo dos tipos de estruturas constituídas com verbo-suporte *dar+SN*, levando em consideração as propriedades distribucionais que estão relacionadas à natureza dos seus complementos, tendo em vista que grande parte do léxico do português consiste dessas estruturas.

Embora não se pretenda tratar a linguagem de modo dicotômico, pois, constantemente, as modalidades falada/escrita da língua se imbricam, essas estruturas são observadas, em sua maioria na linguagem oral, no uso empírico, algumas manifestando-se mais recorrentes do que outras. Na modalidade de registro escrito, são usadas pelos meios de comunicação, principalmente, no âmbito jornalístico, técnico, nas páginas eletrônicas da *Internet* etc.

Para descrição dessas estruturas, levam-se em conta os seguintes objetivos específicos:

a) observar o comportamento morfológico, sintático, semântico e discursivo dos elementos que compõem as seqüências, a partir de suas propriedades estruturais, por meio de critérios sintáticos formais, considerando as propriedades distribucionais e transformacionais, a saber:

- a inserção de item lexical entre os componentes da seqüência
- a substituição de um item lexical entre os componentes da seqüência
- a ruptura paradigmática
- transformação de frase simples em forma relativa
- a apassivação
- a nominalização
- a anaforização

- o processo de coordenação de itens lexicais.

b) verificar se a presença de inserções de elementos de natureza menos determinantes (modificadores, intensificadores e artigos indefinidos ou definidos), contribuem para diminuir a integração entre o verbo *dar* e o elemento não-verbal (SN), observando se tal integração se deve ao fato de o nome ser de natureza [+abstrata], com configuração de caráter [-determinada], com função [-referencial] a entidades do mundo biossocial em elementos integrantes da classe dos SNs, como (dar início);

c) contribuir para a investigação no domínio das estruturas *dar+SN* do Português, delimitando os predicados formados com verbos plenos e outros tipos de estruturas em torno do verbo-suporte, verificando as possibilidades dos predicados complexos, como *Ana deu um beijo em João* serem parafraseados por predicados simples como *Ana beijou João* apresentando o mesmo significado básico, uma vez que há estruturas, como (*dar pontapé*) que não apresentam o mesmo significado da forma verbal (**Ana pontapeou João*);

d) distinguir as propriedades das estruturas *dar+SN* em que o verbo *dar* se apresenta em estruturas ambíguas, como verbo pleno, como verbo-suporte e como uma expressão cristalizada, de acordo com os pressupostos do léxico-gramática e os do funcionalismo;

e) explicitar, através de noções aspectuais, as características semânticas das estruturas verbais *dar uma X-(a)da*, considerando a interação entre objetos e modificadores verbais, conforme se apresenta no subcapítulo 5.2.;

f) observar as motivações que favorecem o uso da construção com o verbo-suporte *dar+SN*;

g) verificar as possibilidades de as perífrases das construções *dar uma X-(a)da* serem formas modalizadoras da linguagem, porque denotam noção de atenuação, de superficialidade e de diminutivização de eventos (*dar uma arrumada na casa*), em comparação com a forma verbal simples com verbo pleno (*arrumar a casa*).

Além disso, proporcionar reflexões sobre as possíveis implicações a partir dos dados até então obtidos, no âmbito da lexicografia, pois os dicionários são fonte primeira para quem deseja

elaborar um trabalho a respeito do léxico, como também, para o ensino do português para línguas estrangeiras que se apresenta ainda muito deficitário.

1.3 Metodologia

A metodologia para esta dissertação segue o paradigma das pesquisas qualitativas, uma vez que não se tem o objetivo de quantificar as ocorrências das estruturas em questão, mas sim apresentar um certo número, visando ilustrar e discutir as questões apresentadas em torno delas.

Para a descrição e a certificação de que os elementos das estruturas *dar+SN* são constituintes característicos de estruturas com o verbo-suporte *dar*, são usados testes formais com base nos princípios da teoria do Léxico-Gramática para se identificar as propriedades morfossintático-semânticas de cada seqüência. Esses critérios estão respaldados no princípio de que, para se constituir o valor sintático-semântico de qualquer palavra ou estrutura, deve-se obter as propriedades a partir do contexto lingüístico de uso como, por exemplo, frases que apresentam sujeito, predicado e o maior número de complementos possível.

A teoria do Léxico-Gramática, desenvolvida por Maurice Gross (1975), baseia-se em princípios da teoria transformacional de Harris (1952) que propôs para a descrição das variações de sentenças um modelo baseado na noção de transformações sintáticas.

As transformações de uma sentença para outra são relações de equivalência que não afetam o significado básico da sentença. Quando essa transformação afeta o significado é porque a construção apresenta variações de sentido.

Esse método é axiomático, ou seja, a sentença é uma unidade que tem significado. A teoria do Léxico-Gramática defende que o julgamento de aceitabilidade seja aplicado a frases e não no estudo de uma palavra isolada. Esse princípio é fundamental para fazer a separação dos significados, a partir de critérios sintáticos baseados na noção de frase elementar constituída por um sujeito, verbo e seus complementos como unidade mínima de significação.

Assim, os objetivos principais do Léxico-Gramática são os de investigar os procedimentos lexicais e gramaticais que levam ao conhecimento de padrões de palavras nos quais está baseado o processo de entendimento para as propriedades de seqüências lingüísticas.

No decorrer deste estudo, são usados de modo geral os termos sentido e significado, para fazer referência aos enunciados, sem diferenciar os dois. São também usados alternadamente os termos estrutura, construção, sentença, frase, formação, para fazer referência a *dar + SN*.

Para referenciar as expressões são utilizadas as designações cristalizadas e/ou fixas.

Os símbolos usados possuem sinalização de acordo com o grau de aceitabilidade do falante nativo do português do Brasil e também com o registro em dicionários. As estruturas aceitáveis não apresentam sinalização antes da palavra que as inicia. Já as estruturas inaceitáveis e as de aceitabilidade duvidosa necessitam de sinalização, conforme a seguir:

- (*) para estruturas inaceitáveis
- (?) para aceitabilidade duvidosa
- (+V) para nominalização deverbal
- (+N) para nominalização denominal

A numeração dos exemplos é feita de modo independente, ou seja, em cada capítulo/subcapítulo se reinicia uma nova seqüência.

1.4 Corpus

Para esta pesquisa, foram selecionadas estruturas do tipo *dar uma X-(a)da* e outras do tipo *dar+SN*, tomando-se como base a intuição e a observação do uso cotidiano, considerando-se a competência lingüística do falante nativo.

As estruturas citadas no decorrer desta dissertação, em sua maioria, são construídas a partir de nossa intuição lingüística, considerando-se o fato de que são freqüentes no uso da língua. Para atestar a ocorrência de uso dessas mesmas estruturas, foi utilizada a ferramenta de busca por

meio de páginas eletrônicas da *Internet*, disponíveis no buscador *Google*, extraídas de fragmentos que fazem parte de diálogos/textos do português brasileiro, constantes dos Anexos I, II e III.

Essa prática encontra-se apoiada nas orientações de Laporte (2008, p. 28) que afirma que o método experimental “consiste em emitir uma hipótese lingüística, forjar exemplos, fazendo variar sistemática e independentemente os parâmetros pertinentes, submeter essas formas a julgamentos introspectivos de aceitabilidade, e deduzir regras”, podendo ser aplicado, teoricamente na ausência de *corpus* de exemplos preexistentes ao estudo.

O autor menciona também o método observacional que “consiste em observar as formas que constam num *corpus* preexistente e, em seguida, formular generalizações”. Afirma que os dois métodos não são excludentes e sim complementares, acrescentando que toda experimentação implica, em parte, observação. O procedimento que se adota neste estudo procura seguir esses parâmetros, ou seja, uma mescla dos dois métodos.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A fundamentação teórica desta pesquisa procura vincular-se aos princípios da Teoria do léxico-gramática de Gross (1975, 1986), que desenvolveu uma teoria lingüística, cuja orientação é a aceitabilidade de frases como fonte básica para o conhecimento lingüístico; às abordagens da Teoria Lexical de Basílio (1999, 2002), à concepção funcionalista de Givón (1995) e de Neves (1999a, 1999b, 2002, 2006). Para explicar as noções aspectuais serão usadas as bases teóricas de Vendler (1967), Verkuyl (1993) e de Smith (1997).

A junção dessas abordagens baseia-se, fundamentalmente, na seleção de contribuições confluentes, de modo que as considerações dão subsídios importantes para análise das estruturas com verbos-suporte aqui empreendidas. A escolha dessas teorias prende-se aos seguintes motivos:

a) a teoria do Léxico-Gramática de Gross (1975) propõe critérios para descrição de estruturas com verbos-suporte, a partir de critérios sintáticos (formais), utilizando dados empíricos em contextos reais de uso, como fonte de análise. Para a Gramática Transformacional, desenvolvida por Gross, o objeto central da sintaxe são as relações entre frases diretamente observáveis que podem ser julgadas como aceitáveis ou não pelos falantes da língua.

A noção de transformação relaciona-se à questão das estruturas com o verbo-suporte *dar+SN*, que, segundo Gross (1984), foi introduzida por Harris (1970) para tratar as relações de nominalização. Para uma estrutura com predicado verbal como, *Ana abraçou João*, existe uma equivalência semântica que se dá por um predicado nominal como, *Ana deu um abraço em João*. Além disso, nas relações transformacionais essa teoria propõe a observação do grau de aceitabilidade do falante.

Nessa perspectiva, a aceitabilidade ou a inaceitabilidade de uma sentença é verificada através de julgamentos de falantes nativos, levando em consideração o uso da língua. Em muitos casos, há dificuldades para se determinar o grau de aceitabilidade, incluindo-se, nesse âmbito, o trabalho de lingüistas, cujo posicionamento para ser adequado deve ter a maior imparcialidade e a menor subjetividade possíveis.

Alguns procedimentos utilizados indiretamente para aceitabilidade constituem padrões de análise. Diante de certo padrão de análise, se for gerada uma estrutura dúbia, pode-se optar por considerá-la aceitável.

A aceitabilidade e gramaticalidade podem auxiliar na distinção, uma vez que é possível construir estruturas inaceitáveis, mesmo sendo gramaticais. A aceitabilidade é também avaliada por meio de transformações sintáticas, que revelam a produtividade de determinada regra de combinação de palavras. Para se obter sucesso com esse procedimento, geralmente, são necessárias informações de vários falantes da língua para avaliação da reprodutibilidade.

b) a Teoria Lexical de Basílio (2002) dá o suporte à questão das funções da formação de palavras, sobretudo no que se refere à nominalização. Segundo a autora, as funções principais do léxico são a representação conceitual e o fornecimento de unidades básicas para a construção de enunciados. Para que essas funções sejam atendidas, o léxico deve ser um sistema dinâmico, em contínua expansão, na medida em que também se expandem, continuamente, as necessidades do falante de novas unidades conceituais e de construção.

Desse modo, o léxico armazena o conhecimento e permite a formação de novas palavras que venham atender às nossas necessidades de comunicação. Assim, os processos de formação de palavras são relevantes para as duas funções, na medida em que permitem seu atendimento de modo praticamente automático, a partir de elementos pré-existentes no léxico.

Conforme Basílio (2004, p. 9),

As línguas existem para que possamos falar uns com os outros. O objeto da nossa comunicação é o mundo, mais precisamente nosso mundo: coisas, pessoas, lugares, idéias e suas relações etc., sejam essas naturais ou artificiais, concretas ou abstratas, reais ou imaginárias. Naturalmente, é necessário identificar as coisas, que queremos falar e, portanto, designar, pessoas, lugares, acontecimentos, etc. sobre os quais vamos nos expressar. Assim, a língua é ao mesmo tempo um sistema de classificação e um sistema de comunicação.

É nesse processo dinâmico da língua que o léxico assume duplo papel de informar conceitos e de classificá-los simultaneamente.

c) os pressupostos funcionalistas de Givón (1995) quanto à questão das relações gramaticais, quando argumenta que elas não formam categorias discretas, sendo antes caracterizadas por indeterminação e por gradação. A concepção givoniana apresenta-se como parâmetro para o estudo das estruturas com verbos-suporte, já que, segundo sua hipótese, os usos são responsáveis pela estruturação do sistema lingüístico.

Em outros termos, o autor baseia-se no postulado da não-autonomia do sistema lingüístico, numa concepção de estruturação interna da gramática como instância de unificação da sintaxe, da semântica e da pragmática, destacando a sintaxe como codificação dos domínios funcionais (a semântica, proposicional; a pragmática, discursiva) e no exame dos aspectos de iconicidade da gramática. Num certo sentido, as propriedades que se apresentam como universais são variáveis tanto no interior de uma língua como entre línguas. Ao ressaltar a função não-autônoma, dependente da língua, afirma que a gramática não pode ser entendida sem referência a parâmetros, como processos cognitivos e comunicativos, processamento mental, interação social e cultural, mudança e variação, aquisição e evolução.

Essa abordagem parte do pressuposto de que a estrutura da língua se explica, pelo menos em parte, em termos do uso que os falantes fazem dela. A gramática das línguas sofre restrições impostas pelos objetivos interacionais dos interlocutores e está em constante adaptação às necessidades comunicativas.

Recorre-se ainda às abordagens de Neves (1999a, 1999b, 2002, 2006), como uma das principais representantes do funcionalismo no Brasil, cujos estudos apresentam problematizações sobre as construções com os verbos-suporte, além da adoção de critérios para delimitá-las.

Em seus trabalhos de 1999a e 1999b a autora se posiciona a respeito dos verbos-suporte como aqueles verbos que têm um significado bastante esvaziado e formam, juntamente com seu complemento (objeto direto), um significado global que, em geral, correspondem a um verbo pleno da língua.

Ao tratar da delimitação das unidades lexicais, propõe para as construções com verbo-suporte um *continuum* diversificado internamente pelo grau de integração existente entre os dois elementos, situando-as entre os dois grupos extremos de construções.

Num extremo, há expressões cristalizadas ou solidificadas, em que na coligação não possuem nenhuma liberdade, e que constituem verdadeiras ‘fórmulas’ de significado unitário, em que “nem é possível postular um SN em posição de objeto” (NEVES 1999a, p. 98-99), como por exemplo:

João *deu as costas* à Ana num momento difícil.

Nessa estrutura, o verbo *dar* faz parte de uma expressão cristalizada, uma vez que *dar as costas* funciona como um bloco.

Num outro extremo encontram-se as construções do tipo *verbo pleno+objeto direto*, como:

João *deu um brinquedo* para o filho.

Tais construções não formam um bloco semântico, como as expressões cristalizadas e, por esta razão mantêm, no predicado, a identidade semântica individual de cada elemento, que são absolutamente livres. Nessas construções, os dois constituintes (predicado e argumento) exercem funções independentes na estrutura argumental, e guardam, tanto um quanto outro, total individualidade semântica.

Segundo Neves (1999a), a seqüência de graus faz a mediação entre os dois extremos (verbos plenos e expressões cristalizadas), e nesse espaço, situam-se os verbos-suporte, normalmente enquadrados com certo esvaziamento de significado lexical, conservando uma acepção que contribui para o significado total da coligação, como:

João *deu apoio* ao irmão.

De acordo com essas considerações, o vetor a seguir, esboça o comportamento das construções:

- Unidade lexical		+ Unidade lexical
construções livres	construções com verbos-suporte	expressões cristalizadas
dar um brinquedo	dar apoio	dar as costas

Explica ainda a autora, que essas estruturas situam-se ora mais próximas de um, ora de outro extremo, de acordo com o grau de “gramaticalização” a que tenham chegado, ou a que tenha chegado o verbo que as integra, considerando o grau de integração entre os dois constituintes (verbo+nome), que se compõem da seguinte forma:

- i) um verbo com determinada natureza semântica básica, que funciona como instrumento morfológico e sintático na construção do predicado;
- ii) um sintagma nominal que entra em composição com o verbal para configurar o sentido do todo, bem como para determinar as funções temáticas da predicação.

Observa-se que, de acordo com as argumentações de Basílio e de Neves, as estruturas com verbos-suporte têm um estatuto que envolve, simultaneamente, o léxico e a sintaxe.

d) com referência à verificação das noções aspectuais das estruturas *dar uma X-ada* serão usadas as abordagens teóricas de Vendler (1967), Verkuyl (1993) e de Smith (1997). As abordagens dos dois primeiros estudiosos apresentam algumas diferenças, pois, enquanto Vendler baseia-se em valores aspectuais de base lexical, não considerando as nuances que o verbo pode adquirir quando se associa a outros elementos, Verkuyl adota uma noção composicional, em que os valores temporais são relacionados aos diferentes tipos de verbos. Porém, há certa complementaridade entre os dois autores no que se refere aos eventos. Essas abordagens serão explicitadas no subcapítulo 5.2, pois, serão usadas com vistas a explicar algumas restrições que incidem sobre as estruturas deverbais e as denominais, na tentativa de diferenciá-las, tendo como foco o comportamento aspectual delas.

3 O CONCEITO DE VERBO

3.1 Uma abordagem à luz das Gramáticas Tradicionais (GT)

A breve abordagem sobre a conceituação verbal que se segue, objetiva averiguar a concepção dos verbos na tradição gramatical, cujo objetivo principal é de observar possíveis considerações sobre verbos-suporte.

Para Said Ali (1964, p. 94-95) o verbo é “a criação lingüística destinada a expressar a noção predicativa”. Denota ação ou estado, e nas línguas do grupo ariano possui sufixos próprios, com que se distingue a pessoa do discurso e o respectivo número (singular ou plural; em alguns idiomas também o dual), o tempo (*atual*), vindouro ou pretérito e o modo da ação (*real*, *possível*, etc).

Macambira (1982, p. 40) define o verbo como “a palavra que exprime ação, fenômeno ou estado, só tem valor se for vista na perspectiva do tempo; mas ainda assim, é difícil acreditar que o verbo não exprima outras coisas como, por exemplo, qualidade, no caso do verbo azular”: (“*além, muito além daquela serra que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema*”).

Sob a perspectiva tradicional, o conceito de verbo nas obras pesquisadas tem enfoques diferenciados tanto nos aspectos semânticos como sintáticos dessa categoria. Encontra-se em Bechara (1999, p. 129) uma definição como “unidade de significado categorial que se caracteriza por um molde pelo qual organiza o falar seu significado lexical”, não deixando clara a explicação sobre “significado categorial” e “significado lexical”. Além disso, considera os verbos copulativos ou auxiliares que acompanham formas nominais de infinitivo, gerúndio ou particípio que formam com estas locuções verbais, mencionando-os como de significado amplo e vago.

No que se refere às características do verbo que faz parte de um predicado nominal, Bechara (1999) menciona que esse elemento passa por um esvaziamento semântico que ocorre pela junção de um nome, que pode ser um substantivo ou um adjetivo, cuja particularidade é de concordar o predicativo em gênero e número com o sujeito, como, por exemplo: *os aviões são velozes*.

Embora presente como exemplos, estruturas com verbos de ligação, não menciona outras, como *dar pulo* (*pular*), *dar consentimento* (*consentir*), que poderiam ser semelhantes à definição dada, se fosse considerado que esses verbos, mesmo que não totalmente, também são semanticamente esvaziados, e que o nome que se segue a esse verbo é o centro semântico do predicador complexo.

Segundo Cunha e Cintra (1985, p. 367), verbo é “uma palavra variável que exprime um acontecimento representado no tempo”. Essa definição centra-se tanto no aspecto morfológico quanto no aspecto semântico. Os autores recorrem, ainda, ao aspecto sintático quando assumem que o verbo possui “função obrigatória de predicado”, esclarecendo que nem todo núcleo de predicado é um verbo, uma vez que adjetivos e substantivos também podem exercer essa mesma função.

Rocha Lima (1992, p. 250) denomina como “conglomerados” as construções constituídas por *verbo + objeto direto* que “equivalem muitas vezes a verbos simples, como: *ter medo a* (=temer), *ter amor a* (=amar), *fazer guerra a* (=guerrear), etc”. Assim, não trata adequadamente de predicadores complexos formados por *verbo + elemento nominal*.

Embora considere a existência de verbo transitivo ou intransitivo num predicado verbo-nominal e não apenas o verbo de ligação, não leva em conta no predicado, a partilha do verbo com o núcleo da predicação, como em “O João *tem medo* de assalto”.

Desse modo, ao tratarem de predicções verbo-nominais, Rocha Lima (1992, p. 250), Bechara (1999) e Cunha e Cintra (2001, p. 379) subestimam, pode-se dizer, a função de núcleo semântico do elemento nominal (SN) em construções perifrásticas, cujos nomes auxiliam o verbo a selecionar argumentos (*dar tiros, dar pulos, dar amor*).

O verbo *dar*, em Bechara (1999), não aparece em qualquer consideração quanto à noção de verbo, ao expor as categorias verbais como: regulares, irregulares, anômalos, defectivos e abundantes. Conseqüentemente, o leitor, tendo em vista as definições de categorias tratadas nessa obra, pode considerá-lo como “irregular” quanto à flexão e simplesmente como “verbo” (pleno) em construções com *dar + SN* (por exemplo: *dar um lápis* – entregar um lápis, *dar origem* – originar, *dar medo* – causar medo ou amedrontar).

Assim sendo, de modo geral, definem somente três tipos de verbos quanto à função: o verbo principal, de significação plena (núcleo da oração); verbos de ligação, que estabelecem a união entre duas palavras ou expressos de caráter nominal, ou seja, um elo entre o sujeito e o predicativo e verbo auxiliar, considerado desprovido total ou parcialmente da acepção própria, se junta a formas nominais de um verbo principal, formando com elas locuções que apresentam matizes especiais (CUNHA e CINTRA, 2001).

Nesse sentido, as propostas da tradição gramatical são vagas em relação a uma definição satisfatória para a natureza e para as funções verbais, e ainda, que de modo geral, não existe uniformidade de posição entre os gramáticos, porque o mesmo autor pode apresentar diferenças de conceitos em determinados momentos. Há, inclusive, divergências nas variadas classificações entre os autores quanto aos verbos considerados de predicação incompleta e os que exigem complemento.

Uma das críticas feitas ao modelo tradicional é que se trabalhava com ‘frases isoladas’, quando, na realidade, o entendimento de uma seqüência está estreitamente relacionado ao contexto. São também alvos de questionamentos quanto à concepção de transitividade com referência à mistura de conceitos semânticos e formais.

No entanto, em que pese os estudos tradicionais sejam criticados por terem dispensado à língua um tratamento reducionista, é inegável que tenham um peso significativo para os estudos atuais, pois toda criação, em geral, não é inédita, mas uma mescla do que está interiorizado e do novo que está sendo construído. Assim, o estudo desse tipo de gramática constitui-se ferramenta fundamental para a compreensão da forma como a língua tem sido abordada durante séculos. No que diz respeito ao verbo-suporte, objeto deste estudo, não se encontrou, na literatura pesquisada, qualquer referência a essa nomenclatura.

3.2 Uma abordagem à luz da lingüística

Com o surgimento de novas correntes lingüísticas, houve tentativas de explicações para a relação que ocorre entre as diferentes partes da oração, com base nas definições verbais.

Câmara Júnior (2007, p. 298) denomina o verbo como a “classe que se opõe aos nomes pela natureza dos seus semantemas: indicam os processos, quer se trate de ações, de estado ou da passagem de um estado a outro”. Destaca que sua significação é dinâmica por referir-se aos movimentos em seu sentido *lato*, ou seja, ao que se passa nos seres ou por intermédio dos seres. Caracterizam-se por trazerem em si uma idéia temporal (de duração ou resultado do processo; do momento da sua ocorrência), idéia essa que pode assumir o caráter de aspecto ou de tempo. Segundo o autor, o verbo é uma palavra sujeita aos processos flexionais e que expressa processo, ação, estado, mudança de estado, fenômeno da natureza, desejo e mesmo existência. Enquanto os nomes indicam propriedades estáticas dos seres, o verbo denota movimentos; por isso, tem características de dinamicidade. Contudo, com referência à distinção entre verbo e nome, o autor deixa de abordar a questão de nomes que também indicam movimento, ou seja, não têm propriedades estáticas, como, por exemplo, *explosão*, *movimento*, entre outros.

Segundo Perini (1985, p. 367), verbo é uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, ou seja, um acontecimento representado no tempo. Esta definição foi posteriormente criticada, pois, de início, já seria dificilmente aplicada a casos concretos, diante de palavras desconhecidas, por exemplo.

Borba (1996) adota uma abordagem sintático-semântica no relacionamento dos verbos com seus constituintes frasais, partindo da noção de que a valência verbal é a consideração do verbo como unidade lexical portadora de características morfológicas.

Essa abordagem revela a vinculação entre a natureza semântica do verbo e o número de argumentos que ele exige em termos de subcategorização de traços que implica as restrições seletivas. A concepção valencial, além de considerar os complementos tradicionais (objetos), os complementos circunstanciais (de tempo, lugar, etc.) e o próprio sujeito, abrange também o nível semântico.

O autor acrescenta que deve haver maior abrangência no estudo dos verbos, levando em conta os verbos funcionais, os modais e os substitutos, inserindo no bojo dos verbos funcionais, os auxiliares e os verbos-suporte. Afirma que há verbos-suporte que se associam a um sujeito causativo; portanto, chamados de verbos-suporte causativos. Cita como exemplo a seguinte sentença: “Tempestades dão medo (=amedrontam)”. Em seguida, afirma que os causativos são

causar, seus equivalentes (*ocasionar, acarretar, etc.*) e também *dar, fazer, pôr* diante de nomes abstratos que designam sensações que se associam a alguma causa: “Aquela caratonha causava (*dava, metia, fazia*) medo (*pavor, espanto, repulsa*)” e “Certas músicas *dão* alegria (tristeza, angústia, entusiasmo)”.

Numa outra direção tem-se o olhar de Travaglia (2003, p. 153), relacionado ao ensino/aprendizagem dos verbos e ao desenvolvimento da competência comunicativa que, em certos aspectos, engloba o trato social com a língua.

Suas reflexões apontam para a implementação do ensino do verbo voltado para as formas de flexão, identificação e denominação, cuja preocupação central é a significação, adequação à produção de efeitos de sentido e às situações de uso. Destaca que o ensino dos verbos tem deixado a desejar quanto ao aspecto do desenvolvimento da competência comunicativa, pois a atenção é direcionada quase exclusivamente para a morfologia do verbo, observando que as noções de *aspecto, modo e modalidade* são confusas.

Dentre outras observações, lembra que os aspectos sintáticos ficaram restritos às recomendações da Gramática Normativa, como se ao longo dos anos nada se tivesse desenvolvido sobre o estudo dos verbos; suas formas e categorias; suas possibilidades significativas; seu funcionamento textual-discursivo, ou seja, de se atentar para as nuances que adquirem os elementos dentro de determinados contextos, com abrangência não só no domínio da sintaxe, mas também da semântica, da pragmática e do discurso.

Tem-se conhecimento acerca do assunto, em pesquisa diacrônica, como a de Mattos e Silva (1995), tendo sido constatado que no português arcaico empregavam-se os verbos *ter e haver* em estruturas que expressavam noção de posse (*ter medo/haver medo=temer*).

Tal estudo tem base na Gramática de João de Barros (1540) em que esses verbos teriam o nome de “*verbos neutros*”. Em outros termos, são concepções de “conglomerados” verbais que apenas se avizinham às construções com verbos-suporte, como em Rocha Lima (1992), cujo entendimento para uma construção com *verbo+objeto direto* equivale a um verbo simples.

3.3 Do Verbo Pleno ao Verbo-Suporte

Também denominado verbo principal, o verbo pleno, de acordo com Travaglia (2003, p. 311-312), funciona como núcleo do predicado e rege complementos diretos. É um sintagma verbal simples porque compõe predicados simples (verbo predicador), que tem conteúdo nocional, valor lexical, e expressa ações, fatos, fenômenos etc., como ocorre com o verbo *dar* na sentença seguinte:

Pela manhã, Ana *deu um café* ao empregado.

Como se observa, o verbo *dar* na construção acima, possui um comportamento ‘autônomo’, tem estrutura semântico-lexical que lhe permite abrir lugares vazios destinados a argumentos, podendo desempenhar sozinho a função de predicação. Além disso, seleciona elementos que desempenham a função de sujeito, atribuindo-lhe papel semântico/temático, impondo, inclusive, restrição de seleção semântica. Veicula a noção de transferência e projeta três argumentos, um dos quais, com o traço [+concreto].

Mateus *et alli* (2004, p. 311) classificam os verbos quanto ao papel que desempenham, baseando-se nas propriedades de seleção categorial de cada item lexical verbal. Entre as categorias verbais descritas, enfocam os verbos plenos e verbos leves (ou *verbos-suporte*).

Ao tratar dos verbos plenos, as autoras utilizam o aspecto semântico, denominando-os núcleos semânticos da oração, ou seja, núcleos lexicais plenos, caracterizados por determinadas propriedades de seleção semântica (número de argumentos e respectivo papel temático) e sintática (categoria de cada argumento e relação gramatical que assume na oração).

Assim, o verbo pleno pode ser o mesmo que compõe uma estrutura com verbo-suporte; porém, os elementos exercem papéis independentes na estrutura argumental (predicado e argumento) e guardam, cada um ao seu modo, total independência semântica.

3.4 Verbos-Suporte

Segundo Athayde (2001, p. 9), o termo verbo-suporte “verbe-support” vem de uma importação francesa, cuja designação foi proposta pelo L.A.D.L (*Laboratoire d’Automatique da Universidade Paris VII e Paris VIII*), no âmbito dos estudos orientados pelo Léxico-Gramática por Maurice Gross.

De acordo com a pesquisadora, desde a década de 60, as construções com verbos-suporte já vêm sendo objeto dos estudos germanísticos, sobretudo, por Engelen (1968) que cunhou o termo como ‘*Funktionsverbgefüge*’ na terminologia alemã. Essa designação foi usada pela primeira vez por Engelen (1968), em substituição ao termo ‘*Funktionsverbformel*’, já utilizado por Polenz (1963), sendo a denominação mais adotada pelos investigadores alemães para as construções com verbo-suporte (CVsup). Na investigação alemã, o termo generalizou-se como “*Funktionsverb*”, a partir de Polenz (1963). Em Bresson (1997, p. 370, apud ATHAYDE, 2001), encontra-se a designação “*Stützverb*”, importada do francês.

De modo semelhante, o centro de estudos germanísticos de Coimbra tem se dedicado às construções com verbos-suporte (ATHAYDE, 2001, 2005) que, em consonância com os investigadores alemães e franceses, tem uma acepção *lata* do conceito de verbo-suporte, englobando, também, os verbos chamados de “operadores de causatividade” e “operadores de ligação”. Tais estudos representam grande contribuição no âmbito da lingüística descritiva, por ampliar essas pesquisas, estabelecendo, inclusive, uma visão contrastiva das construções portuguesas com as germanísticas em formações preposicionadas e não-preposicionadas. Especialmente, na literatura francesa, os verbos-suporte têm sido investigados, cientificamente, em larga escala, por M. Gross (1975, 1976, 1990), Gross e Vivès (1986) e por Giry Schneider (1976, 1978, 1987).

Outros investigadores da língua portuguesa que também contribuíram para esses estudos podem ser citados, Arruda (1987), Vaza (1988), Ranchhod (1990), Freixo (1992) e Baptista (1997).

No português brasileiro, os verbos-suporte vêm sendo tratados por Borba (1996), Neves (1996, 1999a, 1999b, 2002, 2006), Basílio (2001, 2003), Martins e Dias (2001). Também sob a denominação de verbos leves, por Scher (2001, 2004) e Liz (2005).

De acordo com Neves (1999a), os verbos-suporte são verbos de significado lexical parcialmente esvaziado que formam juntamente com seu complemento (objeto direto), um significado global que, em geral, têm correspondência com o verbo pleno da língua, constituindo-se uma classe especial de verbos, como (*dar, ter, fazer, pôr, tomar*).

Segundo a autora, são verbos que “entram na construção de predicções em condições particulares, as quais os retiram do estatuto de centro da matriz predicativa” (NEVES, 2006, p. 58-59), como é o caso da construção abaixo:

João *deu um golpe* no braço do ladrão.

De acordo com esse entendimento, os verbos-suporte não constituem o núcleo do predicado para o preenchimento da estrutura argumental na construção de orações, porque dividem a responsabilidade da predicação com o nome que com ele compõe a combinatória.

Para Neves (2006, p. 63),

fica evidente um molde morfossintático bem definido (em que os elementos básicos são um verbo leve e um nome abstrato com responsabilidade na determinação dos papéis semânticos dos argumentos), o qual permanece aberto a um preenchimento extremamente variado.

Em vários casos, o verbo-suporte (ou leve) admite uma qualificação que não seria possível com verbos plenos, pois ele requer um complemento em forma de SN que admite ser qualificado diferentemente do SV. O nome que o acompanha, por sua vez, deixa de funcionar como objeto direto, passa a particularizar o significado e forma um predicado complexo, funcionando como predicante, orientando um evento ou classificando um referente.

Em geral, é possível se observar que há uma relação de paráfrase entre o verbo em construções de suporte e o verbo pleno. Porém, essa relação não é uma condição imprescindível para

definir esse tipo de verbo, visto que há construções que não possuem correlação semântica constituída por verbos simples, como ilustra o exemplo, a seguir:

João *deu uma canelada* no irmão.

*João *canelou* o irmão.

Ao tratar da delimitação das unidades lexicais, a autora argumenta, ainda, que é sempre possível haver uma correlação entre os níveis gramatical e lexical na combinação de elementos, pois o falante, ao escolher uma forma, esta pode funcionar como gatilho para a escolha da outra e uma delas perde mais de seu estatuto lexical, ou seja, uma caminha mais do que a outra em direção a um estatuto gramatical.

Os verbos-suporte são também conhecidos como verbos leves pela literatura lingüística inglesa, como verbos funcionais ou verbalizadores, no português brasileiro, pela Gramática de Valências e como compostos lexicais ou ainda verbos neutros, no português arcaico. Recebem esses nomes porque “suportam” as categorias de modo, de tempo, de número e de pessoa, além de manterem suas propriedades gramaticais de flexão e de concordância.

Segundo Scher (2004, p. 23), o termo verbo leve ‘light verb’, foi introduzido na literatura lingüística inglesa por Jespersen (1949). Sua intenção era fazer referência a uma tendência geral do inglês moderno de usar um verbo tematicamente vazio, ao qual se associa um elemento nominal, responsável pela idéia “realmente importante” da sentença, ou seja, pelo evento ou ação que vem expressa pelo elemento nominal seguinte. A pesquisadora verifica que essa tendência não é uma particularidade do inglês, mas que pode ser observada em muitas línguas naturais, demonstrada por muitos trabalhos, em diferentes línguas européias, como também no japonês, coreano, persa, curdo, mandarim, dentre outros e, no português, repete-se a mesma tendência.

Essa diferença de denominação, de acordo com Laporte (2009) - em contribuição de orientação - deve-se ao fato de que ‘verbo-suporte’ é usado em estudos lexicais que se interessam pelo conjunto de nomes a ele associados e, por isso, usam critérios eficazes do estatuto de construção com verbo-suporte, mesmo que esses critérios sejam diferentes em função das línguas estudadas e das categorias de predicados. Já o termo ‘verbo leve’ é

geralmente usado por autores que evitam o estudo do léxico e a definição ou o refinamento de tais critérios.

De acordo com a literatura pesquisada, percebe-se certa escassez com referência aos estudos sobre os verbos-suporte no português brasileiro e que existem ainda lacunas sobre a questão dos predicados complexos dessas estruturas, sobretudo no que se refere ao grau de complementaridade de funções entre o verbo e o nome. A esse respeito, cabe a seguinte indagação: Como explicar a coesão entre os dois constituintes principais da construção com verbo-suporte?

Athayde (2005), ao analisar os pontos de vista de vários investigadores alemães, argumenta em favor da tese de Detges (1992) de que nos predicados não-verbais, ao contrário dos predicados verbais, as duas dimensões semânticas – relativas ao tipo de estado de coisas e às áreas temáticas representados – se encontram distribuídas de forma sistemática pelos dois formativos da construção: o formativo não-verbal (um nome), num predicado substantival; um adjetivo num predicado adjetival; um nome, numa construção com verbo-suporte e o formativo verbal (verbo copulativo ou verbo-suporte).

Nessa perspectiva, Scher (2004), quando retoma Campbell (1989), destaca que alguns trabalhos sobre as construções com verbos-suporte dividem as opiniões sobre a responsabilidade pelas informações quanto à natureza interpretativa do conjunto formado entre os constituintes: por um lado, há os que argumentam em favor da existência de uma classe fechada de verbos, (os verbos-suporte), que podem impor restrições de seleção categorial a seus argumentos, mas não são capazes de atribuir-lhes propriedades temáticas, e por isso, o complemento desse verbo deve ser um predicado que seja capaz de marcar tematicamente os outros argumentos da construção. Por outro lado, os que defendem que o verbo-suporte se caracteriza por apresentar uma estrutura argumental vazia e propõem um processo de transferência argumental que se realiza no predicado nominal para o verbo-suporte na estrutura.

Em contrapartida, outros trabalhos sobre essas construções vêm demonstrando que o verbo-suporte traz maiores contribuições com referência às posições sintáticas para os argumentos temáticos de outros predicados, ou comumente marcas de tempo e concordância, ressaltando o

caráter geral de diminutivização, podendo apresentar propriedades de traços aspectuais em construções, em línguas naturais.

Mateus *et alli* (2004) somente tratam de construções com verbo *suporte* ou *leve dar* que apresentam uma situação eventiva do tipo transferencial, desconsiderando construções como *dar pulos* e *dar baixa*, que apresentam valor genérico de atividade, sem reter valor de transferência. As autoras procuram distinguir os verbos “plenos” dos verbos “leves”, afirmando que estes “sofrem um processo de esvaziamento lexical – gramaticalização – que permite que o centro semântico da frase se desloque para expressão nominal” (MATEUS *et alli*, p. 312) que o acompanha. Acrescentam, ainda, que a grelha argumental que o verbo tem como pleno permanece, o que aponta para o não-esvaziamento lexical completo.

Nesse sentido, há estudos no português brasileiro (ESTEVES, 2008) sobre construções com *dar+SN* em que essa estrutura, por fazer parte de construções de comportamento sintático-semântico regular, o verbo *dar* pode ser funcionalmente categorizado em uma cadeia de gramaticalização que abarca as seguintes categorias: verbo *predicador pleno* (\emptyset pleno ou principal), *verbo predicador não-pleno*, *verbo predicador a verbo-suporte*, e *verbo-suporte*. Nesse sentido, como verbo predicador (pleno ou não pleno), *dar*, além de possuir comportamento lexical na estruturação do enunciado, é o único responsável pela atribuição de papel temático ao(s) seu(s) argumento(s), como:

Acabei *dando a pasta* a ele, depois ele pediu prá eu saltar do ônibus [...]¹.

Como *verbo-suporte*, *dar* apresenta uma extensão de sentido/uso de um verbo predicador e associa-se a um elemento não-verbal, partilhando com este a função de projetar argumentos e atribuir-lhes papel temático.

Ontem à noite *deu banho* (\emptyset banhou) no cão.

Ao manifestar traços da forma fonte e da forma alvo, de acordo com essa noção, o verbo *dar* pertence a uma categoria intermediária: a categoria *verbo predicador a verbo-suporte*, que contempla os casos em que pode ser interpretado como *predicador*, o núcleo sintático-

¹Exemplos de Esteves (2008).

semântico da predicação, e como *verbo-suporte*, forma semi-gramatical, que compartilha a função predicante com o SN, tornando-se o núcleo sob a influência do verbo.

A diferença entre o predicador *pleno e não pleno* é o fato de este ser uma extensão semântica daquele, ou seja, enquanto o *predicador pleno* apresenta significado básico de transferência de algo concreto, o *predicador não pleno* pode apresentar transferência metafórica, como:

Ele *deu* calor à minha vida.

Ou ainda valores não transferenciais, como:

A falta de dinheiro *dá* (\emptyset *causa*) um problema danado.

Segundo a pesquisadora, essa interpretação leva a considerar que o significado de *dar* causativo não está esvaziado, já que possui a acepção de “causar”, sendo, portanto, uma extensão de sentido do *verbo predicador pleno dar* (único núcleo da predicação com valor transferencial) e, por isso, seria considerado um “*verbo predicador não-pleno*”. Esteves (2008) esclarece ainda que do mesmo modo que Borba (1996), o verbo *dar*, nessa construção, poderia ser considerado como um *verbo-suporte causativo*, porque além de ser esvaziado de significado, é seguido de um elemento nominal, que é núcleo da predicação, cujo papel é de verbalizar esse elemento, fazendo com que seja formado um todo significativo.

Sob esse aspecto, cogita a possibilidade de dupla interpretação apontando a necessidade de se perceber que no processo de categorização verbal, pressupõe-se a existência de categorias híbridas que flutuam num *continuum*, cujos extremos são *verbo pleno* e *verbo-suporte*. Explica que mesmo com essa flutuação, o verbo *dar* mantém a sua grelha argumental de verbo pleno, evidenciando que o esvaziamento lexical não é completo, ou seja, embora tenha sofrido um processo de esvaziamento, o verbo-suporte conserva ainda alguns traços semânticos genéricos.

Dentre as considerações dos autores pesquisados, Neves (1999a, 2002, 2006), Athayde (2001, 2005) e Scher (2004), pode-se observar certa convergência no que se refere à questão do esvaziamento lexical parcial do verbo-suporte que, conseqüentemente, pode se refletir na semântica das estruturas.

Diante das diversas abordagens, é possível argumentar que tanto o verbo-suporte como o nome predicativo são portadores de traços que incidem na determinação dos tipos de papéis semânticos da construção. Essa partilha de tarefas entre os dois formativos da construção com verbos-suporte pode ser entendida como reflexo da estrutura semântica própria de cada um dos constituintes referidos.

Nesse sentido, a função do verbo-suporte é a de determinar o tipo de estado de coisas representado pelo predicado complexo (verbo e nome) de que faz parte, de conduzir os traços de causatividade e não-causatividade, contrariando as posições de investigações que o consideram um mero portador das categorias verbais. É, portanto, essa complementaridade de funções que permite argumentar que os verbos-suporte não são totalmente vazios, pois contribuem para o significado do ‘arranjo’ do qual faz parte. Além disso, esses verbos possuem funções diferentes dos verbos auxiliares e, também porque, em geral, se realizam tanto como suporte como verbos plenos de uma língua, como ocorrem no português do Brasil.

A posição adotada neste estudo assemelha-se à de Neves que defende para as construções com verbos-suporte um *continuum* diversificado, situando-os entre os dois extremos (entre os verbos plenos e as expressões cristalizadas). Isso significa que os verbos dessas construções, por fazerem parte de uma categoria híbrida, podem apresentar características gramaticais e/ou lexicais, não ocorrendo um completo esvaziamento lexical, por conservarem alguns traços semânticos genéricos, que colaboram para maior ou menor integração entre o verbo e o nome nas perífrases.

O detalhamento de itens que possam identificar ou distinguir uma estrutura com *dar* como verbo pleno ou como verbo-suporte apresenta-se no capítulo 5.

4 ALGUNS TIPOS DE ESTRUTURAS *DAR+SN* COM VERBO-SUPORTE

O objetivo dos subcapítulos 4.1 e 4.2, a seguir, é apresentar algumas estruturas com verbos-suporte *dar+SN* com a presença e ausência de artigos. O emprego de suas formas (indefinido, definido ou a sua ausência) está relacionado à expressão da referência e da definitude, possibilitando diferentes nuances, conforme o caso, tanto do ponto de vista semântico como discursivo.

Segundo G. Gross (1988), a escolha dessas formas (ou sua ausência) depende da mensagem que o locutor pretende expressar. Nesse particular, o uso dos artigos estabelece uma conexão privilegiada com a função proposicional da referência que o nome exerce, e as dificuldades do seu uso devem-se ao fato de o nome não exercer a função ‘natural’ nas construções com verbos-suporte. Essas dificuldades são impostas pela rigidez do léxico que revela o uso diferenciado dos artigos, conforme a natureza semântica dos formativos nominais e também os diferentes graus de coesão (fixação lexical) entre os seus constituintes.

4.1 *DAR+SN* (*SN* com determinante)

O *artigo indefinido* tem uma função distinta, pois realiza nos enunciados uma operação de extração de um elemento singular, indeterminado de certo conjunto, ou seja, possui aspecto disjuntivo (MATEUS *et alli*, 2004, p. 163).

Nessa mesma linha de raciocínio, Neves (2006, p. 140), afirma que o relacionamento dos diferentes tipos de referenciação que marca “o aspecto disjuntivo da indefinidade é a consequência da incapacidade do ouvinte para saber de qual referente, dentre o número finito ou infinito dos possíveis se esta falando, ou qual está incluído na referência do falante, ou está sendo excluído dela”.

Assim, a definitude é determinada no contrato comunicativo entre falante e ouvinte que partilham conhecimentos a partir de algo pressuposto. Dentre os tipos de referenciação, a

autora destaca:

- o artigo definido: possibilita ao ouvinte delimitar o conjunto de objetos da referência;
- o artigo indefinido: não é possível ao ouvinte saber qual dos conjuntos indefinidos de referentes potenciais está sendo incluído ou excluído na referência.

Com base nas referidas explicitações, são analisados alguns exemplos, mostrando como os determinantes (artigos indefinido e definido) se comportam nas estruturas:

- 1) a. Ana deu *uns* conselhos à Maria sobre os estudos.
- b. Ana deu *um beijo* no namorado.

A diferença entre o uso do artigo nas duas construções deve-se ao fato de: (1a) o artigo indefinido (*uns*) denota idéia de indeterminação dentro de um universo do mesmo tipo, e em (1b) o artigo (*um*) tem comportamento de especificador.

Observa-se que quase não há restrições sobre o determinante do objeto, desde que haja conhecimento compartilhado entre falante e ouvinte. No caso do *artigo definido*, a construção (2a) é formada com o verbo-suporte e em (2b) é formada com verbo pleno, ou seja, é uma paráfrase de (2a):

- 2) a. O padre deu *o* batismo ao filho da Ana².
- b. O padre *batizou* o filho da Ana.

O artigo definido é, em geral, um mero designativo, para apresentar um *ser* ou objeto isolado da mesma espécie. Embora com menor freqüência, é usado, muitas vezes, para substituir o pronome demonstrativo (*aquela*) que, normalmente, ocorre para enfatizar uma situação específica:

- 3) a. João deu *aquela* resposta que todos esperavam.
- b. João deu *a* resposta que todos esperavam.

² Exemplos de G. Gross (1988).

O artigo indefinido *um(a)* não seguido de modificador pode ser considerado como um determinante básico e que impõe ao substantivo que o segue, o mínimo de restrições sobre as propriedades distribucionais e transformacionais.

- 4) a. Ana *deu (uma/ umas) resposta(s)* a esta questão.
- b. Ana *deu (uma/ umas) ordem(s)* ao empregado.

Substantivos no plural obrigatório podem ser *seguidos ou não do (artigo definido)*, sem alterar o sentido.

- 5) a. Ana *deu os parabéns* ao aniversariante.
- b. Ana *deu parabéns* ao aniversariante.

Segundo Athayde (2005), tendo em vista que os nomes não exercem nas construções com verbos-suporte a sua função ‘natural’, pois, situam-se numa zona de transição entre a sintaxe e o léxico, os constituintes de uma estrutura com verbo-suporte possuem certa liberdade de variação e comutação. Essa liberdade é, de certo modo, limitada por impedimentos do próprio léxico. Nesse sentido, é possível que, pelo menos, duas questões possam ser formuladas:

Até que ponto o uso dos artigos reflete o caráter híbrido das construções com verbo-suporte? Em que medida a eventual comutação de uma forma do artigo por outra numa determinada construção pode ocasionar reflexos na semântica global da construção com verbo-suporte?

Segundo Athayde (2005), o nome que é acompanhado de um artigo definido, por exemplo, denota um objeto da realidade (extralingüística), tido como objeto único e identificado, ou melhor, designa um objeto específico.

Do ponto de vista pragmático, o definido aponta para o fato de que o objeto designado é conhecido pelo locutor e pressupõe a sua identificação, sem ambigüidade, pelo alocutário do enunciado. Ou seja, o artigo definido está associado a situações de interlocução, a partir do conhecimento partilhado entre os falantes. As sentenças a seguir ilustram o comportamento da comutação dos artigos:

- 6) a. Ele *deu um* grito de desespero.

- b. Ele deu *o* grito de desespero.
- c. Ele deu *gritos* de desespero.

Segundo o entendimento de G. Gross (1988), o artigo pode trazer informações sintáticas suplementares nas construções com verbo-suporte, conforme mostram os exemplos abaixo:

7) a. João dá *uma bofetada* em Ana³.

Nessa construção (7a), o artigo indefinido (*uma*) tem o papel de especificador que atua juntamente com o nome (*bofetada*). Quando o indefinido é substituído por um numeral, este exerce o papel de quantificador, como no exemplo a seguir:

7) b. João deu (*duas/ várias*) bofetadas em Ana.

Observa-se que a variação em número do determinante leva também à alteração do tempo verbal, como segue:

7) c. João dá bofetadas em Ana.

Quando a forma nominalizada ocorre no plural, no caso, *bofetadas*, permite a ausência do determinante envolvendo questões de ordem aspectual, com interpretação iterativa ou habitual.

Como se pode observar nos exemplos mencionados acima, de acordo com as diferentes formas de emprego, os artigos podem expressar idéia de especificação (*dar uma bofetada*); quando substituído por um numeral ou pronome indefinido, de quantificação (*dar duas/ várias bofetadas*), ou de generalização (*dar Ø bofetadas*). Assim, o indefinido, tanto pode ter a função de especificação como de quantificação e o definido marca, sobretudo, uma especificação (*dar a/ aquela bofetada*).

O definido transforma as seqüências N+atributo num único conceito, numa unidade semântica. Já o indefinido, ao colocar um foco de contraste no atributo, impede a incorporação dos elementos do SN. Além disso, há possibilidade de o indefinido ocorrer tanto em enunciados

³ Exemplo de G. Gross (1988).

genéricos como nos de especificação. Ao contrário do que ocorre com o definido que denota toda uma espécie, com o indefinido, o nome designa um membro típico de dada espécie que funciona como um representante da classe em que se insere.

Com referência aos questionamentos formulados, é possível argumentar que o uso dos artigos pode interferir no sentido de uma estrutura como um todo, e tem relação direta com os diferentes tipos de construção com os verbos-suporte.

Nessa perspectiva, entende-se que o caráter híbrido das estruturas com verbos-suporte está atrelado à presença ou à ausência dos artigos, cuja mobilidade do emprego influencia no grau de coesão do SN dessas estruturas. Em outras palavras, eles têm relevância na organização da construção e, conseqüentemente, no aspecto semântico delas.

4.2 DAR+SN (SN sem determinante)

A ausência de artigo junto ao nome marca, fundamentalmente, a natureza de não especificidade (genérica) de determinados tipos de nomes para designar não um “indivíduo” específico, mas de toda uma espécie. Este uso é comum em casos de nomes massivos, em construções sintáticas como enumerações ou em expressões cristalizadas (CUNHA e CINTRA, 2001).

Saraiva (1997, p. 17), ao investigar a questão da incorporação do sintagma nominal, denomina por *SN nu objeto* aquele constituído somente do nome comum (núcleo) na sua forma básica, sem marca de plural. Já os SNs constituídos do nome no singular ou plural, acompanhados de determinantes e/ou modificadores, são denominados de SNs plenos. As construções (1a-b) a seguir mostram essa distinção:

- 1) a. *Dei suspensão* no(s) aluno(s) depois de várias faltas.
- b. *Dei (uns) conselhos* à Ana para estudar.

Segundo G. Gross (1988, p.2-5), “a ausência de determinante e consequentemente, a impossibilidade de ocorrência de um modificador, ou seja, a não-variação em número, faz com que essas construções com determinante cristalizado constituam, em relação à construção verbal, o menor desvio semântico possível”. Em outras palavras, o SN (*dar abrigo*) possibilita a paráfrase com o verbo pleno (*abrigar*).

2) a. O patrão *deu abrigo* a Pedro⁴.

A frase (2a) significa que o patrão *acolheu Pedro*, o que não ocorre em (2b), em que a presença do determinante faz interpretar *abrigo* como *casa*, por exemplo.

b. O patrão *deu um (abrigo= casa)* a Pedro.

No exemplo a seguir, a ausência do determinante admite um modificador adjetival, mesmo que este modificador esteja na forma de um advérbio:

c. João *deu abrigo confortável* a Pedro.

d. João *abrigou confortavelmente* Pedro sob seu teto.

Observa-se, assim, que nos exemplos de (2c) e (2d) a ausência ou não do determinante ou de modificador têm influência no significado das estruturas, em que *abrigo*, ora é interpretado como uma proteção, no sentido figurado, como em (2a), ora representa um objeto concreto, como em (2b). Tendo em vista que o nome *abrigo* oferece mais de uma interpretação, muitas vezes, é necessário um contexto maior para que seja diferenciado o sentido concreto do figurado, como poderia ocorrer no exemplo (2a): *O patrão deu abrigo a Pedro quando estava em dificuldades*. Para a estrutura (2b): *O patrão deu um abrigo a Pedro por ocasião daquela enchente*.

A ausência do artigo, em certas circunstâncias, marca uma característica de generalização, ou seja, a natureza não específica do ato de denotação realizada por um nome.

3) a. Amigo fiel *dá apoio* no momento exato.

⁴ Exemplo (2a-b-c-d) são de G. Gross (1988).

Esta é uma característica também das expressões cristalizadas (ECs), em que a ausência do artigo marca justamente o elevado grau de fixidez que o uso cristalizou. Esse fato não significa dizer que as ECs não possam ocorrer com a presença de artigo.

Nesse exemplo, também poderiam ser empregados os determinantes (*o/ um*), conforme explicitado no subcapítulo 4.1:

- b. Amigo fiel dá *o* apoio no momento exato.
- c. Amigo fiel dá *um* apoio no momento exato.

Ou ainda com o possessivo correferente ao sujeito, conforme G. Gross (1988, p. 74):

- d. Amigo fiel dá *seu* apoio no momento exato.

Segundo Cunha e Cintra (2001, p. 234), “evita-se empregar o artigo indefinido quando já existe anteposto ao substantivo, um pronome demonstrativo ou um pronome indefinido [...]”, como no exemplo abaixo:

- e. ?Naquela ocasião, um amigo me *deu um certo apoio*.

Em certos casos, a generalização pode ser marcada pela ausência do artigo ou pela sua presença. A ausência do artigo também ocorre quando a sentença está na forma negativa ou interrogativa, como:

- g. *Nunca* dei apoio a coisas erradas.
- h. Você *deu* apoio a coisas erradas?

Antes de expressões denotadoras de quantidade indeterminada, constituídas por substantivos, como (*coisa, gente, infinidade, multidão, número, parte* etc.) ou por adjetivos, como (*escasso, excessivo, suficiente, etc.*).

- i. Ana deu *parte da resposta* à questão.
- j. Ana deu *suficiente resposta* à questão.

Em princípio, as formas comparativas de igualdade constituídas por (*tão ou tanto*), podem ocorrer com a ausência do artigo.

l. Nunca te dei *tanto apoio* como agora.

Nas formas comparativas de superioridade ou de inferioridade, sobretudo quando expressas na forma negativa ou interrogativa, formadas por (*maior, menor* etc).

m. A Ana não deu *maior apoio* naquela emergência do que nesta.

n. Você deu *menos apoio* à Maria do que ao João?

Admite-se ainda a ausência de artigo nas enumerações, em que se obtém um efeito de acumulação, como:

o. Naquela semana, Ana deu *apoio, ajuda, atenção aos colegas*.

A ausência de artigo com o nome no plural sinaliza o caráter indefinido do referente:

p. Ana deu *consentimento* no momento solicitado.

Esse é o mesmo caso do exemplo em (3a) ‘amigo fiel *dá apoio* no momento exato’ - que ocorre, normalmente, sem determinante e que vai de encontro à posição de Athayde (2005) quando defende que o emprego do V+N sem artigo é uma estrutura que está mais próxima da cristalização, pois já possui certa fixação entre os constituintes.

Nesse sentido, diversos são os tipos de construções em que ocorre a presença ou a ausência do determinante. O uso desses elementos relaciona-se, sobretudo à função de referência e à ausência de atributo não especificado do nome. É possível observar que, embora sejam verificadas algumas regularidades, o uso das diferentes formas do artigo nas construções com verbos-suporte não deve ser orientado por regras gerais, devido aos diferentes graus de autonomia que possuem junto aos nomes nas variadas combinatórias das quais fazem parte.

Quanto à ausência do determinante, trata-se de uma das marcas da fixação lexical entre os constituintes que, num uso não-marcado, opõem-se, num uso marcado, possibilitando a comutação das formas de artigo. São essas diferentes formas, (de emprego ou não do artigo), que aproximam as construções com verbos-suporte mais produtivas de outros tipos de construções mais livres ou de maior fixidez.

Nos próximos subcapítulos 4.3 e 4.4 pretende-se investigar as propriedades morfossintático-semânticas que definem as formações denominal e deverbal, respectivamente, com o objetivo de estabelecer a distinção entre as duas formações. Para discutir o processo de formação de palavras - nominalização - são adotadas as abordagens da Teoria Lexical, de Basílio (2002) e de Mateus *et alli* (1990).

4.3 **DAR+SN (SN = UMA X-ADA DENOMINAL)**

São apresentadas neste subcapítulo algumas reflexões acerca da formação e do comportamento das estruturas com verbo-suporte *dar+SN* denominal, sob o ponto de vista das propriedades morfossintático-semânticas.

De acordo com Basílio (2002), para as estruturas *dar+SN* denominais, a categoria que serve de base para a nominalização é um nome, representado por N. Com a adição do sufixo *-ada*, ocorre uma mudança semântica, que permite ao falante formar substantivos a partir de outros substantivos, como: *garrafa/ garrafada; caderno/ cadernada*, conforme é ilustrado a seguir:

a) Ana *deu uma garrafada* no ladrão.

Garrafa (base-Nome) - sufixo *-ada* - garrafada (nome)

Vê-se que com o sufixo *-ada* a categoria da base se mantém a mesma na palavra complexa (*garrafa/ garrafada*): *garrafa* é um nome e *garrafada* continua sendo um nome. A partir desse raciocínio, a palavra simples *garrafa* sofre um processo de nominalização denominal, resultando no nome *garrafada*. Para que haja um processo de nominalização, é necessário que o nome tenha os seguintes traços:

[+N] [-V] nominalização denominal

N N+(*ada*)

Caderno – cadernada *ada*

Garrafa - garrafada *ada*

Desse modo, as formações denominais em *-ada* apresentam, em sua maioria, as seguintes características: i) são derivacionais; ii) não mudam a categoria sintática de base – garrafa (N); garrafada (N); iii) em alguns casos, podem interferir na definição do gênero – o caderno [+masc]; a cadernada [+fem].

b) João deu uma *cadernada* em Maria.

Observa-se que a base *caderno* pertence ao gênero masculino e, quando a ela se adiciona o sufixo *-ada*, tem-se um Nome de gênero feminino.

Para os exemplos (*caderno/ cadernada*) há mudança de gênero; para (*garrafa/garrafada*) o gênero permanece o mesmo. Esse fato ocorre porque é adicionado às bases (*garrafa e caderno*) o sufixo *-ada*.

A atuação desses sufixos está relacionada, sobretudo, às palavras simples e complexas. Mateus *et alli* (1990) estabelecem uma distinção nesse sentido, definindo que quando o sufixo formador da palavra é um dos morfemas *a*, *e* ou *o*, a palavra é simples; quando o sufixo é diferente dos morfemas citados, são formadores de palavras complexas, uma vez que eles são o resultado da aplicação do processo de formação de palavras. Como exemplo, o nome *alfinete*:

o alfinete - a alfinetada

um alfinete - uma alfinetada

*um alfinetada - o alfinetada

Alguns estudos atribuem o sufixo *-ada* de modo mais generalizado, ou seja, um só sufixo para as formações denominais e deverbais. Porém, Liz (2005), com base nas reflexões de Alina Villalva (cp), constata que os sufixos dessas estruturas são distintos, (*-ada* e *-da*,

respectivamente), como uma maneira de abarcar as três conjugações verbais. Também Basílio, em seus trabalhos faz referência ao sufixo *-da* para a formação deverbal. Neste estudo adotamos os dois tipos de sufixos *X-(a)da*⁵ para diferenciar as duas formações.

Com referência ao processo de formação de verbos a partir de nomes, Basílio (2004, p. 36) afirma que esses verbos se concentram na denotação de ações definidas pelo substantivo base, sobretudo como objeto da ação e também como instrumentos, como (*carimbo/ carimbar, pincel/ pincelar, lixa/ lixar, etc.*).

Nesse sentido, o exemplo (d) a seguir, não é uma forma verbal correspondente à forma nominalizada em (c).

c) Ana deu uma *cadernada* no João.

d) *Ana *cadernou* o João.

Essas construções, à primeira vista, parecem de fato garantir que não existem formas verbais correspondentes à forma nominalizada e que para essas construções como em (d), o falante encontra outro nome na língua. Entretanto, a dinamicidade da língua permite certos usos que não estão previstos pelas normas sistematizadas e que podem servir a funções pragmáticas. Nesse sentido, um questionamento que parece válido é: até que ponto é possível assegurar/generalizar que todas as formações deste tipo não são possíveis? Para observação, seguem alguns exemplos:

e) Ana deu uma *canetada* no irmão.

f) O juiz deu uma *canetada* no processo.⁶

g) O guarda *canetou* o João⁷.

⁵ Os parênteses são para explicar os dois tipos de sufixos (*-ada e -da*).

⁶ Eu havia dito também que ao trabalhar sobre o texto encaminhado pela FENAJ, o MTE aproveitou para *dar uma "canetada"*, permitindo que, sendo aprovado pelo Legislativo [...]. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=289JDB005>> . Acesso em 22 abr. 2009.

⁷ Quando estava chegando perto da Gávea, um motorista de Kombi fez um sinal para mim. – Ô, um PM te *canetou* ali atrás. Volta lá e desenrola com ele, amigo.

Disponível em: <<http://72.30.186.56/search/cache?ei=UTF->>. Acesso em 01 abr. 2009.

Diante das construções (e) e (f) é possível facilmente perceber que são equivalentes do ponto de vista estrutural, mas que há uma distinção: a formação (e) é denominal e aponta para o sentido de um golpe. O exemplo (f) trata-se de uma formação deverbal, que veicula o sentido de dar um parecer ou assinar um processo.

Comportamento semelhante pode-se observar nos seguintes exemplos:

- h) Ana *deu uma garfada* no João.
- i) Ana *deu uma garfada* no macarrão.
- j) Ana *garfou* o macarrão.

Com referência ao processo de formação de palavras que envolve o sufixo *-ada*, a classificação é controversa porque os estudos tradicionais o considera com o mesmo sentido, como se comportasse do mesmo modo nas sentenças. De acordo com Cunha e Cintra (2001, p. 94) “formam-se substantivos a partir de outros substantivos: *-ada*”, defendendo que a formação de ambas as nominalizações pode ser prevista do mesmo modo. Entre outros exemplos, os autores citam:

- “1) Porção contida num objeto: bocada, colherada.
- 2) Ferimento ou golpe: dentada, facada. [...]”.

Assim, o sentido contido em (1) seria “porção contida num objeto”. Então, a interpretação mais viável para (e) e (h) – *canetada no irmão/ garfada no João* - seria a contida em (2) “ferimento ou golpe”. Portanto, é possível entender que *canetada* e *garfada* têm o mesmo tipo de formação. Porém, sob o ponto de vista dos gramáticos, traz, muitas vezes, divergências quanto à classificação dos sufixos, julgando algumas formações agramaticais, pois não consideram as propriedades de distribuição sintática desses sufixos. Nesse sentido, a previsibilidade de (e) e (i), seria entendida da mesma forma. No entanto, uma interpretação mais adequada para essas estruturas pode ser feita através da distribuição sintática dos nomes que vai depender do contexto em que estão inseridos.

À parte as divergências dos estudos gramaticais, pode-se argumentar que os sufixos fazem mais do que alterar a classe gramatical. Há fortes indícios de que os sufixos trazem em si uma carga semântica variável que é acrescida à base.

Sobre o assunto, Sandmann (1989, p. 30) comenta que existem equívocos no sistema gramatical da língua portuguesa, citando como exemplo contra-argumentativo, justamente o sufixo *-ada*, o qual não tem o mesmo significado em formações como: *martelada*, ‘golpe de martelo’, *facada*, ‘pontada com a faca’ e *laranjada*, ‘suco de laranja’, dentre outros sentidos que o sufixo pode adquirir, em certas situações de uso. Retomando o exemplo *colherada*, citado acima em (1), poderia ser usado de formas diferentes:

- k) Ana *deu uma colherada* de mel ao menino.
- l) Ana *deu uma colherada* na cabeça do menino.

As duas estruturas são distintas do ponto de vista semântico: em (k), *colherada* significa porção contida no objeto *colher*; em (l), um gesto de agressão com o objeto *colher*. Do ponto de vista sintático, em (k), o complemento (de mel) contribui para explicar que *colherada* se refere a um recipiente cheio desse conteúdo. Em (l) o complemento (na cabeça) expressa um locativo que passa a designar um instrumento.

De modo geral, percebe-se que os sufixos podem assumir múltiplas acepções, e empregá-los com exatidão, adequando-os às situações variadas, requer e revela completo conhecimento do idioma. Ao buscar informações a respeito dos sufixos, tem-se a impressão de que eles apenas alteram a classe gramatical da palavra – *de verbo a substantivo*; que acrescentam à base, um significado superficial, ação, resultado e estado, mantendo-se a idéia característica dos verbos.

Sobre o assunto, Basílio (2002, p. 8-10) diz que “atribuir ao sufixo a função de mudar a classe gramatical de uma palavra não é suficiente, mesmo porque existem processos de derivação sufixal em que não há alteração da classe de palavras, citando como exemplo o caso dos diminutivos – *mesa/ mesinha, sapato/ sapatinho*”.

De modo semelhante, no exemplo deste estudo, *garrafa/ garrafada* não houve alteração da classe gramatical, mas isso não significa que ela não possa ocorrer simultaneamente à mudança semântica de um vocábulo. Segundo a autora, a formação de novas palavras é motivada pela utilização da idéia de uma palavra em uma ou outra classe gramatical e a necessidade de um acréscimo semântico numa significação lexical básica, ao qual é agregado o princípio de economia da língua, que tem como foco a eficiência do processo comunicativo.

Assim sendo, parece verdadeiro afirmar que a palavra derivada por meio do uso de prefixos e sufixos mantém uma relação de significado com sua base. Essa relação semântica que o sufixo mantém com a base relaciona-se à natureza verbal. Com referência aos sufixos *-(a)da*, várias propriedades, sobretudo, semânticas são agregadas. Especificamente, o sufixo *-da* tem a função de atender às exigências semânticas, sintáticas e morfológicas, ou seja, estão em jogo as três funções.

No que se refere às exigências semânticas, a base deve se ligar a um nome. Quanto à exigência sintática, a base deve ser da categoria [+N, -V]. Para a questão morfológica, parece haver restrições relacionadas a palavras, cuja base é um nome que apresenta forma pluralizada, tomando-se como exemplo a palavra *piresada*, derivada do nome (pires), devido à estranheza de sua formação.

Nesse sentido, existe a possibilidade de formação de verbos a partir de substantivos, com o objetivo de designar ação ou processo a ser expresso pelo verbo, como:

m) João *deu uma carimbada* no requerimento.

n) João *carimbou* o requerimento.

Contudo, tanto *dar uma carimbada no requerimento* (ação de carimbar), como *dar uma carimbada no João* (um golpe), relacionam-se ao nome *carimbo*. É a mesma possibilidade que ocorre com o substantivo *garfo* ao formar *garfada/ garfou*.

Observa-se assim, que para as estruturas com o verbo-suporte *dar+SN*, as condições de produtividade dos sufixos *-ada* (empregado em formações denominais), que ficam somente no domínio derivacional, a regra é menos produtiva do que as estruturas deverbais, que estão no domínio flexional e derivacional, como se observa em 4.4., a seguir:

4.4 DAR+SN (SN =Uma X-da deverbais)

A questão da formação de palavras é importante para a compreensão do léxico e dos processos pelos quais surgem novos vocábulos. É vista como processo no qual a classificação das palavras é feita em termos de derivação, de composição ou de conversão.

Basílio (2001) afirma que entre os processos gerais de formação de palavras, a formação de substantivos a partir de verbos é infinitamente mais produtiva do que de verbos a partir de substantivos. Assim, uma palavra é deverbal quando a base de formação é um verbo.

Nesse sentido, segundo a autora, a grande importância das funções do nome é a de expressar o significado do verbo dentro de uma visão nominal, além de dar ao significado do verbo uma forma sintática de substantivo para configurar determinados tipos de estrutura que o discurso exige. Gramaticalmente, o que possibilita o uso do verbo em estruturas que sintaticamente exigem um substantivo é a nominalização, em estruturas com verbos-suporte.

- 1) a. Ana gritou.
- b. Ana deu um grito estridente.
- c. O grito de Ana (é estridente).

Observa-se que, no exemplo citado em (1a), é usado um verbo comum, pleno. Em (1b), trata-se de uma formação com um verbo-suporte, mostrando que a construção perifrástica representa um requisito gramatical na estrutura. Em (1c), o nome *grito* é uma forma corresponde ao verbo *gritar*.

Retomando a questão inicial deste subcapítulo, e ainda de acordo com Mateus *et alli* (1990), as palavras complexas são o resultado de um processo de formação de palavras, que podem ser: de derivação, composição ou conversão. Na derivação tem-se uma só palavra, cuja estrutura é modificada por um prefixo ou por um sufixo, como por exemplo, (re-categorização; categoriza-ção). Esta pesquisa dá enfoque à questão da derivação, por sufixação. Na composição por justaposição tem-se uma seqüência de palavras, em que são necessárias duas bases, como (navio-escola). No percurso da conversão, toma-se uma palavra única sem modificação de sua forma, atribuindo a ela estatuto gramatical diferente, como se observa a seguir:

Partido (particípio passado) - partido (adjetivo) - partido (nome).

Assim, pela categoria sintática de base e da palavra complexa é possível identificar o processo por meio do qual a palavra complexa é o resultado. Considerando-se as categorias sintáticas (adjetivo, nome, verbo), em que o estatuto morfológico é diferente das demais categorias:

[+N +V] adjetivação; [+N –V] nominalização; [-N + V] verbalização.

Desse modo, quando a base é um adjetivo, tem-se o processo é adjetivação; quando a base é um nome, o processo é denominal; quando a base é um verbo, é deverbal. Por meio desses mecanismos, considerando-se ainda a categoria sintática de base, há possibilidade de chegar à seguinte identificação: quando se trata de palavra complexa que resulta de um adjetivo, é uma adjetivação; se resulta de um nome, tem-se nominalização; se de um verbo, tem-se verbalização. Optando-se por uma operação mais econômica, que não passa pela formação de adjetivos, tem-se:

Arrum(ar)- *verbo* Arrumado – *particípio passado* Arrumada – *nome*

Em se tratando do processo de formação das estruturas deverbais citado acima, uma forma mais simples seria a de não passar pelo processo de adjetivação. Segundo Lopes e Souza (2004) uma palavra como *arrumada* teria que passar por dois processos morfológicos diferentes: i) de flexão – que seria acrescentado o particípio passado ao radical verbal [arrum-] e; ii) de derivação – que a especificação categorial da palavra é reanalisada. A proposta de que a formação deverbal é obtida a partir do particípio encontra também respaldo nas propostas de Basílio (1999; 2001), pois, segundo a autora, somente verbos com particípio passado regular admitem a formação. Assim sendo, as construções deverbais envolvem os processos flexional e o derivacional, diferentemente do que ocorre com a formação denominal, em que o processo morfológico envolve apenas a derivação, conforme visto no subcapítulo 4.3.

Nesse sentido, é importante verificar, em linhas gerais, as características morfológicas das formações deverbais, que são basicamente as seguintes:

- 2) Ana *deu uma arrumada* no armário.
arruma (*verbo*) – arrumada (*nome*)

No exemplo acima, a palavra simples *arruma* que tem como base um verbo, sofre um processo de nominalização deverbal, gerando a palavra *arrumada*. Assim, essa base deve ter a seguinte categoria:

[-N + V] [+N – V] nominalização deverbal

Vê-se, portanto, que há diferença da categoria de base (*arruma*) e da palavra complexa (*arrumada*), com o sufixo *-da*, ou seja, a palavra que serve de base (*arruma*) é acrescida do sufixo *-da* para formar a nominalização que compõe uma estrutura com verbo-suporte.

O sufixo da sentença compõe a palavra complexa porque é o resultado do processo de formação de palavras. Simplificando o raciocínio, pode-se afirmar que a construção é adicionada a uma base verbal.

Segundo Basílio (2001), as formações deverbais possuem as seguintes características: i) regularidade de uso e de significado; ii) não fazem parte da conjugação verbal, porque, se por um lado, se aproximam mais da expressividade do que das regras gramaticais; por outro, não apresentam grau sistematizado próprio do sistema flexional. Além disso, essas formações sofrem uma série de restrições de cunho morfológico, semântico, sintático (de regência verbal e verbos pronominais) e discursivo, ou seja, não estão circunscritas num inventário aberto que se estende a todo e qualquer tipo de verbo. Dentre essas restrições, destaca-se a de natureza semântica, em que as construções em *deverbais* não aceitam verbos de estado, de modo que só podem ser constituídas com verbos que indicam eventos.

Assim, se esse tipo de formação traz interpretações de atenuação e de superficialidade, é incompatível com os verbos que não podem ser atenuados ou que não indicam superficialidade.⁸

- 3) a. A Sérvia declarou guerra a Montenegro.
- b. A Sérvia fez uma declaração de guerra a Montenegro.
- c. *A Sérvia deu uma declarada de guerra a/ em Montenegro.

⁸ Os exemplos são de Basílio (2001).

No âmbito das restrições discursivas, Basílio (2001, p. 159), constata que o uso coloquial da formação impede a presença de verbos que só podem ocorrer em contextos formais, como:

- 4) a. Questionado, o professor redargüiu que já ouvira argumentos piores.
 b. *Questionado, o professor deu uma redargüida de já ouvira argumentos piores.

A restrição de caráter lexical por bloqueio, afirma a autora que alguns verbos não permitem a formação devido à existência no léxico uma estrutura *dar+SN*, na qual o *SN* é a forma nominal do verbo, como:

- 5) a. dar um grito/ pulo/ salto/ berro/ beijo/ grunhido/ chute/ resposta/ ajuda.
 b. *dar uma gritada/*pulada/ *saltada/ *berrada/ *beijada/ *grunhida/ *chutada/
 *respondida/ *ajudada.

Especificamente no âmbito morfológico, Basílio (2001) destaca a impossibilidade de ocorrência dessa formação com verbos cuja formação do particípio passado é irregular:

- 6) a. escrever, descobrir, dizer, prender, compor.
 b. *dar uma escrita/ descoberta/ dita/ presa/ composta.
 c. *dar uma escrevida/ descobrida/ prendida/ dizida/ componida.

Nas restrições de cunho sintático, observa que a regência dos verbos, impedem essa formação, conforme os exemplos (8) e (9) respectivamente:

- 7) *João deu uma arrependida/ machucada/ esforçada/ abstida.
 8) * João deu uma oferecida de sorvete a Maria.

Ainda com referência ao domínio das restrições sintáticas, a regência verbal também pode impedir certas formações como:

- 9) a. João ofereceu sorvete a Maria.
 b. *João deu uma oferecida de sorvete a Maria.

Com referência à restrição semântica, a autora destaca que essa formação pode ser impedida pelo caráter aspectual com verbos de semântica pontual, como:

- 10) a. João terminou o trabalho.
 b. *João deu uma terminada no trabalho.

Especialmente sobre a transparência morfológica, Basílio (1999) propõe duas alternativas de análise e argumenta em favor da segunda, conforme ilustradas a seguir:

- A) [X]v ->[[X]V-da]s
 [X]v ->[dar[uma[[X]-da]]]]

Essa primeira hipótese só é possível se a formação ocorrer por meio de um processo pelo qual é derivada a forma feminina do particípio passado regular, a partir de um verbo na formação *dar uma X-da*, sendo esta forma parte da construção.

Uma segunda hipótese seria considerar somente um processo, que não seria efetivado se a formação *dar uma X-da* fosse impedida:

- B) [X]v ->[dar[uma[X-da]]]Sv

A alternativa (A) demonstra ser a mais adequada para o caso de a formação deverbal estar associada à construção com verbo-suporte. Caso a formação possua autonomia em relação à perífrase *dar uma X-da*, a alternativa mais adequada é a (B).

Basílio (1980) enfatiza que o fenômeno da nominalização é uma associação paradigmática entre verbos e nomes, e não um mero processo de formação ou uma associação idiossincrática. No português do Brasil, as nominalizações em *dar uma X-(a)da* são mistas, devido à natureza mista de suas propriedades, que podem ser tanto verbais, quanto nominais, além da morfologia das nominalizações com formas participiais. Como evidência dessa correspondência tem-se:

i) a quase totalidade dos verbos existentes no léxico do português do Brasil apresenta uma contraparte formadora de verbos plenos.

11) a. Ana *deu uma melhoria* no texto. Ana *melhorou* o texto.

ii) a formação de nomes deverbais é muito previsível, totalmente ao contrário da formação de verbos denominais, como:

12) a. O gato *deu uma unhada* em Ana. O gato *unhou* Ana.
 b. Ana *deu uma pedrada* no gato. *Ana *pedrou* o gato.

De um lado, tem-se a formação de nomes deverbais que está associada ao teor de produtividade e de generalidade, cuja nominalização se dá a partir de verbos; que faz parte do conjunto de processos derivacionais responsáveis pela transformação de verbos em substantivos, como em (11a) e (12a). De outro, tem-se a formação de substantivos a partir de substantivos em que o teor de produtividade é mais restrito. Em geral, os substantivos não derivam formas verbais, como em (12b).

Entretanto, a construção de paráfrases a partir do verbo-suporte nem sempre é possível porque a estrutura argumental pode não ser intercambiável (correspondente), com o verbo pleno, como é o caso de:

13) a. Ana *deu um brilho* na cadeira.
 b. Ana \emptyset a cadeira.
 c. *Ana *brilhou* a cadeira.

Observa-se, portanto, que, quando há coincidência da estrutura argumental, forma-se uma paráfrase com verbo pleno, como em (11b) e (12b), mas quando a estrutura é discrepante, não é possível o mesmo processo, como no exemplo (13b).

Ao abordar algumas características das construções com verbo-suporte denominais e deverbais em *X-(a)da* no decorrer dos subcapítulos 4.3 e 4.4, dar uma *garrafada/ uma cadernada* (denominais) e *dar uma arrumada/ uma melhoria* (deverbais), que, numa primeira leitura, parecem idênticas, observa-se que não apresentam comportamento uniforme. Ao contrário, importantes diferenças são evidenciadas nas duas formações: conforme mencionado anteriormente, as formações denominais se ligam a uma base de categoria nominal como (*garrafa*) e apresentam as características: i) a interpretação é de um evento que denota um

golpe; ii) de modo geral, não possibilitam a formação de paráfrases, porque têm como base um nome, como *dar uma garrafada/ *garrafou*; *dar uma cadernada/ *cadernou*.

Já as construções deverbais permitem essa formação, ou seja, para a nominalização há um verbo pleno correlato, como *dar uma passeada/ passeou*, caracterizando um processo que se revela muito produtivo entre os processos de formação de palavras. Diferentemente das denominais, as deverbais em *-da*, ao agregar suas bases verbais, como *passear/ melhorar/ unhar*, oferecem outras informações interpretativas como atenuação de ordens, diminutivização e superficialidade, atuando como um recurso expressivo da linguagem; iii) especificamente, no que se refere ao processo morfológico, enquanto a formação das denominais envolve o domínio derivacional, a formação das deverbais envolve dois processos – o flexional e o derivacional. Esse leque de possibilidades de realizações que as deverbais oferecem é uma evidência do seu potencial produtivo em relação às denominais.

5 CRITÉRIOS PARA A IDENTIFICAÇÃO DO VERBO-SUPORTE NAS ESTRUTURAS *DAR+SN*

As descrições de verbo-suporte nas estruturas *dar+SN* são realizadas a partir de critérios formais, considerando-se as propriedades morfossintáticas e semânticas apresentadas pelas seqüências e por seus complementos.

As descrições levam em conta os parâmetros da teoria do Léxico-Gramática, desenvolvida por M. Gross (1975), em que a língua em uso e a criatividade natural do falante são consideradas primordialmente. A partir de critérios formais são verificadas as características, por meio das propriedades internas de cada tipo de estrutura. Isso significa que as estruturas devem ser inseridas em frases que contenham sujeito, verbo e seus complementos para que sejam observadas propriedades estruturais em situação de uso.

Neves (1996, p. 191) explica que os instrumentos mais seguros para se determinar uma estrutura de constituintes de determinada sentença em uma língua devem ser aqueles envolvidos nas operações em que se determina ‘se uma certa seqüência de palavras é um constituinte de determinado tipo’, como: a distribuição, a anteposição, a posposição, a coordenação, a intercalação de adjetivos/advérbios, a elipse, entre outros.

Além dos parâmetros de Gross (1975), os critérios apresentados têm também como base as argumentações de Baptista (1997), Neves (1999a), Athayde (2001; 2005), Scher (2004) e Smarsaro (2004), para se identificar as propriedades estruturais de *dar+SN*.

Segundo M. Gross (1975), as propriedades estruturais internas de uma seqüência podem ser avaliadas pelo estabelecimento das relações de ligação entre os elementos das estruturas e as relações de sentido. Considera-se, para isso, a interpretação lingüística do falante, pois, só ele pode fazer julgamentos acerca da aceitabilidade ou inaceitabilidade de tais estruturas.

Para explicar a questão da aceitabilidade serão usados os seguintes sinalizadores:

- * para estruturas inaceitáveis.

- ? para estruturas que causam dúvidas do ponto de vista da aceitabilidade de uso.

5.1 PROPRIEDADES MORFOSSINTÁTICO-SEMÂNTICAS

De acordo com a teoria do Léxico-Gramática (GROSS, 1975) a reprodutibilidade de uma sentença está relacionada às extrações de sentido por equivalência por meio das transformações sintáticas. Com referência à produtividade de uma regra de combinação de palavras pode-se variar os componentes, mas as propriedades se conservam. A observação em relação à reprodutibilidade de uma seqüência é importante para descrição porque nos oferece dados para estabelecer critérios para a classificação das palavras. A aceitabilidade de uma seqüência lingüística só pode ser avaliada por um falante da língua. Em geral, são necessários vários falantes da língua para avaliar a reprodutibilidade desse tipo de informação.

Segundo Laporte (2008), para que haja exploração da interação entre o léxico e a sintaxe, é necessário que todas as entradas lexicais sejam combinadas sistematicamente com todas as estruturas das frases e também que sejam analisadas as seqüências geradas: (se são aceitáveis e quais as suas propriedades distribucionais e semânticas).

Um fator a ser considerado é que para se classificar uma estrutura, é preciso levar em conta também a sua forma atestada (que alguém já escreveu ou pronunciou) e a forma potencial (que alguém pode vir a escrever ou pronunciar, quando for necessário). Então, uma determinada regra dá conta também das seqüências semelhantes porque são formas potenciais que não causaria nenhum estranhamento.

O autor acrescenta que para garantir a reprodutibilidade, os critérios formais são os mais seguros. Contudo, muitas vezes, esses critérios não são suficientes para caracterizar as propriedades e devem ser acompanhados de critérios semânticos, argumentando que o critério de avaliação semântica diferencial é mais confiável do que a avaliação semântica absoluta (GROSS, 1975). Retomando os exemplos citados pelo próprio autor:

(1) O chefe dobrou o seu salário = (2) O seu salário dobrou.

Em comparação com:

(3) João pesa a sacola.

= (4) A sacola pesa.

Percebe-se que a diferença entre (1) e (2) que indica ter causalidade do processo, não se encontra novamente entre (3) e (4). Essa observação é mais reproduzível do que consistiria em caracterizar em (1) e (2) quanto às diferenças semânticas. Além disso, a noção de avaliação semântica está no centro da noção harrisiana de transformação em que será considerada uma transformação somente se a diferença semântica de (1) e (2) se repetir num número suficiente de pares para reproduzir as duas mesmas estruturas com outro material lexical.

O léxico-gramática utiliza critérios semânticos absolutos em casos excepcionais, que fornecem resultados julgados suficientemente reproduzíveis. Assim, certas propriedades sintático-semânticas dos verbos distribucionais formalizados no léxico-gramática pressupõem que uma frase exprima um deslocamento de uma entidade, denotada por um dos argumentos, em relação a um lugar, denotado por outro. Como exemplo, tem-se:

(1) O chefe dobrou os salários.

= (3) Os salários dobraram.

As transformações têm um caráter regular, ou seja, aplicam-se de forma idêntica a numerosas frases. Assim, a relação entre (1) e (3) é observada também em (4) e (5):

(4) O electricista queimou o chuveiro.

= (5) O chuveiro queimou.

Entretanto, essa regularidade está limitada pelas restrições de aplicação das transformações. Esse tipo de transformação, por exemplo, não se aplica a (6), porque o resultado da aplicação é inaceitável.

(6) O João colocou o documento na gaveta.

* O documento colocou na gaveta.

As transformações binárias operam sobre as duas estruturas, tendo como resultado uma estrutura complexa como, por exemplo, em:

uma coordenação:

(7) O chefe dobrou os salários, mas reconsiderou a decisão;

Uma subordinação adverbial:

(8) O chuveiro queimou porque os fios estavam velhos;

uma subordinação adverbial:

(9) O electricista queimou o chuveiro, que já estava muito usado.

Para se verificar as propriedades morfossintático-semânticas das estruturas *dar+SN* são aplicados os seguintes critérios:

- Variação em número do determinante;
- Substituição do determinante do Grupo Nominal (SN);
- Substituição do SN;
- Anteposição ou posposição do SN;
- Substituição do Verbo-suporte;
- Coordenação com outra cadeia;
- Elipse do verbo-suporte;
- Inserção de itens lexicais (adjetivos e advérbios);
- Construção conversa;
- Relativização;
- Nominalização do SN;
- Passivização;
- Junção do complemento do tipo *de+Nhum/* possessivo ao SN;
- Anaforização por retomada do SN;
- Interrogação do Npred.

- **Varição em número do determinante**

Num grupo nominal livre pode-se, geralmente, encontrar um contexto sintático em que seja possível variar em número o determinante. Entretanto, os exemplos, a seguir, não permitem essa variação.

- (1) a. Ana deu *uma* passada na festa.
 b. *Ana deu (*duas/ várias*) passadas na festa.

A impossibilidade de variação dos determinantes nos exemplos (1b) deve-se ao fato de que as formas nominalizadas (*passadas*) não aceitam essa variação, pois, em geral, os substantivos deverbais formados com *X-da* são usados no singular, uma vez que já denotam uma noção de generalidade.

Em geral, no português brasileiro, nesses casos, para o plural, são usadas formas equivalentes, com formas verbais simples, como: *Ana passou (duas/ várias) vezes na festa*. Essas restrições não têm a ver com as propriedades morfológicas individuais dos elementos lexicais envolvidos, mas com a sua combinação, porque do ponto de vista morfológico, os vocábulos podem variar em número quando empregados separadamente.

Já as construções seguintes têm comportamento diferente das anteriores:

- (2) a. Ana deu uma chinelada no filho.
 b. Ana deu (*duas/ várias*) chineladas no filho.

Na estrutura (2b), o nome (*chinelada*) é denominal, cujo SN está mais próximo da referencialidade, e, por isso, tem boa aceitabilidade para ser quantificado.

Diferentemente, o resultado desse critério demonstra que o exemplo, abaixo, não admite ser pluralizado:

- (3) a. O chefe resolveu *dar início* à reunião.
 b. *O chefe resolveu dar *vários* inícios à reunião.

A estrutura (3b) não admite a variação no plural, uma vez que o elemento interno (*início*) só é aceitável no singular e usado sem determinante. Em geral, a forma usual de expressar a repetição para essa estrutura é *reiniciar a reunião*. Athayde (2005, p. 141), argumenta que no caso de estruturas V+N, como (*dar início/ dar origem*), constituídas sem determinante e do nome não-referencial são consideradas como prototípicas, que estão mais próximas da cristalização, porque já possuem certa fixidez entre os constituintes.

No entanto, de acordo com o léxico-gramática, pode-se verificar a existência do verbo-suporte, usando a transformação com o verbo *ter*, por exemplo:

- (3) c. O chefe resolveu dar início à reunião.
- d. O início que o chefe deu à reunião.
- e. O início que a reunião (teve/ *recebeu/ *ganhou).
- f. A reunião teve início às nove horas.
- g. A reunião teve um início difícil.

De acordo com essas transformações sintáticas com o verbo *ter*, foi possível a inserção do determinante (*um*) e o acréscimo do adjetivo (*difícil*), conservando a relação de equivalência semântica com a estrutura original.

Nas estruturas (4b-c), abaixo, é aceitável a variação ou ausência do determinante.

- (4) a. Ana deu uma resposta ao professor.
- b. Ana deu várias respostas ao professor.
- c. Ana deu resposta(s) ao professor.

A estrutura (4c) pode ocorrer sem a presença do determinante, tanto com o nome no singular como no plural (*resposta/ respostas*). Observa-se que, devido à ausência do determinante, a estrutura (4c), semanticamente, se torna semelhante à (4b), ou seja, ambas denotam noção de generalidade.

Esse comportamento de admitir a ausência do determinante como em (4c) marca o uso não referencial do nome. Normalmente, os determinantes sofrem restrição dos substantivos aos

quais estão ligados. O exemplo *dar resposta* sem a presença do determinante torna o SN mais integrado do que se tivesse o emprego dele, como em *dar uma resposta*.

- **Substituição do determinante do Grupo Nominal (SN)**

Algumas estruturas admitem somente a inserção de certos tipos de determinantes. Os pronomes demonstrativos (*o/ aquele*), por exemplo, podem ser usados como uma espécie de dêiticos para expressar uma situação específica.

- (5) a. Ana deu um beijo no namorado.
 b. Ana deu *aquele* beijo no namorado.
 c. Como já esperado, Ana deu *o* beijo no namorado.

A substituição do determinante em (5b) é aceita, pois (*aquele*) pode ser contextualizado em uma situação pragmática. Em (5c), o modo mais adequado é adicionar um contexto prévio à estrutura para que o determinante definido (*o*) seja aceitável.

- **Substituição do SN**

Nas construções com verbos-suporte, em geral, é possível substituir a forma nominalizada quando o SN é livre.

- (6) a. Ana deu *uma lavada* na roupa.
 b. Ana deu *uma limpada* na roupa.

Nas construções (6a-b), há liberdade de substituição do SN, em que o substantivo (*lavada*) pode ser comutado com outro quase sinônimo, sem interferir de modo relevante na estrutura. Este procedimento mostra que o paradigma dos nomes para compor o verbo *dar* é bastante amplo e, por isso, há várias possibilidades de substituição, isto é, por serem livres, os substantivos podem ser comutados com vários outros, como (*dobrada/ esticada/ passada etc.*).

Porém, o mesmo não acontece com o exemplo a seguir:

- (7) * Ana deu *uma lavada* no texto.

A construção (7) é inaceitável, mostrando que há uma restrição de seleção do complemento em relação ao nome (*lavada*), isto é, há uma incompatibilidade semântica em que o locativo (*no texto*) não é adequado para preencher essa posição sintática.

- **Anteposição ou posposição do SN**

Nos exemplos a seguir, o SN não admite o movimento de ser anteposto ao verbo, com o complemento encabeçando a sentença:

- (8) a. Ana deu *uma passada* na festa.
 b. Ana deu *uma chinelada* no filho.
 c. ? Na festa, Ana *uma passada* deu...
 d. ? No filho, Ana *uma chinelada* deu....

As construções (8c-d), embora sejam gramaticais, o deslocamento do SN torna-as duvidosas, porque já possui uma posição sintática praticamente fixa na estrutura (verbo-suporte+nome+objeto), cujo comportamento demonstra que o verbo *dar* possui um certo grau de lexicalização.

- **Substituição do verbo-suporte**

Cada série de verbos forma o que geralmente se designa por paradigma distribucional: o verbo só combina com um ou alguns nomes do paradigma distribucional. Nas frases seguintes, não é possível a substituição do verbo-suporte, confirmando que o verbo *dar* é selecionado pela nominalização em *-da*.

- (9) a. Ana deu *uma passada* na festa.
 b. *Ana *ofereceu/ concedeu* *uma passada* na festa.

A substituição do verbo *dar* por *oferecer/ conceder*, em (9b), torna a estrutura inaceitável porque o verbo não preenche adequadamente a posição sintática que antecede o substantivo (*passada*). Essa posição sintática deve ser ocupada por um verbo que possa receber os traços semânticos compatíveis com esse substantivo.

As restrições distribucionais observáveis entre o verbo-suporte e o nome são recíprocas, porém, em se tratando de estruturas com verbo-suporte, o nome tem maior poder de seleção do verbo com o qual forma a combinatória em alguns contextos. No exemplo seguinte, também há restrição por parte do nome:

- (10) a. Ana deu uma chinelada no filho.
 b. *Ana concedeu/ atribuiu uma chinelada no filho.

No exemplo (10b), a substituição do verbo *dar* por *conceder/ atribuir* não é aceita, devido à ruptura no paradigma distribucional que ocorre entre o verbo *dar* e o nome *chinelada*.

No uso das formas canônicas, muitas vezes, o verbo *dar* pode ser comutado com outros verbos, conforme as sentenças a seguir:

- (11) a. Ana vai *dar* uma festa de quinze anos.
 b. Ana vai *oferecer* uma festa de quinze anos.

Em (11a-b) os verbos *dar* e *oferecer* adquirem acepções sinônimas, que significam promover um acontecimento social. Já com o verbo *conceder* não ocorre o mesmo efeito:

- (12) *Ana vai *conceder* uma festa de quinze anos.

Não há possibilidade de substituição do verbo *dar* por *conceder*, pois, os traços semânticos de *conceder* são incompatíveis com o nome *festa*.

Esse procedimento mostra que nas construções com verbos-suporte, muitas vezes, há uma ruptura no paradigma distribucional entre o verbo e o nome. A impossibilidade de substituir o verbo *dar* por outro é um indício de que o verbo-suporte *dar* não é totalmente esvaziado de sentido.

- **Elipse do verbo-suporte no segundo elemento**

É possível a elipse do verbo-suporte *no segundo SN*, de modo que as estruturas permanecem em condições apropriadas:

- (13) a. *Ana deu uma olhada no menino.*
 b. *Ana deu uma chinelada no menino.*
 c. *Ana deu uma olhada e Maria uma espiada no menino.*
 d. *Ana dava umas chineladas e sua irmã umas reguadas no menino.*

Nesses exemplos, (13c-d) é possível a elipse do verbo nos segundos SNs, porque pertencem ao mesmo campo semântico e têm um único referente (*no menino*).

- **Coordenação com outra cadeia**

Para que dois itens possam ser coordenados, é necessário que apresentem o mesmo estatuto sintático e haja compatibilidade semântica entre eles. Os itens lexicais coordenados revelam a condição de constituinte que têm o objeto do verbo, quando são compatíveis semanticamente. Nesse sentido, são vários os fatores sintático-semânticos que condicionam a possibilidade de coordenar os dois nomes num grupo nominal livre.

- (14) a. *Ana deu uma chinelada no filho.*
 b. *Ana deu uma reguada no filho.*
 c. *Ana deu uma chinelada e uma reguada no filho.*

Os itens (*uma chinelada e uma reguada*) em (14c) coordenam-se perfeitamente porque são constituintes do mesmo tipo. Por isso, eles têm um perfil para compor essa construção com verbo-suporte, ou seja, eles têm a mesma identidade de função sintática. Quando o substantivo que compõe o SN pode ser substituído por outro que seja quase sinônimo, sem alterar significativamente o sentido, há uma colaboração para diminuir o grau de integração entre os componentes da perífrase.

Não é possível, por exemplo, a coordenação abaixo, em (15c), já que os elementos (SN+complemento) são incompatíveis semanticamente: a primeira significa *estar presente por pouco tempo na festa*, ao passo que a segunda, significa *esticar, alisar a roupa*, ou seja, o verbo (*passar*) que forma a perífrase apresenta acepções diferentes nas estruturas. Quando o

SN é livre em que o substantivo tem aceção própria, é possível coordená-lo com outro substantivo, desde que ocupem a mesma posição sintática e sejam semanticamente compatíveis. Inversamente, isso não ocorre com o exemplo seguinte:

- (15) a. Ana deu uma passada *na festa*.
 b. Ana deu uma passada na *roupa*.
 c. *Ana deu uma passada na *festa e na roupa*.

Sendo os responsáveis por apontar a direção para a interpretação das estruturas, os itens (*na festa e na roupa*) são complementos que não podem ser coordenados, devido ao bloqueio paradigmático existente, pois não pertencem ao mesmo campo semântico que poderiam compor a coordenação.

Segundo Athayde (2001), essas formações têm mais aproximação com os recursos expressivos da língua do que com exigências gramaticais, uma vez que as pressões de uso é que promovem a fixidez entre os seus elementos.

- **Inserção/ Atribuição do Adjetivo**

Dependendo da sua natureza, o adjetivo pode ser inserido no SN, produzindo efeitos intensificadores na estrutura. Tais inserções não alteram o sentido, mas podem, sim, influenciar no aspecto semântico delas:

- (16) a. Ana deu uma passada na festa.
 b. Ana deu uma *rápida* passada na festa.
 c. *A Ana deu *rápida* uma passada na festa.
 d. Ana deu uma *pequena* passada na festa.
 e. *Ana deu *pequena* uma passada na festa.
 f. *Ana deu uma *grande* passada na festa.
 g. *Ana deu *grande* uma passada na festa.

As frases (16b) e (16d) admitem a inserção do adjetivo (*rápida* e *pequena*) entre o determinante e o nome, mas nas demais construções, a inserção além de não ser aceita, torna-se agramaticais, mostrando que há uma certa integração entre o verbo (*dar*) e o determinante

(*uma*). Dos exemplos arrolados em (16), em *Ana deu uma passada na festa* já existe a noção de que Ana não ficou durante toda a festa. Assim sendo, quando se usa *rápida e pequena* delimita-se melhor a estada de Ana.

Observa-se que alguns adjetivos formam pares de antônimos: *pequena/ grande*. Assim, certas estruturas só admitem alguma variação do adjetivo dentro desta oposição, como mostra a estrutura (16d) em relação à (16f) acima.

As restrições para o uso dos adjetivos devem-se a fatores sintático-semânticos que condicionam a possibilidade de especificação do nome (*passada*). Desse modo, certos adjetivos podem combinar com determinados substantivos do paradigma, formando com eles um grupo nominal livre, desde que sejam respeitadas as restrições distribucionais impostas pelo substantivo.

Os exemplos a seguir com o adjetivo (*boa*) apresentam o seguinte comportamento:

- (17) a. *Ana deu uma chinelada* no filho.
- b. Ana deu uma *boa chinelada* no filho.
- c. *Ana deu *boa* uma chinelada no filho.

Na estrutura (17b) a inserção do adjetivo (*boa*) é bem aceita, mas em (17c), não. É tanto agramatical como inaceitável.

Segundo Baptista (1994), a aceitação do adjetivo depende de fatores de natureza variada, mas fundamentalmente do próprio adjectivo.

Observe, a seguir, a ocorrência dos adjetivos nos exemplos sem determinante:

- (18) a. O chefe resolveu *dar início* à reunião.
- b. ?O chefe resolveu *dar um bem humorado* início à reunião.
- c. *O chefe resolveu dar *animado* início à reunião.

Nota-se que há dificuldades para a intercalação de adjetivos na estrutura (*dar início*), devido à integração dos elementos (V+N). Em (18b), a inserção do adjetivo *bem humorado*, com o acréscimo do determinante (*um*) pode ter aceitabilidade, mas é duvidosa e, em (18c), essa inserção não é inaceitável.

As características que fazem com que o grau de integração entre *verbo-suporte dar* e elemento não-verbal seja maior é o fato de este se apresentar, tipicamente, com valor [+abstrato], com configuração de caráter [-determinado], com função [-referencial] a entidades do mundo biossocial, nos elementos integrantes da classe dos SNs, como (*dar início*).

Por outro lado, da mesma forma que no exemplo (3), se a estrutura for transformada usando-se do verbo *ter*, o nome *reunião* pode ser retomado:

19) A reunião teve um início *bem humorado/ animado*.

Assim, a estrutura admite a atribuição dos adjetivos (*bem humorado/ animado*) como modificadores do nome (*início*), porque se torna mais referencial.

- **Inserção de um Advérbio no SN**

Semelhante ao critério anterior, a aceitabilidade da inserção do advérbio no SN da estrutura vai depender da posição sintática que ocupa e da natureza dele, conforme mostram os exemplos a seguir:

- (20) a. Ana *deu uma passada* na festa.
 b. Ana deu *agora* uma passada na festa.
 c. *Ana deu uma *agora* passada na festa.

Em (20b) a inserção do advérbio de tempo *agora* é bem aceita na estrutura, o qual tem o papel de delimitar o momento em que Ana passou na festa. Já em (20c), o deslocamento do advérbio após o determinante não é aceito, porque descaracteriza a construção, tornando-a agramatical e inaceitável. Na sentença seguinte, a inserção do advérbio (*só*) tem outro comportamento:

- (21) a. Ana deu *uma estudada* no texto.
 b. Ana deu *só* uma estudada no texto.
 c. Ana deu uma *só* estudada no texto.

O advérbio (*só*) também tem boa aceitabilidade, tanto anteposto quanto posposto ao determinante, como em (21b-c), veiculando a idéia de pouca intensidade, de singularidade. Observe as sentenças a seguir, com outro tipo de advérbio:

- (22) a. Ana deu *uma modificada* no escritório.
 b.*Ana deu *talvez* uma modificada no escritório.
 c. *Ana deu uma *talvez* modificada no escritório.
 d. Ana *talvez* dê uma modificada no escritório.
 e. *Talvez* Ana dê uma modificada no escritório.

Ao contrário do exemplo anterior, a inserção do advérbio de dúvida (*talvez*), nas duas posições em (22b-c) não é aceita, nem na posição anteposta, nem posposta ao determinante. Já com o verbo *dar* no presente do subjuntivo, há possibilidade do uso de (*talvez*), atribuído à estrutura, em (22d-e).

Observa-se, além disso, que o tipo de advérbio define a possibilidade de aceitação, dependendo do uso. Entre os exemplos examinados acima, a inserção do advérbio (*só*) é a que tem maior aceitabilidade.

A inserção do advérbio de *modo* nas estruturas abaixo tem o seguinte comportamento:

- (23) a. Ana deu *uma verificada* nos papéis.
 b. Ana deu *rapidamente* uma verificada nos papéis.
 c.*Ana deu uma rapidamente verificada nos papéis.

Há aceitabilidade da inserção do advérbio de modo (*rapidamente*) em (23b), mas em (23c) não. Muitas vezes, a inaceitabilidade da inserção de certos tipos de advérbios nas estruturas em *-da* deve-se ao fato de envolverem noções aspectuais que denotam frequência e intervalo.

O advérbio *freqüente*, quando usado no plural, comporta-se da seguinte forma:

- (24) a. Ana dava respostas ao professor.
 b. Ana dava *freqüentes* respostas ao professor.
 c. Ana dava respostas *freqüentes* ao professor.

A inserção do advérbio *freqüentes* nas estruturas (24b-c) é aceitável em ambas as posições e funciona como um modificador, dando a noção de um evento de iteratividade, de freqüentatividade.

Assim, não é apenas a presença de elementos que modificam de modo independente cada nome, mas, sim, o caráter facultativo da inserção. Quando numa seqüência, não é possível modificar facultativamente cada um dos nomes, é sinal de fixidez sintática da combinação.

- **Construção conversa**

A construção conversa é uma transformação que consiste na troca dos verbos, com a inversão da ordem sintática entre o agente e o paciente. Os verbos *levar e receber* possibilitam esse tipo de construção com alguns nomes.

Com a estrutura seguinte, o nome (*chinelada*) possibilita a construção conversa com o verbo (*levar*). Esse tipo de construção se insere, segundo Baptista (1997), na classe de nomes predicativos derivados de nomes concretos, ou seja, instrumentos que podem ser utilizados para agredir, ferir ou bater em alguém, como (*Ana bateu com um chinelo*).

- (25) a. Ana deu uma *chinelada* no menino.
 b. O menino *levou* uma *chinelada* de Ana.
 c. *O menino *recebeu* uma *chinelada* de Ana.

A aceitabilidade da conversão com o verbo *levar* em (25b) deve-se ao fato de ser um substantivo apropriado, uma paráfrase para veicular a atitude de bater em alguém com um objeto, uma agressão. Em (25c) a conversão com o verbo *receber* é bloqueada pela ruptura no paradigma distribucional do nome em relação ao verbo. A transformação feita com os verbos *levar*, na maioria das vezes, ocorre com verbos que denotam ações abruptas, que rompem com a estabilidade normal de certa situação. Ao contrário de *levar*, o verbo *receber* denota uma

ação previsível; por isso, apresenta restrição de seleção com relação ao nome *chinelada*. Portanto, as construções denominais em *-ada* com o verbo-suporte *dar*, em geral, o verbo *receber* não é aceito na construção conversa.

Considerando-se que o agente e o paciente contêm traços de nomes humanos, uma outra característica importante desses verbos, é que *levar* por ser mais apropriado para ações abruptas, não permite ao sujeito, a escolha de acatar ou rejeitar a ação, ou seja, não implica volição. Ao contrário, o verbo *receber* implica que a vontade do sujeito pode ser considerada.

Nesse sentido, há alguns nomes que podem ser construídos com ambos os verbos (*levar e receber*), embora se observe, por vezes, alguma diferença de aceitabilidade de um deles, como os nomes *beijo e resposta*, por exemplo:

- (26) a. Ana deu um beijo no namorado.
 b. ?O namorado *levou* um beijo de Ana.
 c. O namorado *recebeu* um beijo de Ana.

- (27) a. Ana deu uma resposta ao professor.
 b. ?O professor *levou* uma resposta de Ana.
 c. O professor *recebeu* uma resposta de Ana.

Observa-se que nas estruturas (26a) e (27a), o verbo-suporte *dar* confere uma orientação ativa, em que o sujeito gramatical (*Ana*) é também o agente do processo. Em (26b) e (27b), considerando-se uma situação pragmática, no caso de uma ação inesperada (um beijo indesejado/ uma má resposta) o verbo *levar* pode ser adequado para as construções conversas, porém, não é muito usual. Por isso, a aceitabilidade é duvidosa. Em (26c) e (27c), o verbo *receber* é aceito na construção conversa, conferindo ao processo uma orientação passiva e o agente apresenta-se na posição de complemento preposicional.

Distintamente, as estruturas deverbais não permitem a construção conversa, nem com o verbo *levar* nem com *receber*:

- 28) a. Ana deu uma verificada nos documentos.
 b. *Os documentos *levaram* uma verificada de Ana.

c. *Os documentos *receberam* uma verificada de Ana.

Observa-se que nas estruturas em (28b-c), os complementos concretos bloqueiam a conversão (BAPTISTA, 1997).

- 29) a. Ana deu uma olhada no bebê.
 b. *O bebê *levou* uma olhada de Ana.
 c. *O bebê *recebeu* uma olhada de Ana.

Outro fator que pode impedir a conversão é a questão da exigência de nomes humanos. Nesse sentido, a conversão é bloqueada tanto para as estruturas (28b-c) em que somente os nomes que ocupam a posição de agente possuem traços humanos, quanto em (29b-c) em que o agente e o paciente são representados por nomes que possuem traços humanos.

- **Transformação da estrutura para a forma relativa**

A transformação para a forma relativa possibilita uma dupla análise do complemento do verbo-suporte que apresenta a estrutura SN+preposição+SN, o que evidencia a dupla possibilidade de extração. A transformação de relativização combina duas sentenças:

- (30) a. Ana *deu uma chinelada* no filho.
 b. A chinelada de Ana não surtiu efeito.
 c. A chinelada que Ana deu no filho não surtiu efeito.

A junção da estrutura (30a), com a (30b), por meio do pronome relativo (*que*) ocorre a transformação para a forma relativa. O acréscimo da informação *não surtiu efeito* dá à sentença a noção de completude.

Com a aplicação da redução do verbo-suporte [Red Vsup], que substitui por (*de*) o verbo-suporte e o pronome relativo, obtém-se:

- (30) d. A chinelada de Ana no filho não surtiu efeito.

A partir da estrutura relativizada (30c), pode ocorrer a dupla possibilidade de clivagem, pois, *no filho* é complemento tanto do nome *chinelada* quanto do conjunto *dar uma chinelada*, como:

(30) e. *Foi uma chinelada no filho* que Ana deu.

f. Foi uma chinelada que Ana deu *no filho*.

Assim sendo, o complemento do nome construído com verbo-suporte também é complemento de todo o conjunto formado pelo verbo-suporte e seu complemento.

(30) g. Ana vai *dar uma chinelada* no filho.

h. É no filho que Ana vai *dar uma chinelada*.

i. *Aquela chinelada* Ana vai *dar no filho* e não no sobrinho.

Esse fenômeno da *dupla análise* das estruturas com verbos-suporte com complementos preposicionados (também denominado de *clefting*) foi primeiramente observado por lingüistas franceses, por M Gross (1976) e Giry-Schneider (1978).

- **Nominalização do SN da Estrutura**

A transformação com verbo-suporte introduz uma relação de equivalência denominada nominalização entre sentenças construídas com um substantivo e sentenças construídas em torno de um verbo:

(31) a. Ana *passou* na festa.

b. Ana *modificou* o escritório.

c. Ana *respondeu* ao professor.

d. Ana *abraçou* o namorado.

e. Ana *iniciou* a reunião.

A partir das sentenças mencionadas em (31) com verbos plenos, obtém-se a nominalização, cuja transformação ocorre com a introdução do verbo-suporte *dar*:

(32) a. Ana *deu uma passada* na festa.

- b. Ana deu uma modificada no escritório.
- c. Ana deu uma resposta ao professor.
- d. Ana deu um abraço no namorado.
- e. Ana deu início à reunião.

De acordo com a teoria do Léxico-Gramática, as estruturas arroladas em (32) são nominalizações em que o verbo-suporte *dar* se junta aos nomes predicativos para compor os SNs.

A forma relativizada combina duas sentenças em uma, estabelecendo a relação entre a sentença e a frase nominal. Transformando as construções mencionadas em (32) para a forma relativa, tem-se:

- (33) a. A passada que Ana deu na festa.
 b. A modificada que Ana deu no escritório.
 c. A resposta que Ana deu ao professor.
 d. O abraço que Ana deu no namorado.
 e. O início que Ana deu à reunião.

Esta transformação constitui um grupo nominal em que a relação entre a construção verbal e este grupo, não é direta, mas sim, o resultado de duas etapas intermediárias: nominalização por um verbo-suporte e redução desse mesmo verbo-suporte.

Com a aplicação da redução do verbo-suporte [Red Vsup], que substitui por (*de*) o verbo-suporte e o pronome relativo (*que*), obtém-se:

- (34) a. A passada de Ana na festa (foi rápida).
 b. A modificada de Ana no escritório (ficou ótima).
 c. A resposta de Ana ao professor (foi inteligente).
 d. O abraço de Ana no namorado (foi apertado).
 e. O início da reunião de Ana (foi difícil).

Segundo G. Gross (1989), no *Léxico-Gramática*, o léxico em contexto, não é um mero catálogo de palavras em uma estrutura abstrata. Ao contrário, itens lexicais são definidos por suas propriedades combinatórias, ou seja, a unidade básica não é a palavra, mas a sentença.

Quanto às construções *dar uma X-(a)da*, os elementos que as constituem dependem não só do verbo *dar*, mas também do outro elemento (um verbo ou um nome) para formar a nominalização. Esse elemento tem importante contribuição predicativa, ou seja, existe uma reciprocidade entre o verbo *dar* e o constituinte que com ele forma a combinatória, o qual não fica totalmente desprovido de suas propriedades.

- **Transformação da estrutura da voz ativa para a voz passiva**

A relação da passiva inclui a permutação de duas frases nominais com a inserção da preposição *por* (marcando o agente) e do verbo (*dar*) regendo o sufixo do particípio passado.

(35) a. Ana deu uma passada na festa.

b. *Uma passada foi dada na festa por Ana.

(36) a. Ana deu uma modificada nos planos.

b. *Uma modificada foi dada nos planos por Ana.

Os exemplos (35b) e (36b) mostram que as nominalizações em *-da* não admitem os processos de passivização. Segundo M. Gross (1984), a transformação da passiva não é recomendável quando o sujeito é indefinido. Estamos considerando que, com a transformação, (*uma modificada*) passa ser o sujeito da frase; por isso, torna-se inaceitável.

No entanto, a impossibilidade verificada em (35b) e (36b) não é um fator definitivo, se às mesmas estruturas forem acrescentados contextos diferentes, omitindo-se o verbo *dar*, como:

(37) a. A terceira passada de Ana na festa foi a melhor.

b. As passadas de Ana na festa são descritas pelo autor.

A nominalização *passada*, em (37a-b), com os determinantes definidos (*a/ as*) torna-se referencial, podendo ocupar a posição de sujeito da estrutura na forma passiva. O mesmo ocorre com a nominalização *modificada*:

- (38) a. A primeira modificada de Ana nos planos foi a mais bem planejada.
 b. As modificadas de Ana nos planos são bem aceitas pela família.

A estrutura denominal, abaixo, mostra-se um pouco diferente:

- (39) a. Ana deu uma chinelada no filho.
 b. ?Uma chinelada foi dada no filho por Ana.

Ainda que de forma marginal, ou melhor, com aceitabilidade duvidosa, a estrutura (39b) aceita a passiva, devido o SN ser um elemento referencial. De outro modo, pode-se formar a seguinte construção:

- (39) c. ?Uma chinelada foi dada no filho da Ana.

O exemplo (39c) permite ser passivizado, pois, admite o processo quantificacional, ou seja, o SN permite ser quantificado. Contudo, essa construção não assegura a posição do agente que pratica a ação, como na construção original (39a).

Por outro lado, de acordo com a argumentação de Gross (1988), é possível alterar a aceitabilidade se ao determinante (*uma*) for acrescentado um modificador, tanto nas estruturas (35) e (36) deverbais, quanto na (39) denominal:

- (39) d. Uma passada *alegre* na festa foi dada por Ana.
 e. Uma modificada *significativa* nos planos foi dada por Ana.
 f. Uma chinelada *forte* foi dada por Ana no filho.

Assim, o resultado da aplicação do critério da passiva nas estruturas com verbo-suporte deverbais, demonstra que os SNs, em geral, são incorporados como objetos não referenciais, conforme os exemplos (35) e (36). O verbo e o nome passam a designar uma subclasse da ação expressa pelo verbo. Esse fato relaciona-se à questão da diferença de propriedades de

subcategorização existente do verbo *dar* como verbo-suporte e como pleno. Contudo, dependendo do contexto, os SNs dessas estruturas podem se tornar referenciais e admitir a passivização, como em (37) e (38). A seguir, uma sentença bitransitiva:

- (40) a. Ana *deu* um brinquedo ao menino.
 b. Um brinquedo *foi dado* por Ana ao menino.

A transformação para a passiva é cabível nas construções bitransitivas, porque o objeto direto é um elemento referencial, podendo ser retomado. O *sujeito* da sentença passivizada, em (40b), é o *complemento* da construção original (40a).

- **Junção de complemento do tipo de+nome humano/possessivo ao SN**

Não é possível juntar-se um complemento do tipo de+nome humano/possessivo ao SN que é objeto do verbo suporte, como mostram os exemplos a seguir:

- (41) a. *Ana *deu uma organizada sua* na festa.
 b. *Ana *deu uma chinelada sua* no filho.

As construções (41a-b) são inaceitáveis e esse critério não se aplica para a delimitação de estruturas com verbo-suporte.

Neves (1999a, p. 100), afirma sobre a não aplicabilidade deste critério, fazendo referência às estruturas *dar+SN* (*dar um riso do falante/ seu*) e as deverbais, como (*dar uma olhada de Tenório / sua*). No entanto, parece que certas construções não seriam inaceitáveis de acordo com esse critério.

- 42) a. Ana deu uma chinelada *de mãe* no filho.
 b. Ana deu uma especulada *de detetive* na questão.

Nesses casos, os complementos (*de mãe/ de detetive*) representam uma extensão das propriedades características dos nomes humanos.

A título de comparação, o mesmo critério se aplica a construções bitransitivas com verbos plenos, como por exemplo:

- (43) a. Ana *dava* roupas para o bazar.
 b. Ana *dava* roupas *suas* para o bazar.

Nesse caso, o complemento possessivo *suas* já faz parte da estrutura e, por isso, não há impedimento.

- **Anaforização por retomada do SN**

Não é possível a retomada do SN, porque o constituinte verbal de uma construção com verbo-suporte não é um verbo pleno, pois não tem capacidade para abrir lugares vazios a serem preenchidos por expressões referenciais, como no exemplo a seguir:

- (44) a. Ana *deu uma passada* na festa.
 b. *Ana *deu-a*.

Nesta estrutura com verbo-suporte não é possível a retomada do SN através do pronome, porque (*passada*) é um nome menos referencial. Isso ocorre também na sentença abaixo:

- (45) a. O chefe *deu início* à reunião.
 b. *O chefe *deu-o*.

Novamente não é aceitável a retomada do SN por meio do pronome em (45b). Neves (1999a, p. 105), explica que a impossibilidade de pronominalização do complemento posposto ao verbo-suporte porque tem mais característica de *predicado* do que preenchedor da casa argumental, ou seja, *argumento*.

Já na sentença a seguir, a retomada pode ocorrer:

- (46) a. Ana *deu uma bolsa* para a Cláudia.
 b. Ana *deu-a*.

O exemplo (46a) é uma construção bitransitiva, em que o verbo *dar* representa o núcleo do predicado. Por isso, é possível a retomada do SN por um pronome por ser um referente concreto em (46b).

Em geral, as formações deverbais em *-da* demonstram um comportamento uniforme em relação aos processos de pronominalização, porque são típicos de elementos referenciais, com propriedades argumentais, não aceitando tais mecanismos (Scher, 2004).

- **Interrogação do Npred**

O movimento da interrogativa é semelhante ao procedimento da retomada anafórica, mostrado acima, cujo comportamento é diferente nas construções bitransitivas e com verbo-suporte:

- (47) a. Ana *deu* um sorvete ao namorado.
 b. O que a Ana *deu* ao namorado? Um sorvete.

A construção bitransitiva (47b) admite a forma interrogativa, pois o SN é um termo que se apresenta na sua acepção natural. Já na construção com SN deverbal a seguir, constituída com verbo-suporte, não ocorre o mesmo.

- (48) a. Ana deu uma *organizada* nos documentos.
 b. *O que a Ana deu nos documentos? Uma *organizada*.

A frase (48b) não admite a forma interrogativa. A inaceitabilidade dessas construções relaciona-se aos tipos de complementos que, nesse caso, o pronome interrogativo, não-humano (*o que*), corresponde ao objeto direto.

No entanto, quando é usada a *interrogativa de quantidade*, o comportamento das deverbais e denominais apresenta-se de modo diferente:

- (49) a. Ana *deu uma organizada* nos documentos.
 b. ?*Quantas* organizadas a Ana deu nos documentos? Duas/ várias.

O processo da interrogativa de quantidade não é bem aceito nas estruturas deverbais, pois trata-se de um movimento quantificacional que é mais adequado a nomes denominais, conforme abaixo:

(50) a. *Ana deu uma bolsada* na Cláudia.

b. *Quantas bolsadas* a Ana deu na Cláudia? Uma, duas.

Como se observa em (50b), as estruturas denominais aceitam melhor o operador *quantas*, porque seus SNs são mais típicos de ações que denotam pontualidade.

Esse critério explica a impossibilidade da interrogativa ocorrer nas construções com verbo-suporte (deverbais). Já as denominais e as bitransitivas aceitam bem este processo. Isso significa que o resultado negativo da aplicação deste teste demonstra que o objeto nas estruturas com verbos-suporte não tem independência como constituinte.

Nesse sentido, de acordo com Athayde (2005, p. 31), a impossibilidade da passivização, da interrogativa do Npred e da retomada do SN nas construções com verbo-suporte deve-se ao fato de ser um processo que “é um reflexo sintático das propriedades semânticas do nome e, simultaneamente, do verbo que com ele ocorre”: diferentemente do que acontece nas construções com verbo pleno, o nome de uma construção com verbo-suporte não designa um argumento/complemento que preenche um lugar aberto pelo significado de verbo.

É possível, então, afirmar que o constituinte verbal de uma construção com verbo-suporte não é um verbo pleno, porque não tem capacidade para abrir lugares vazios destinados a serem preenchidos por expressões referenciais. Particularmente, devido o seu enfraquecimento semântico, o verbo-suporte partilha a função predicativa com um outro elemento da construção (o núcleo predicativo). A relação valencial que se estabelece com os verbos plenos que têm a capacidade de requerer um certo número e tipos de complementos, é diferente daquela que se estabelece com os verbos-suporte. Esses mesmos complementos são diferentes (tanto do ponto de vista sintático como semântico) daqueles que ocorrem na construção com verbo-suporte, por se tratar de um verbo lexicalmente, em parte, esvaziado.

Assim, as construções com o verbo-suporte *dar* não mantém as mesmas propriedades de subcategorização do verbo pleno *dar* nas construções bitransitivas. Além disso, as restrições

que se observam nas construções com verbos-suporte devem-se ao caráter de não-referencialidade do nome, uma vez que esse nome assume o papel de predicado nuclear da construção. Portanto, os critérios aplicados nas estruturas analisadas, em sua maioria, os que se mostraram mais confiáveis são os que verificam o processo de nominalização, da anaforização, da interrogativa e o da passivização.

Retomando os pressupostos do Léxico-Gramática (GROSS, 1986), uma observação mais detalhada desses fatos é possível se obter por meio do estudo da distribuição dos nomes predicativos, os quais denotam ação ou estado e têm uma estrutura argumental que numa construção com verbo-suporte, não estão totalmente esvaziados semanticamente.

- (51) a. Ana deu uma *canetada* no irmão.
 b. A *canetada* de Ana furou os olhos de João.
 c. O juiz deu uma *canetada* no processo.
 d. A *canetada* do juiz levou João à prisão.
 e. O guarda *canetou* João com duas multas⁹.

A partir da construção dos enunciados, observam-se diferenças semânticas do uso do nome *canetada*: no exemplo em (51a) aponta para o sentido de golpe, de ferir alguém com o objeto *caneta*; em (51b) há a redução do verbo-suporte em que a nominalização *canetada* é retomada na posição sintática de sujeito; em (51c) *dar uma canetada*, embora pouco usual, pode ser interpretada como um ato de usar a caneta rapidamente para emitir um parecer; em (51d) há novamente a supressão do verbo-suporte em que *canetada* representa uma forma de transcrever uma decisão judicial, usada na instância jurídica. Na estrutura (51e), tem-se uma forma verbal plena (*canetar*), em que a aceitabilidade pode ser explicada pela extensão de sentido usada de modo informal, veiculando a idéia de punição.

Comportamento semelhante pode-se observar nos seguintes exemplos:

- (52) a. Ana deu uma *garfada* no macarrão.

⁹Quando estava chegando perto da Gávea, um motorista de Kombi fez um sinal para mim. – Ô, um PM te *canetou* ali atrás. Volta lá e desenrola com ele, amigo.

b. Ana deu uma garfada no João.

(53) a. Ana deu uma garfada (*no macarrão/ na carne*).

b. A garfada de Ana esvaziou a travessa.

c. A garfada que Ana deu no macarrão esvaziou a travessa.

d. A garfada de Ana no macarrão esvaziou a travessa.

Ainda no âmbito do Léxico-Gramática, segundo Baptista (1997), esses nomes, em geral, designam atos violentos. No entanto, muitas vezes, não se trata apenas de nomes para atos violentos, mas há intervenção de complemento instrumental que pode ser parafraseado com o verbo *bater* (bater em alguém com alguma coisa).

(54) a. Ana deu uma garfada (*no assaltante/ no gato*).

b. A garfada de Ana feriu o assaltante.

c. A garfada que Ana deu no assaltante deixou-o ferido.

d. A garfada de Ana deixou o assaltante ferido.

Observa-se que a natureza dos nomes-complementos do exemplo (53) interpreta-se diferente do exemplo (54). A primeira (53) denota uma ação de '*pegar um pouco de macarrão com o garfo*'. A segunda, em (54) veicula noção de ato agressivo, '*de bater em alguém com um instrumento*'. Em cada uma das estruturas as transformações sintáticas não alteram a relação de equivalência de sentido.

Com o exemplo *dar uma carimbada* ocorre um processo semelhante. Essa diferença de interpretação deve-se ao fato de os nomes conterem traços semânticos distintos que são compatíveis com os verbos aos quais se juntam no paradigma distribucional em cada caso.

Dependendo dos complementos que acompanham o nome *carimbada*, podem ocorrer diferenças semânticas, como:

(55) João deu uma carimbada (*no requerimento/na parede/ no cavalo/ no caderno/ no processo/ na carta*).

Dar uma carimbada, no exemplo (55), tem-se a interpretação de *marcar com um carimbo*. Ou seja:

- (56) a. João deu uma carimbada na parede.
- b. João carimbou a parede com o seu nome.

Ou seja: *o requerimento/ a parede/ o cavalo/ o caderno/ o processo/ a carta* foram carimbados por João.

No exemplo (57) abaixo, em que *dar uma carimbada* denota um ato de agressão, um gesto de jogar o objeto *carimbo*, os nomes-complementos (no requerimento/ no caderno/ no processo/ na carta) não são adequados, considerando-se a semântica dos verbos *atingir/ ferir*, pois não faz sentido atingi-los com um golpe.

- (57) a. João deu uma carimbada (*nos olhos do cavalo/ no assaltante*).
- b. João atingiu/ feriu os olhos do cavalo com uma carimbada.

Outra questão a ser observada é a distribuição do sujeito numa sentença com a seqüência *dar uma carimbada*, em que a posição sintática deve ser ocupada, normalmente, por um nome que contenha um traço [+humano]. Porém, a distribuição do complemento é variável, podendo conter o traço [+humano] ou [-humano].

- (58) a. Ana deu uma carimbada (*no João + nos ovos caipiras*).
- b. *A máquina X carimbou todos os ovos caipiras.

Em (58b), observa-se que não é aceitável porque essa posição de sujeito deve ser preenchida por um nome com atributo [+humano]. Com relação à distribuição dos nomes-complementos em '*dar uma carimbada*' pode também haver a seguinte diferença semântica, de modo que só um deles é aceitável, diferentemente do exemplo (*dar uma garfada no assaltante/ no macarrão*), em que ambas as formas são possíveis:

- (59) Ana deu uma carimbada no bloco (*de notas fiscais + de receitas + nas figurinhas/ *de carnaval*).

Dar uma carimbada em um bloco de carnaval é inaceitável, tendo em vista que se trata de um exemplo de nome composto, isto é, um bloco de carnaval constitui um conjunto de pessoas.

Com referência aos critérios adotados, observa-se que não têm aplicabilidade geral, infalível. Há algumas construções que respondem positivamente aos testes e outras não. Contudo, esse fato não coloca em causa o estatuto das estruturas com verbo-suporte, mas evidencia o caráter não homogêneo deste tipo de predicado nominal complexo, que possuem diferentes níveis de estabilidade lexical.

5.2 Propriedades aspectuais das construções dar uma X-(A)DA

Este capítulo apresenta algumas discussões sobre o comportamento aspectual das formações *dar uma X-(a)da*, no sentido de mostrar as restrições que incidem sobre essas formações, e, por conseguinte, algumas razões para distingui-las.

Embora não seja pretensão esgotar as considerações de cunho semântico, a necessidade de abordá-las visa complementar as investigações morfossintáticas para explicar a complexidade delas. Para tanto, são adotadas as bases teóricas de Vendler (1967), Verkuyl (1993) e Smith (1997) que, embora apresentem reflexões diferentes, são complementares em alguns pontos.

Algumas dessas construções não possuem comportamento sistemático; por isso, têm despertado interesse de outros estudiosos como Basílio *et alli* (1994), Silva e Liz (2003) e Scher (2004).

As verificações que se propõem têm a finalidade de delimitar as propriedades aspectuais das formações associadas ao sufixo *-(a)da* no português do Brasil, com base na categoria geral que se apresenta como *‘dar uma X-(a)da em Y’*. Em geral, nesse tipo de construção, há uma associação entre um verbo-suporte e um elemento verbal ou nominal, de modo que esse elemento que se associa é uma forma derivada do verbo que denota a eventualidade da sentença.

5.2.1 Categorias aspectuais

As diferentes concepções acerca da categoria aspectual têm demandado controvérsias entre os estudiosos no que se refere à sua definição que, embora haja alguns pontos de contato entre as teorias, os posicionamentos são bastante diferenciados. Nesse sentido, há os que consideram o aspecto como uma categoria gramatical, que diz respeito ao modo de conceber ou experienciar uma ação expressa pela categoria lexical.

Há outros que não consideram apenas o sentido expresso, mas, principalmente, a relação do verbo com os demais elementos da sentença (a natureza do verbo combinada com determinados complementos configura a estrutura). Em linhas gerais, o ponto gerador de muitas divergências é a questão da definição do aspecto quanto à diferença entre *aspecto lexical*¹⁰ denominado também *acionalidade* e o *aspecto verbal ou sentencial*.

Do mesmo modo que alguns pesquisadores, Castilho (1968) também considera o aspecto como uma categoria léxico-sintática que se caracteriza pela interação entre o sentido que contém a raiz do verbo ou substantivo e os elementos sintáticos, tais como adjuntos adverbiais, complementos e tipo oracional.

Neste estudo, considera-se a categoria lexical (acionalidade) do item que compõe a nominalização em *-(a)da*, pois esse elemento pode ser verbal ou nominal, como se observa nos exemplos em (1a-b), os quais são análogos aos que serão discutidos mais adiante.

- (1) a. Ana *deu uma arrumada* no quarto.
 b. Ana *deu uma sapatada* no Pedro.

A classificação aristotélica dos verbos, baseada em tipos de evento, apresenta duas classes principais: *estados e eventos*. Os verbos de *estado* também denominados de eventualidades expressam a existência de uma situação. *Os verbos de eventos*, em geral, apresentam processos. Nesse sentido, os verbos de *eventos* podem ser verbos de *ação ou de movimento*. Um verbo de *ação* tem, em seu significado intrínseco, a idéia do fim de um processo e um

¹⁰ Categoria que se estrutura em função de certos traços semânticos inerentes às raízes verbais, ou tomados composicionalmente quando são consideradas as raízes verbais e argumentos e/ou adjuntos, conforme Verkuyl (1993) e Smith (1997).

verbo de *movimento* expressa um processo incompleto, que falta um fim ou ponto de culminância inerente.

A partir dessa classificação, Vendler (1967) estabeleceu uma nova tipologia de classes aspectuais, considerando o predicado e seus argumentos nas línguas naturais, pois de acordo com seu entendimento, diversas situações eram representadas também por diferentes tipos de predicados.

Outros trabalhos mais recentes, como os de Verkuyl (1993) e de Smith (1997), mostram que as propriedades dos objetos, adjuntos e demais elementos da oração interagem entre si para determinar o tipo de eventualidade da sentença como um todo. Para tanto, Vendler (1967), adotou a seguinte classificação para demonstrar as diferentes situações, em quatro classes aspectuais: *estados*, *atividades*, *accomplishments* e *achievements*¹¹.

Nesse sentido, é possível, então, definir, em linhas gerais, que os verbos podem ser assim caracterizados: *estados* que exprimem uma eventualidade, que não é uma ação nem um movimento. São situações que apresentam duração indefinida e não necessariamente apresentam um ponto final, como por exemplo, *amar*, *acreditar*, *querer*, etc. Os predicados que contêm um verbo dessa categoria são caracterizados por uma homogeneidade interna. Isso significa que qualquer parte interna de um estado compartilha as mesmas características com qualquer outra parte desse mesmo estado, e também com a situação como um todo:

- (2) a. João *ama* seu filho.
 b. João *acredita* no seu filho.

Esses predicados não apresentam um fim definido e remetem a processos que podem ser prolongados, ou seja, não admitem um limite.

As *atividades* são diferentes dos *estados*. Por terem natureza de evento, denotam um processo configurado por um verbo de movimento. Tais atividades acontecem durante um tempo determinado, mas não terminam em um ponto definido, necessariamente. Verbos dessa

¹¹ Os termos *Accomplishment* e *Achievement* não serão traduzidos para o português, mas serão, mais adiante, explicados quando necessário.

natureza envolvem atividades física ou mental, como *caminhar*, *nadar* etc. que transcorrem sobre períodos de tempo delimitados, conforme as sentenças abaixo:

- (3) a. João *caminha* sempre.
 b. João *nada* bem.

As estruturas em (3) representam atividades que são eventos, que não estabelecem, em princípio, um ponto claro para o término, embora seja possível pressupor que haja um ponto final.

Verkuyl (1993) apresenta uma classificação bastante esclarecedora, ao distinguir *verbos télicos* dos verbos *atélicos*: *os télicos* são tidos como transitórios, requerem uma conclusão, como por exemplo: *morrer*, *cair*. *Os atélicos* são diferentemente definidos como não-transitórios que exprimem processos que podem ser prolongados (processos que não admitem um limite), como *ficar*, *acreditar*.

No entanto, parece bastante complicado definir com rigor a relação dos verbos para cada uma das categorias, uma vez que um mesmo verbo pode admitir diferentes leituras aspectuais dependendo do predicado como um todo¹².

O posicionamento de Verkuyl (1993) distancia-se um pouco de Vendler (1967) quando defende que a formação aspectual ocorre num nível estrutural, baseada em características semânticas das expressões verbais, considerando ainda, objetos e modificadores verbais; diferentemente da visão de Vendler que se apóia na divisão aspectual de base lexical, não prevendo que um mesmo verbo possa exprimir diferentes valores aspectuais em função de outros elementos a que se associa.

A noção de telicidade para Vendler (1967) é caracterizada nos eventos em que os processos evoluem até um ponto além do qual não poderá prosseguir, enquanto a atelicidade pode ser observada em todos os estados e nos eventos que não apresentam um fim bem definido.

¹² Entre os estudiosos aqui elencados, *Verkuyl* e *Smith* são os que argumentam que o aspecto lexical é formado a partir da semântica do predicado verbal, levando em conta as contribuições semânticas dos argumentos e dos adjuntos.

Segundo o autor, os *accomplishments*¹³ são compostos por um processo e por um resultado, ou mudança de estado. Apresentam duração intrínseca, ou seja, são durativos e têm fases sucessivas (têm traços de telicidade), nas quais o processo avança em direção a um ponto final natural. Portanto, o estado de um *accomplishment* pode ou não continuar, como, por exemplo:

- (4) a. João *construiu* um barco no mês passado.
 b. João *estava construindo* um barco no mês passado.

Em (4a) pode-se observar que é um predicado que contém todas as fases pelas quais o operário (João) passou durante a construção do barco, inclusive a fase final que constitui o encerramento da construção. Já em (4b) não fica claro que ele tenha a construção tenha sido finalizada.

Os *achievements*¹⁴ são instantâneos que resultam na mudança de estado. Têm propriedades de serem dinâmicos, télicos e instantâneos, conforme as construções abaixo:

- (5) a. João *encontrou* o livro.
 b. João *caiu* da escada.

A diferença é que as construções em (4a-b) expressam eventualidades que ocorrem em direção a um ponto final natural, com um intervalo de tempo; enquanto (5a-b) que são *achievements*, ocorrem em um único momento, não havendo qualquer processo, uma vez que são instantâneos e pontuais. Por isso, são incompatíveis com expressões adverbiais que exprimem duração, conforme será mostrado no subcapítulo 5.2.2.

A partir dos traços temporais de Vendler (1967), Smith (1997), amplia a classificação e agrega uma outra classe aspectual - os *semelfactivos*¹⁵. Ao estabelecer os cinco tipos de

¹³ Quando a eventualidade apresenta traços dinâmico, durativo e télico.

¹⁴ Quando a eventualidade apresenta traços dinâmico, instantâneo e télico.

¹⁵ Segundo Scher (2004), o *semelfactivo*, na explicação de Smith (1991), trata-se de eventualidades dinâmicas, atéticas e instantâneas, que se constitui da ocorrência apenas. Contudo, parece haver um ponto confuso com referência à telicidade e atelicidade, em que, por um lado, o traço télico associa-se a um limite final natural ou intrínseco e por outro, a atelicidade a um limite final arbitrário. Neste trabalho será mantida essa distinção e tratar os *semelfactivos* como atéticos, podendo, esse tipo de predicado, ser interpretado como durativo ou instantâneo.

eventualidades, a autora sugere definições de modo que o conjunto de traços temporais fica assim definido: *estático/dinâmico, télico/atélico, durativo/instantâneo e semelfactivos*.¹⁶

Segundo Smith (1997), os *semelfactivos* são eventos que consistem de um único estágio (pontuais) e que não têm resultado ou consequência pré-estabelecida (atélicos), como no exemplo abaixo:

(6) João *tossiu* e acordou.

É possível, portanto, explicar o conteúdo de cada traço do seguinte modo: *estaticidade/dinamicidade* dividem as eventualidades em classes, de estados e eventos: *estados são estáticos, eventos são dinâmicos*. Um evento é dinâmico quando envolve estágios sucessivos que acontecem em momentos diferentes.

Assim sendo, de acordo com a autora, estados e atividades ocorrem de modo diferente. Os predicados de *accomplishments* não descrevem eventos homogêneos, pois os estágios são diferentes entre si. Além disso, há diferença da fase final das precedentes, já que um *accomplishment* constitui-se em uma nova condição.

Ressalta, ainda, que eventos télicos envolvem uma mudança de estado, constituindo o resultado do evento. Quando o resultado é alcançado, acontece uma mudança de estado e o evento está completo. A categoria de eventos télicos inclui eventos sem agentes, enquanto eventos atélicos são processos que podem parar a qualquer momento, ou seja, não há resultado. Nesse sentido, eventos atélicos têm ponto final arbitrário, em que não é possível prever um fim, a não ser arbitrariamente.

Vendler (1967) afirma que a atelicidade pode ser observada em todos os estados e eventos que não apresentam um fim bem definido, enquanto que a telicidade se caracteriza nos eventos em que um processo evolui até um ponto além do qual não poderia ter prosseguimento. Seguindo esse raciocínio, as eventualidades télicas são incompatíveis com a noção de completude, como:

(7) a. Ana está *escrevendo*.

¹⁶ O termo *semelfactivo* tem origem do latim *semel* (uma vez) e é usado na lingüística das línguas eslavas para fazer referência a um sufixo que indica evento singular (SCHER, 2004, p. 72).

b. Ana está *escrevendo* um livro.

Em (7a) a ação não prevê um ponto final natural, ou seja, Ana poderá parar de escrever, mas não se sabe o momento exato. Portanto é considerado um predicado atélico. A construção (7b), além de consistir de estágios sucessivos que ocorrem em momentos diferentes, prevê, obrigatoriamente, um ponto final, ou melhor, um ponto em que a ação de escrever chega ao fim natural, sendo caracterizado como um predicado que contém um traço télico. Assim, observa-se que a marca que diferencia as duas construções é a presença do complemento (*um livro*) que caracteriza a atelicidade da primeira e a telicidade da segunda.

Conforme mencionado anteriormente, com a proposta de Smith (1997) ficam definidas as cinco classes aspectuais/ acionais para a classificação dos verbos.

- a) estado: [estático, durativo, atélico]
- b) atividade: [dinâmico, durativo, atélico]
- c) accomplishment: [dinâmico, durativo, télico]
- d) achievement: [dinâmico, instantâneo, télico]
- e) semelfactivo: [dinâmico, instantâneo e atélico]

Essa classificação comporta cinco tipos diferentes de eventualidades, que são caracterizados por três pares de valores para o aspecto lexical: as propriedades de estaticidade x dinamicidade dizem respeito à possibilidade de um predicado descrever, respectivamente, um estado que não se altera no período de tempo ou uma sucessão de estágios de um processo que transcorre no tempo. Telicidade x atelicidade relaciona-se à possibilidade de um predicado apresentar um fim predeterminado ou não. O par pontualidade x duratividade está ligado à possibilidade de um predicado apresentar um evento que não se prolonga no tempo (no primeiro caso) e um evento ou estado que se prolonga por um período determinado de tempo. Desse modo, as situações podem pertencer a duas classes de fenômenos: *estados e eventos*. Os primeiros são estáticos no sentido de que são homogêneos, enquanto os segundos são dinâmicos, já que se constituem por estágios diferentes, envolvendo dinamicidade e mudança.

A seguir, são apresentadas algumas discussões centradas no comportamento aspectual das estruturas verbal e denominal *dar uma X-(a)da*, verificando-se de que modo esses traços temporais podem contribuir para delimitação dessas formações, levando em conta as

propriedades aspectuais, com base nas propostas dos teóricos, acima referidos. Serão abordadas, num primeiro momento, as estruturas deverbais e, em seguida, as denominais.

5.2.2 O aspecto em estruturas *dar uma X-(A)DA*

Considerando-se que as propriedades semânticas das estruturas '*dar uma X-da*' (deverbal) apresentam comportamentos diversos, pois, dependendo da natureza do predicado e dos demais constituintes da estrutura, podem-se observar diferentes tipos de aspectos. Os diferentes comportamentos relacionam-se, principalmente, aos valores lexicais dos pares básicos de estaticidade x dinamicidade e telicidade x atelicidade.

As construções com verbos-suporte deverbais são distintas das bitransitivas, sobretudo pelas propriedades aspectuais, conforme mostram os exemplos arrolados em (1) a seguir:

(1) a. Ana deu um pente para sua irmã.

A sentença acima (1a) é bitransitiva e formada por um único estágio em que há mudança de estado em direção ao objeto. Possui traços dinâmico, instantâneo e télico. Dinâmico porque envolve movimento de um objeto (*pente*) em direção a um receptor (*sua irmã*); instantâneo porque ocorre em um único estágio e télico porque envolve mudança de estado que representa um resultado.

Segundo Scher (2004), somente uma eventualidade dinâmica, durativa e télica permite a formação de construções com verbos-suporte, como:

(1) b. Ana *deu uma penteada* no cabelo.

A construção (1b) é deverbal e possui os seguintes traços: dinâmico, télico e durativo. Dinâmico porque envolve movimento; télico porque é possível se prever um ponto final natural e durativo porque ocorre em vários estágios. Conforme a proposta de Verkuyl (1993), a presença das expressões '*por X tempo*' e '*em X tempo*' têm comportamentos distintos em relação aos traços de telicidade e atelicidade, como mostram os exemplos a seguir:

(1) c. *Ana deu uma penteada no cabelo *por cinco minutos*.

Por conter o traço de telicidade, a construção (1c) rejeita ser modificada pela expressão '*por cinco minutos*', que é compatível, em geral, com construções atélicas. Em (1d) tem-se uma formação compatível com a expressão '*em X tempo*':

(1) d. Ana deu uma penteada no cabelo *em cinco minutos*.

A construção (1c) é télica, porque provoca mudança de estado e admite um ponto final natural. Apresenta o traço durativo que ocorre em sucessivos estágios; por isso, admite a expressão '*em cinco minutos*' e dinâmico porque denota movimento. Trata-se, portanto, de uma estrutura que faz parte dos *accomplishments*.

Para um predicado do tipo de *achievement*, considera-se verdadeira uma sentença apenas para o instante do evento, como o exemplo seguinte:

(2) Ana deu uma ligada no som para ouvir a música.

A construção (2) possui um predicado com traço télico, porque pode-se prever um final natural em que há mudança de estado, pois o som passa do estado de desligado ao estado de ligado. Apresenta ainda os traços: *instantâneo* porque não possui estágios de duração e *dinâmico* porque indica movimento. Ou seja, trata-se de um evento pontual; logo, é considerado um *achievement*.

Vale ressaltar que os *accomplishments* e os *achievements* são considerados télicos. Porém, a diferença entre eles, é que o primeiro é durativo e o segundo é pontual.

As estruturas a seguir, são rejeitadas porque têm características estáticas, que não são indicadas para construções com verbos-suporte:

(3) a. *Pedro deu uma gostada na Ana.

b. *Ana deu uma acreditada no Pedro.

As construções (3a-b) são mal formadas porque o verbo têm traço estático, pois o traço durativo é que favorece a formação com verbo-suporte. Portanto, não se desenvolvem no tempo e não admitem diminutivização, já que não há dinamicidade ou duração a diminuir. Essa restrição pode ser explicada morfológicamente e relaciona-se à questão da não transparência ou irregularidade da formação do particípio passado que não pode compor esse tipo de formação, conforme Basílio (2001, p. 3). Para que haja nominalização com verbo-suporte deve haver dinamicidade e duratividade, como a formação a seguir:

- (4) a. Ana *deu uma temperada* na carne.
 b. Ana *deu uma olhada* nas crianças.

A sentença (4a) trata-se de uma formação que representa uma atividade. Possui os seguintes traços: *dinâmico*, porque *varrer* se constitui por vários estágios; *durativo* porque apresenta um evento que se prolonga por um período determinado de tempo e *télico*, uma vez que é compatível com a noção de completude, conforme Smith (1997). Em (4b) tem-se uma eventualidade dinâmica, durativa e atélica: a diferença entre as duas construções é que em (4a) há uma mudança de estado e pode-se prever um final natural; em (4b) não se identifica um final natural, embora possa ser previsto arbitrariamente.

As construções deverbais que possuem bases que denotam eventualidades estáticas ou instantâneas que não se desenvolvem em um intervalo temporal, não admitem uma forma diminutivizada dessas eventualidades pela formação de uma construção com verbo-suporte, porque não são dinâmicas. A sentença, a seguir, por exemplo, não é aceitável como uma formação de verbo-suporte:

- (5) a. *Ana *deu uma ganhada* naquele jogo.

Um *achievement* é um evento constituído dos traços dinâmico, instantâneo e télico; portanto, é bloqueado para formar uma construção com verbo-suporte que denota diminutivização. O esquema temporal de um *achievement* consiste de um único estágio, que é uma mudança de estado e, já que não se desenvolve em um intervalo temporal, não há duração a diminuir. No entanto, para Smith (1993), o traço instantâneo é somente conceitual; por isso, em alguns eventos como *ganhar o jogo* pode levar alguns instantes, sem alterar a categorização de instantaneidade. Pode ser necessário, então, considerar que existem estágios preliminares, pois,

para *ganhar o jogo*, é preciso que alguém jogue. Assim, a inaceitabilidade da sentença (5a) leva em conta as características da quadripartição vendleriana, em que a formação deverbal não pode ser construída a partir de um *achievement*.

Por outro lado, poderia ser considerado um *accomplishment*, mas também não tem boa aceitação, sugerindo que este tipo de evento não pode ser selecionado por uma formação deverbal. Trata-se, portanto, de uma restrição de caráter lexical.

Os estudos tradicionais sugerem que a relação gramatical do traço telicidade/atelicidade envolve a noção de completude. Predicados como *terminar em 'X tempo'* (*em horas/minutos*) se contrapõem aos predicados que expressam interrupção, formado por *parar* e outros advérbios simples. Seguindo esse raciocínio, as eventualidades télicas são incompatíveis com a noção de completude.

Entretanto, existem construções que revelam eventualidades télicas que são compatíveis com a noção de completude, admitindo modificadores do tipo em *'X tempo'*, conforme Vendler (1967, apud Scher, 2004), como as construções a seguir:

- (6) a. *Ana deu uma organizada nos textos em uma hora.*
 b. **Ana deu uma organizada nos textos por uma hora.*

A construção (6a) é télica; por isso, é compatível com a noção de completude pela adição do modificador *'em uma hora'*. A mesma construção, em (6b), confirma a idéia de que se trata de uma eventualidade télica, pois não admite a imposição do modificador *'por uma hora'*, que é incompatível com a noção de completude. O que parece estar em jogo nessas construções é a natureza das preposições (*por/em*).

As sentenças seguintes, em (7a) e em (7b), comportam-se de modo diferente, pois, os verbos que comportam os traços de *semelfactivos* como (*engasgar, soluçar, tossir*), apresentam a possibilidade de iteratividade, de repetição, que podem ser caracterizados por um conjunto de fases iterativas, com intervalos de tempo que compõem uma eventualidade e não somente uma das suas ocorrências.

Do conjunto de propriedades (dinâmica, durativa e atélica), que caracteriza uma atividade, a duratividade é a propriedade mais relevante para formação de uma construção com verbo-suporte. De acordo com os exemplos abaixo, é possível haver duas interpretações: de que o menino engasgou durante um certo tempo e engasgou uma única vez.

- (7) a. O menino *deu uma engasgada*.
 b. O menino *engasgou*.

Assim, a construção (7a) pode admitir duas interpretações: tanto pode denotar uma eventualidade dinâmica, durativa e atélica, cujo período durou mais do que a (7b), que é uma eventualidade de um só tempo, uma eventualidade dinâmica, instantânea e atélica, ou seja, um *semelfactivo*, nos termos de Smith (1997). Portanto, nos dois casos (7a-b), pode ocorrer o traço de atelicidade. Isso é justificável pelo contraste em (8a-b), a seguir:

- (8) a. ?O menino engasgou *por três minutos*.
 b. *O menino engasgou *em três minutos*.

A presença de traços dinâmico e télico nas construções (8a-b) pode explicar a possibilidade da formação de (7b), *o menino engasgou*, que denota uma eventualidade dinâmica de um só tempo, de um único estágio.

Porém, o contraste entre *por três minutos* e *em três minutos* em (8a-b), respectivamente, em que (8a) é mais aceitável do que (8b), sugere que não é possível numa construção com verbo-suporte alterar os traços télicos/ atélicos de um predicado.

As construções com verbos-suporte se associam a diversos tipos de verbos, cujas formações têm raízes diferentes que derivam diferentes verbos: transitivos, intransitivos, inacusativos ou inergativos, etc.

- (9) a. Ana *deu uma modificada* nos planos.
 b. Ana *deu uma dormida*.
 c. Ana *deu uma sumida*.
 d. O vestido *deu uma rasgadinha* na barra.
 e. *Deu uma esquentada* agora de tarde.

Nos exemplos acima, o verbo-suporte *dar* se associa a uma nominalização transitiva em (a); intransitiva inergativa em (b); inacusativa ou ergativa em (c); de alternância ergativa em (d) e a uma nominalização que não seleciona argumentos em (e).

Ainda de acordo com Scher (2004), e procurando verificar quais os traços que favorecem, desfavorecem ou não influenciam (são neutros) à formação das construções com verbos-suporte *dar uma X-da* pode-se argumentar em favor de que: os traços *estaticidade* e *instantaneidade* desfavorecem o processo de formação, enquanto que os traços de *telicidade* e *atelicidade* são neutros, ou seja, não exercem influência nessas formações.

O fato é que essas formações rejeitam verbos que têm traço [+estativo]; dependem do estatuto do verbo que serve de base para formar a nominalização e também da contribuição aspectual do verbo *dar* que compõe a construção. Desse modo, não se pode deixar de observar que as construções deverbais em *-da* possuem um comportamento variável, já que a propriedade aspectual do verbo que compõe a nominalização é também variável.

Para as construções denominais, será observada a proposta de Smith (1997) que é de natureza composicional em que a informação aspectual de uma construção resulta da interação entre o tipo de situação e o ponto de vista. Enquanto o tipo de situação é expresso através da associação do verbo aos seus argumentos, o ponto de vista é marcado pelos morfemas temporais e pelos adverbiais.

As construções denominais (*dar uma X-ada*) possuem um comportamento distinto das deverbais, uma vez que as contribuições aspectuais que são obtidas a partir de informações geradas pela base verbal não existem para essas formações, devido ao seu estatuto de base ser de caráter nominal. Assim, o aspecto nas construções denominais, parece manter-se uniforme, como se observa na análise a seguir.

- (10) a. Ana deu uma sapatada no primo dela.
 b. João deu uma cadernada no colega.

As construções (10a-b) têm interpretação de uma eventualidade *dinâmica, instantânea e télica*. São instantâneas porque *dar uma sapatada/ dar uma cadernada* ocorrem num único momento;

são télicas, porque as eventualidades têm um limite e, além disso, envolvem movimento de um ‘objeto’ em direção a um receptor, provocando mudança de estado (*no primo/ no colega*). Observa-se que nas construções denominais o verbo *dar* tem maior contribuição do que nas deverbais, como por exemplo:

(11) a. Ana *deu uma martelada* no dedo.

A estrutura *dar uma martelada*, em (11a) é *dinâmica* porque envolve movimento; *instantânea*, pois envolve só um estágio e *télica* porque provoca mudança de estado que constitui o resultado do evento. O mesmo não ocorre em

(11) b. *Ana *martelou* o dedo.

Porque ao contrário das formações deverbais, que selecionam eventos de atividades de formas atenuadas, que se estendem no tempo, essa construção não admite paráfrase com outro verbo na língua. Ou seja, não é possível considerar (11b) uma estrutura com boa formação se for interpretada como a (11a), como um evento de atingir alguém uma só vez, com um instrumento (*um martelo*), apresentando um sentido de *dar um golpe com N*, uma agressão, nos termos de Basílio (1999). As sentenças a seguir, mostram um comportamento compatível com a noção de completude, indicando que a pontualidade é fundamental para a caracterização das propriedades aspectuais:

(12) a. Ana *deu uma vassourada* no cachorro agora.¹⁷

b. João *deu uma punhalada* no assaltante às 9 h. Ele ainda está caído lá.

c. No momento da valsa, João *deu uma garrafada* no aniversariante.

As construções do tipo (12a-b-c) têm, em geral, um caráter pontual intrínseco, porque é possível precisar o momento em que ocorreu a eventualidade. Assim, conforme Verkuyl (1993), as formações possuem traços dinâmico, instantâneo e télico, cujo evento é do tipo *achievement*.

¹⁷ Os exemplos deste capítulo foram construídos a partir da observação da fala.

Conforme se observa, as formações denominais em *-ada* distintamente das deverbais em *-da*, não têm um verbo na sua formação. Além disso, o caráter de pontualidade que combina com a noção de completude, se mostra determinante para caracterizar as propriedades aspectuais, uma vez que a leitura veiculada para essas sentenças é de golpe, ou seja de um ato agressivo, cuja interpretação é geralmente a mesma.

6 FRONTEIRAS ENTRE AS ESTRUTURAS *DAR+SN*: A QUESTÃO DA AMBIGÜIDADE

Neste capítulo são apresentadas algumas reflexões sobre ambigüidade a partir da análise de algumas estruturas que identificamos como ambíguas, em que ora o verbo *dar* constitui uma estrutura como verbo-suporte, ora como verbo pleno, ou ainda, como constituinte de uma expressão fixa/ cristalizada.

A ambigüidade é um fenômeno semântico que surge quando uma palavra ou um grupo de palavras é associado a mais de um significado. Câmara Jr. (1968), por exemplo, aborda a ambigüidade como a má construção da frase, argumentando que é uma consequência da homonímia, da polissemia e da deficiência de padrões sintáticos. Já Dubois (1973), Greimas (1979), Ilari e Galdi (1990), entre outros, não analisam a ambigüidade como um “problema” das línguas, mas como a possibilidade de várias leituras de uma mesma frase. Ilari e Galdi (1990, p. 57) afirmam que tanto a ambigüidade quanto a polissemia são processos ligados à duplicidade de sentido, enfatizando os aspectos lexicais e sintáticos.

Observa-se que, embora com enfoques semelhantes em alguns aspectos e em outros diferenciados, a maioria dos autores trata da ambigüidade sintática, comentando que a ambigüidade lexical (polissemia e homonímia) se desfaz no contexto lingüístico. Greimas (1979, p. 19) afirma que a ambigüidade lexical está ligada à homofonia ou à homografia, abordando o “caráter plurissêmico dos lexemas”, e que esses dois conceitos (homofonia e homografia) estão inseridos na homonímia, já que esta se associa a palavras. Neste estudo, são analisadas algumas estruturas, cujos SNs são idênticos do ponto de vista da forma, mas com significados distintos.

Assim, a ambigüidade é definida em função de regras gramaticais. Porém, muitas vezes, pode ocorrer pela falta de clareza, a partir da problemática dos mecanismos de coesão e coerência no emprego das formas lingüísticas. Além disso, há de se considerar a intencionalidade do falante que, atrelada a tudo aquilo que representa suas idéias, opiniões, crenças, etc., pode comprometer a comunicação, principalmente na modalidade escrita.

As fronteiras entre as realizações do verbo *dar* nas estruturas *dar+SN* são bastante difusas por pertencerem aos domínios do léxico e da sintaxe. De acordo com Athayde (2005), se por um lado essas construções obedecem a um modelo produtivo, devendo, por isso, serem enquadradas na sintaxe, por outro, se consideradas as restrições que impedem essa produtividade, há certa discrepância entre a permissão do sistema e a imposição do uso.

Distintamente do que ocorre com outras construções analíticas, observa-se que a semântica ou as regras gramaticais não foram suficientemente observadas pelos gramáticos para determinar se certas combinações das construções com verbos-suporte são ou não aceitáveis. É importante atentar para o fato de que o próprio sistema é um modelo de uso, porque a permissão e a imposição estão diretamente atreladas.

No âmbito do léxico, é possível detectar, em nível de estrutura de superfície, afinidades e, ao mesmo tempo, diferenças entre as construções bitransitivas (*Ana deu uma bolsa para a Maria*), com verbos-suporte (*Ana deu uma olhada no bebê*) e com as expressões cristalizadas (*Ana deu bolo em João*). Os estudos mostram que as fronteiras entre tais construções são bastante frágeis e difusas devido à ambigüidade que muitas palavras apresentam e que, por vezes, têm uma extensão de sentido figurado.

Embora o objetivo deste estudo não esteja centrado nas expressões fixas/ cristalizadas é importante situá-las em termos de uma breve abordagem, em razão das afinidades que apresentam em relação às estruturas com verbos-suporte.

As diferenças terminológicas e a ausência de critérios de análise adequados levaram alguns estudiosos considerarem essas expressões como objetos lingüísticos excepcionais, não integráveis na gramática das línguas, por não poderem ser objeto de regras gerais. Bechara (2001, p. 603) menciona as expressões idiomáticas na subsecção “Anomalias da Linguagem” definindo-as como: “Idiotismo ou expressão idiomática é toda a maneira de dizer que, não podendo ser analisada ou estando em choque com os princípios gerais da Gramática, é aceita no falar culto”.

De modo geral, tais expressões são tratadas por certos autores como exceções ou anomalias lexicais. Almeida (1963, p. 283) relaciona-as como idiomatismos, como certas características do português (o infinitivo flexionado ou certas preposições). Assim, a tradição gramatical faz

referência às expressões cristalizadas apenas quando se trata de locuções adverbiais diferentemente da forma como são aqui entendidas.

Perini (1996, p. 347) faz referência às ECs mas, sobretudo, para notar o caráter “idiossincrático”, ou seja, reconhece a existência da questão mas não apresenta uma descrição esmiuçada dessas estruturas. Embora não se possa classificá-lo como um representante da tradição gramatical, seu posicionamento é semelhante ao dos gramáticos.

Desse modo, a não-abordagem por parte das gramáticas tradicionais com referência às ECs demonstra como este tema é subestimado, sendo considerado, de certo modo, sem importância. Os autores não as concebem, pois elas não seguem a ‘suposta’ lógica, ou melhor, porque as ECs descrevem um ato que não está necessariamente expresso por seus componentes. Por exemplo, *dar o braço a torcer* não significa que o sujeito vai oferecer o braço para alguém torcer, mas sim, alguém que não admite ter cometido um engano.

É importante, então, refletir sobre as palavras que têm a função de nomeação metafórica, pois, ao descreverem um objeto, ao invés de caracterizá-lo por critérios objetivos, estabelecem uma descrição da noção de propriedades transferidas em termos associativos. Assim, certas interpretações tornam-se difíceis para os indivíduos que desconhecem o sentido da metáfora e da noção da não-composicionalidade, pois fazem uma inferência a partir do significado através da observação do significado de cada constituinte da expressão. Dificilmente, um falante que não é nativo, poderia inferir o significado de *indiferença* quando alguém usa, por exemplo, a expressão *João deu as costas para Maria num momento difícil*, já que o sentido próprio de *dar as costas* seria de que *João colocou-se na posição de costas para Maria*, embora, ambas as leituras dependam do contexto em que essas estruturas são empregadas.

No subcapítulo 6.1, são apresentados alguns exemplos que podem ter interpretações ambíguas centradas nos SNs, permitindo leituras alternativas.

6.1 *DAR+SN* (verbo-suporte) x *DAR+SN* (expressão)

Segundo Athayde (2001), as construções *dar+SN* com verbo-suporte e *dar+SN* constituindo uma expressão possuem afinidade formal por serem provenientes de sintagmas livres regidos por um verbo pleno, que passaram a funcionar, no caso da expressão, como uma unidade não-composicional. Por isso, tendo em vista o caráter de fluidez dessas construções, é importante mostrar a relação que se estabelece entre as construções com verbos-suporte e as expressões fixas (também denominadas cristalizadas), superficialmente idênticas.

Nas estruturas com verbos-suporte, o significado global conta com o significado parcial dos elementos e da relação que entre eles se estabelece. Já na expressão, os formativos nominais não se comportam como complementos do verbo porque perderam a função original da referência, ou seja, a ligação entre verbo e nome é fixa e ambos constituem uma unidade semântico-sintática.

Observa-se que, nas construções a seguir, os SNs são estruturalmente idênticos, em que o verbo *dar* apresenta diferentes comportamentos: ora compõe uma estrutura com verbo-suporte, ora uma expressão fixa/ cristalizada. Nesses exemplos, as estruturas são ambíguas, podendo-se notar que a natureza dos complementos é fundamental para resolver a questão da ambigüidade.

Assim, certas combinações de palavras são ambíguas, isto é, consoante o contexto sintático em que se encontram, tanto podem ser analisadas como grupos nominais livres ou como fixos. Nos exemplos abaixo, as combinações das estruturas *dar+SN* são formalmente idênticas e podem ser analisadas e interpretadas de duas maneiras.

Contudo, nenhum critério, por si só, é condição suficiente para classificar como expressão fixa, uma dada sequência de elementos lexicais. É na intersecção dos vários critérios que se define a fixidez de uma dada combinação, que será tanto mais fixa quanto mais restrições se observarem em relação às propriedades sintáticas que caracterizam um grupo nominal livre formado pela mesma sequência interna de categorias gramaticais.

- a. Maria *deu um pulo* de alegria quando viu sua nota.
- b. Maria *deu um pulo* ao banco para fazer o depósito.

A construção (a) é uma estrutura composicional em que os elementos podem ser substituídos por outros. Essa noção relaciona-se com a possibilidade de deduzir o significado de uma seqüência a partir dos significados dos seus componentes.

A construção (b) tem característica não-composicional, ou seja, é opaca e não apresenta transparência semântica e produtividade (VALE, 2001). Pode-se entender transparência como a maior proximidade do cálculo do significado total da expressão por seus constituintes, enquanto que a opacidade seria a total impossibilidade desse cálculo.

As seqüências serão avaliadas por critérios formais, no que se refere às propriedades sintático-semânticas e morfológicas, conforme a teoria do Léxico-Gramática, de Gross (1975), a partir da distribuição dos itens e das propriedades que estabelecem as relações de ligação entre os componentes da seqüência com os elementos da frase em que se encontram, bem como das relações de sentido.

I. Propriedades sintático-semânticas:

- ruptura paradigmática
- bloqueio distribucional
- inserção de um item lexical no SN
- substituição do SN
- construção conversa
- substituição do verbo-suporte
- seleção do complemento
- elisão do complemento
- sujeito do tipo humano/ não-humano
- nominalização
- transformação sintática

II. Propriedades morfológicas:

- variação do SN em número
- variação do SN em grau

- **Ruptura paradigmática**

A ruptura paradigmática de uma série distribucional é um indício de fixidez, pois quanto mais a distribuição for restrita, menor será a possibilidade de calcular o sentido a partir dos elementos. Um substantivo pode comutar com outros substantivos, desde que sejam respeitadas as restrições distribucionais impostas pelo substantivo, num grupo nominal livre.

Dessa forma, um substantivo como (*pulo*) pode ser substituído por outros tipos de substantivos:

(1) Ana deu um pulo de alegria.

a. Ana deu um (*pulo/ salto/ cambalhota*) de alegria.

Cada série de substantivos forma aquilo que habitualmente se designa por paradigma distribucional.

Numa expressão fixa, observa-se, frequentemente, uma ruptura no paradigma distribucional, ou seja, o substantivo somente combina com um ou com alguns dos substantivos desse paradigma. No caso da expressão *dar um pulo* em (1b), não é possível comutar o substantivo com quaisquer outros do paradigma a que este pertence:

(1) Ana deu um pulo ao banco.

b. Ana deu um/uma (*pulo/ *salto/ *cambalhota/ *pirueta*) ao banco.

Transformando a estrutura com a supressão do verbo *dar*, percebe-se que em (1c) mantém-se o sentido inicial, mas em (1d) a expressão torna-se inaceitável porque sua fixidez se descaracteriza.

(1) c. Depois de *um pulo* de alegria Ana se afastou.

(1) d.*Depois de *um pulo* ao banco informo o pagamento.

De modo diferente, o verbo *dar* pode ser substituído por vários outros, numa sentença bitransitiva:

(2) Ana *deu* bolo para João lanchar.

a. Ana (*deu/ ofereceu/ concedeu/ forneceu*) bolo para João lanchar.

Entretanto, numa combinação como (*dar bolo*), o substantivo (*bolo*) forma com o verbo (*dar*) uma expressão fixa e, nessa combinação, dependendo do contexto, não é possível qualquer variação, como:

(2) b. Ana deu bolo em João.

c. Ana deu (*bolo/ *biscoito/ *torta/ *suco*) em João.

d. *O bolo de Ana deixou João triste.

A seqüência *dar bolo*, na linguagem informal, apresenta um sentido figurado, que denota descumprimento de algo combinado. Por isso, não é possível a comutação do substantivo (*bolo*), em (2c) com outros em que o sentido está na acepção própria. Em (2d), embora a construção seja gramaticalmente bem formada, a ausência do verbo *dar* altera o sentido e descaracteriza a fixidez da expressão, tornando-a inaceitável.

- **Bloqueio distribucional**

A relação paradigmática é um indicativo de que há bloqueio distribucional, pois quando uma seqüência apresenta bloqueio é porque a distribuição do substantivo é restrita, não há possibilidade de uma substituição natural para o substantivo como há para uma seqüência livre, não sendo possível estabelecer uma relação paradigmática para o substantivo, como no exemplo precedente, quando foi mencionada a ruptura paradigmática.

- **Inserção de um adjetivo no SN**

(3) Ana *deu um pulo* de alegria.

a. Ana deu um *grande* pulo de alegria.

b.*Ana deu um (*pequeno/ rápido/ alto*) pulo de alegria.

c. *O pulo* de alegria de Ana *foi genial*.

Observa-se que só o adjetivo (*grande*) é aceito em (3a). Não é qualquer tipo de adjetivo que é possível ser inserido, pois, depende das relações que este estabelece com o substantivo (*pulo*).

De acordo com Baptista (1994), alguns adjetivos que formam pares antônimos, somente um deles é aceito em determinados contextos. Por se tratar de uma estrutura livre, é possível a mobilidade do nome (*pulo*), retomado para a posição sintática de sujeito e o acréscimo da oração predicativa (*foi genial*) modificando este nome, conforme (3c).

(4) Ana deu um *pulo* ao banco.

a. *Ana deu um (*grande/pequeno/rápido/alto*) pulo ao banco.

b. *O *pulo* de Ana ao banco *foi rápido*.

Tendo em vista que (*dar um pulo*) tem um comportamento de unidade lexical, não admite a inserção dos adjetivos, mencionados em (4a). Em (4b), também não é possível a retomada do nome (*pulo*) e nem a atribuição da oração predicativa (*foi rápido*) como modificadora do nome.

- **Inserção/ Atribuição do Advérbio**

(5) Ana deu um *pulo* de alegria.

a. Ana deu *rapidamente* um pulo de alegria.

b. Ana deu um pulo de alegria (*rapidamente*).

Nota-se que o uso do advérbio, em (5a) não é opcional, ou seja, ele pode fazer diferença quando inserido na estrutura, mas a sua atribuição em (5b) não provoca alteração, mesmo porque, se torna redundante o seu uso, devido à noção de brevidade do evento que a estrutura denota. Do mesmo modo se comporta a expressão abaixo:

(6) Ana deu um pulo ao banco.

a. Ana deu *rapidamente* um pulo ao banco.

b. Ana deu um pulo ao banco (*rapidamente*).

Segundo G. Gross (1989) quando o advérbio é opcional, sua ausência não causa perda da informação à estrutura, como em (6a) e (6b). Já nas expressões abaixo, o emprego do advérbio não é meramente opcional:

c. Ana deu (*logo*) um pulo ao banco.

d. Ana deu um pulo ao banco (*logol à tarde*).

É importante observar também que o tipo de advérbio pode influenciar na informação, porque pode contribuir para uma interpretação diferente da estrutura.

Por outro lado, se o tempo verbal for alterado, tanto a estrutura com verbo-suporte como a expressão admitem a inserção do advérbio (*frequentemente*), como:

b. Ana dá *frequentemente* um pulo de alegria.

c. Ana dá *frequentemente* um pulo ao banco.

Nesse caso, ambas as construções passam a denotar iteratividade e frequência.

- **Substituição do SN**

(7) Ana deu um pulo de alegria.

Ana deu um *salto* de alegria.

Há possibilidade de comutação do substantivo (*pulo*) por (*salto*), por se tratar de estrutura livre. Esses substantivos pertencem ao mesmo campo semântico e, em alguns contextos, podem se apresentar como sinônimos, como, por exemplo: O jogador deu uma *cambalhota* de alegria para comemorar o gol.

(8) Ana deu um pulo ao banco.

*Ana deu um *salto* ao banco.

Não é possível substituir o SN por (*um salto*), pois essa substituição só seria possível se o grupo lexical apresentasse elementos, semanticamente transparentes, em um grupo nominal livre. Além de descaracterizar a fixidez da expressão, o verbo *dar*, nesse caso, veicula idéia de deslocamento rápido, não de medir distância.

As estruturas *dar+SNs* das duas construções são ambíguas, permitindo interpretações diferentes: semanticamente, *dar um pulo*, em (8), pode ser interpretada como a extensão de sentido de *dar um pulo*, guardando certa carga semântica de (7).

- **Variação do determinante**

(9) *Ana deu um pulo* de alegria.

Ana deu (dois/ vários/ muitos) pulos de alegria.

A variação em número do determinante mostrou-se possível, pois, tomando-se como base a construção original, essa variação não causou alteração de sentido.

Observa-se que, *dar um pulo*, é interpretado como um item lexical inseparável na expressão fixa. Quando uma seqüência forma uma expressão, não é possível inserir facultativamente um modificador. Essa expressão não denota distância, mas sim, exprime brevidade do deslocamento, como se pode observar o sentido dela nos exemplos abaixo:

(10) *Ana deu um pulo* ao banco.

**Ana deu (dois/ vários/ muitos) pulos* ao banco.

Em (10a), a variação de número do núcleo do SN é bloqueada, pois, com a variação do determinante, o sentido se torna alterado. Essa estrutura só admite o determinante (*um*), que está atrelado ao substantivo (*pulo*), fazendo parte da configuração do SN, ou seja, trata-se de um determinante cristalizado.

- **Variação de grau**

(11) *Ana deu um pulo* de alegria.

a. **Ana deu um pulinho* de alegria.

b. **Ana deu um pulão* de alegria.

Não são encontradas no uso da língua.

(12) *Ana deu um pulo* ao banco.

a. *Ana deu um pulinho* ao banco.

b. **Ana deu um pulão* ao banco.

Essa estrutura só admite variação marcando o grau diminutivo em (12a) que, neste caso, denota maior brevidade da ação, além de ser freqüente no uso. Já em (12b), considera-se inaceitável, pois o aumentativo parece ferir a noção de brevidade expressa pela estrutura *dar+SN*.

- **Elisão do complemento**

(13) Ana deu um pulo

- a. Ana deu um pulo (*de alegria/ ao banco*).
- b. Ana deu um pulo *do* banco.
- c. Ana pulou (*de alegria/ *ao banco/ do banco*).

Observa-se que, de acordo com a natureza dos complementos, o verbo *dar* possui mais de uma interpretação. Assim, a partir do conjunto de critérios aplicados, é possível constatar que *dar um pulo* de alegria é uma estrutura com verbo-suporte e *dar um pulo ao banco* é uma expressão fixa, cuja diferença é feita de acordo com a natureza dos complementos. Além disso, na estrutura (13c) o complemento (*do banco*) traz outra interpretação, em que a preposição (*do*) faz denotar a ação de *pular* literalmente *do banco* (de um móvel, de um assento). Se houver elisão do complemento não há possibilidade de mudança de interpretação.

6.2 Dar+SN (verbo pleno) x Dar+SN (expressão)

A relação existente entre as construções com verbo pleno e as expressões cristalizadas deve-se ao fato de que há exemplos que podem apresentar a mesma estrutura com os mesmos complementos.

Entretanto, embora possuam afinidade formal na estrutura de superfície, são distintas do ponto de vista do significado porque as expressões cristalizadas são de natureza não-composicional, funcionam como um bloco, e as estruturas com verbo pleno não; o verbo requer complementos que diferenciam a interpretação.

Retomando Travaglia (2003), o verbo numa construção plena funciona como núcleo do predicado e rege complementos diretos. Tem um comportamento independente e estrutura semântico-lexical que lhe permite abrir lugares vazios aos seus argumentos, podendo desempenhar sozinho a função de predicação.

Além disso, esse tipo de verbo seleciona elementos que desempenham a função de sujeito, atribuindo-lhe papel semântico/temático, impondo, inclusive, restrição de seleção semântica. Veicula a noção de transferência, projetando três argumentos, um dos quais tem a meta com o traço [+concreto]. Enfim, é um sintagma verbal simples porque compõe predicados simples (verbo predicador), que tem conteúdo nocional, valor lexical, e expressa ações, fatos e outros fenômenos.

As expressões cristalizadas (ECs) são seqüências de palavras que funcionam como ‘fórmulas’ em que não existe liberdade na coligação, cujo significado é unitário. Possuem extrema soldadura que funcionam em conjunto na atribuição de papéis temáticos, (em conjunto com o predicado), e se apresentam como um bloco (NEVES, 1999a). Assim, o que caracteriza uma expressão cristalizada é sua natureza de não-composicionalidade, ou seja, o seu significado pertence a todo o bloco, que é diferente do significado dos elementos que a compõe.

As ECs, segundo Vale (2001), não admitem inserção de modificadores e o significado da expressão não é inferido pelo significado das palavras que a compõe, e sim de todo o conjunto.

Nos dois exemplos, abaixo, tratam-se de uma frase bitransitiva e uma expressão fixa/cristalizada:

- a. Ana *deu bolo* para João lanchar.
- b. Ana *deu bolo* em João.

- **Inserção de um adjetivo no SN**

(14) Ana *deu bolo* para João lanchar.

- a. Ana deu (*o maior/ gostoso*) bolo para João lanchar.
- b.*Ana deu (*grande/ pequeno*) bolo para João lanchar.

Nessa construção são aceitáveis os adjetivos em (14a) por serem compatíveis com o substantivo (*bolo*). É uma sentença bitransitiva, com a noção de transferencialidade de um objeto, de um destinatário para um receptor. Mas em (14b), o tipo de adjetivo não é aceito. Contudo, com o acréscimo do determinante (*um*), essa estrutura torna-se aceitável: Ana deu *um grandel pequeno* bolo para João lanchar. Conforme mencionado em (4), muitas vezes, somente um dos adjetivos do par de antônimos pode ser usado.

(15) Ana deu *bolo* em João.

- a. Ana deu (*o maior/ aquele*) *bolo* em João.
- b. *Ana deu (*gostoso/ grande*) *bolo* em João.

A inserção dos adjetivos (*o maior/ aquele*), em (15a), é admitida. Nesse caso, o tipo de inserção, não influencia o caráter de fixidez da expressão. Em geral, são usados como elementos dêiticos que dão ênfase a determinadas situações num contexto partilhado. Já em (15b) os adjetivos não são aceitos porque o substantivo (*bolo*) não aceita modificação, pois está sendo usado na acepção figurada.

Nas duas construções, as preposições (*em* e *para*) marcam a diferença de regência verbal, para as diferentes construções.

- **Inserção do advérbio**

(16) Ana deu *bolo* para João.

- a. Ana deu *rapidamente* *bolo* para o João.
- b. Ana deu *bolo rapidamente* para o João.

Por se tratar de uma frase livre, bitransitiva, tanto a inserção como a atribuição do advérbio à estrutura são bem aceitas. Já na expressão a seguir, não há essa aceitação:

(17) Ana deu *bolo* em João.

- a. *Ana deu *rapidamente* *bolo* em João.
- b. *Ana deu *bolo rapidamente* em João.

Em (17a-b), a inserção e a atribuição do advérbio não são admitidas porque descaracterizam a expressão. Porém, da mesma forma que a expressão ‘*dar um pulo*’, alterando-se o tempo verbal, é possível a inserção/ atribuição de outro tipo de advérbio:

18) Ana dá *freqüentemente/ sempre* bolo em João.

a. Ana dá bolo *freqüentemente/ sempre* em João.

b. Ana dá *ainda/ *talvez* bolo em João.

c. Ana dá bolo *ainda/* talvez* em João.

De modo geral, da mesma forma que os adjetivos, não são todos os tipos de advérbios que podem ser inseridos: vir depender da natureza deles e da compatibilidade que mantêm com os nomes.

- **Substituição do SN**

(19) Ana *deu bolo* para João lanchar.

Ana deu (*biscoito/ doce/ torta/ bolacha*) para João lanchar.

É possível substituir o SN (*bolo*) por outros itens que com ele são compatíveis porque é uma construção livre, bitransitiva.

(20) Ana *deu bolo* em João.

*Ana deu (*biscoito/ doce/ torta*) em João.

Mesmo sendo itens do mesmo campo semântico, a substituição do substantivo (*bolo*) é bloqueada, porque o sentido se altera. Esse fato comprova a fixidez da expressão, ou seja, é um item lexical que não permite ser substituído.

Já com o nome *bolacha* e com o acréscimo do determinante (*uma*), tem-se uma nova expressão, como:

(21) Ana *deu uma bolacha* em João.

O nome *bolacha* também denota sentido concreto e figurado, cujas interpretações devem-se ao emprego das diferentes preposições (*para*) e (*em*). *Dar uma bolacha*, nesse caso, pode ser interpretada como uma agressão.

- **Construção conversa**

(22) Ana deu bolo para João.

a. João levou bolo para Ana.

b. João recebeu bolo de Ana.

Observa-se que a frase bitransitiva, ao passar pela transformação conversa, forma outra frase também bitransitiva, tanto com o verbo *levar* como com o verbo *receber*. Baptista (1997) observou que grande parte dos nomes predicativos que se constroem com o verbo-suporte *dar* apresenta duas construções sintáticas e semânticas equivalentes: uma no sentido ativo e outra no sentido passivo. Acrescenta que à transformação que liga essas frases denomina-se *conversão* (G. GROSS, 1989). Nesse sentido, Baptista (1997) verificou ainda ser possível construir classes em que os nomes aceitam os verbos-suporte *dar-levar* e os que se constroem com *dar-receber*:

(23) Ana deu bolo em João.

a. João levou bolo de Ana.

b. *João recebeu bolo de Ana.

A substituição do verbo-suporte *dar* por *levar* forma uma construção conversa e possibilita que se obtenha uma outra expressão cristalizada (*levar bolo*), em (23a). Nesse caso, o nome com traço [+humano] na posição sintática de sujeito seleciona um nome também com traço [+humano] para a posição de paciente. Já com o verbo *receber* em (23b) essa substituição não é possível, uma vez que descaracteriza a expressão, podendo se tornar uma sentença bitransitiva como em (22).

Observa-se, assim, que o verbo *receber* parece ter uma característica que denota uma ação mais previsível do que *levar*, ou seja, o verbo *levar* é mais próprio para ações abruptas.

De acordo com esse teste, observa-se que o verbo *dar* nas duas construções têm comportamentos diferentes, podendo-se perceber também que são verbos de diferente natureza. Numa construção funciona como verbo pleno e na outra, constitui uma expressão cristalizada/ fixa.

- **Substituição do verbo-suporte**

(24) Ana deu bolo para João.

a. ?Ana concedeu bolo para João.

b. Ana ofereceu bolo para João.

Em (24a) a substituição do verbo torna a construção com aceitabilidade duvidosa, mesmo sendo quase sinônimo, pois não é adequado para preencher a posição sintática que antecede o substantivo (*bolo*). Em (24b), é possível a substituição do verbo *dar* porque *oferecer* é compatível com a noção de transferência, que é própria de uma construção bitransitiva.

(25) Ana deu bolo em João.

a. *Ana concedeu bolo em João.

b. *Ana ofereceu bolo em João.

A impossibilidade de substituição do verbo-suporte deve-se ao fato de que a mudança do verbo provoca diferença do significado da sentença de base. Em (25b) se for alterada a preposição (*em/ para*), com o verbo *oferecer* tem-se, também, uma outra construção bitransitiva, devido à regência do novo verbo, como, por exemplo: Ana *ofereceu* bolo para João, como ocorre em (24b).

- **Transformação da estrutura com outros verbos**

O uso de um verbo operador é definido por propriedades distribucionais e transformacionais que caracterizam os argumentos e a redistribuição entre o operador e esses argumentos. De acordo com o léxico-gramática, (GROSS, 1989), a completa descrição dos verbos tem revelado que o verbo *dar* apresenta um ou mais significados:

(26) Ana deu bolo para João.

- a. O bolo que Ana deu para João.
- b. O bolo de Ana para João.
- c. O bolo que o João (*tem/ recebeu/ comeu*).
- d. O bolo de João.

Nessa construção bitransitiva, o sentido é conservado com o emprego de outros verbos relacionados, sem a presença do verbo *dar*.

As propriedades verbais tornam possível distinguir os diferentes usos para o nome predicativo, uma vez que as propriedades sintáticas são diferentes.

(27) Ana *deu* bolo em João.

- a. O bolo que Ana *deu* em João.
- b. O bolo de Ana em João.
- c. O bolo que João (**fez/*teve/ levou*).
- d. *O bolo de João.

Assim sendo, ao realizar a transformação com outros verbos e com a ausência do verbo *dar*, o sentido se mantém apenas com um dos verbos (*levar*), o que aponta para a fixidez da expressão.

- **Seleção do complemento**

(28) Ana deu bolo para João.

- a. Ana deu bolo para João *lanchar*.
- b. Ana deu bolo para o (*cão/ pombo*) *comer*.

O complemento, nessa frase, tanto pode selecionar um substantivo com traço [+humano] para a posição de paciente, em (28b), como pode conter o traço [-humano], mas de animicidade. Na sentença (28a) pode ser acrescentado um complemento de finalidade (o verbo *lanchar*). A substituição do agente-paciente não-humano, em (28b) requer a substituição pelo verbo (*comer*), uma vez que (*lanchar*) é uma acepção mais condizente com um item que denote atributo [+humano].

(29) a. Ana *deu bolo* em João.

b. *Ana deu bolo (*no gato/ no carro*).

Pode-se notar que na estrutura livre, como em (28b), os complementos podem ser permutados com vários outros. Já no exemplo (29b), essa substituição é inaceitável, porque requer um nome-complemento com propriedade de [+humano].

- **Elisão do complemento**

(30) Ana deu bolo.

a. Ana deu bolo *para João*.

b. Ana deu bolo *em João*.

O nome (*bolo*) na acepção figurada possui um complemento fixo que seleciona um outro nome com traço especialmente humano. O uso das diferentes preposições (*para* e *em*) é significativo para nortear as diferentes interpretações: bitransitiva, em (30a) e expressão cristalizada, em (30b). Em ambas as construções, não há possibilidade de elisão do complemento, pois, se tornariam incompletas, sem sentido.

- **Variação do determinante**

(31) Ana *deu bolo* para João.

a. Ana deu (*um/ dois/ uns/ vários*) bolo(s) para o João.

A variação em número nessa construção é possível porque se trata de uma frase bitransitiva em que os elementos são livres sintaticamente. O nome (*bolo*) é um substantivo concreto que funciona como objeto direto, e, por isso, pode ser quantificado. Além disso, pode ocorrer alteração do determinante:

b. Ana deu (*o/ aquele/ seu*) bolo para João.

(32) Ana *deu bolo* em João.

a. Ana deu (*um/ uns/ dois/ vários*) bolo(s) em João.

Mesmo sendo uma expressão cristalização, em certos contextos, há possibilidade tanto da inserção como da variação em número do determinante, podendo o SN (*bolo*) ser quantificado. Já a modificação do determinante depende do seu tipo, como:

b. Ana deu (*aquele/ *seu*) bolo em João.

Pragmaticamente, é também possível o uso do determinante (*aquele*) para dar realce à determinada situação, sem prejuízo à fixidez da expressão. A ausência de determinante, em geral, relaciona-se à impossibilidade de ocorrência de um modificador. Talvez, em certos contextos, seja possível o uso da expressão, introduzindo o determinante (*um*) aliado a um modificador:

c. Ana deu *um merecido* bolo em João.

- **Variação em grau**

(33) Ana deu *bolo* para João.

a. Ana deu *bolinho* para João.

b. *Ana deu *bolão* para João.

É uma frase bitransitiva que só admite variação em grau no diminutivo.

(34) Ana deu *bolo* em João.

a. *Ana deu *bolinho* em João.

b. *Ana deu *bolão* em João.

Mas a expressão, em (34a-b) não admite a variação em grau, nem no diminutivo, nem no aumentativo.

Segundo Vale (2001), as ECs obedecem ao princípio da não-composicionalidade, isto é, são seqüências rígidas de palavras, em que o significado é único para todo o conjunto, muitas vezes, completamente diferente do significado das palavras que a compõe. É preciso considerar, como é também o entendimento de Gross (1988) que existem algumas ECs que aceitam pequenas inserções ou modificações.

6.3 Dar uma X-da (verbo-suporte) x Dar uma X-da (verbo-suporte)

Além das estruturas *dar+SN*, existem aquelas formadas com *dar uma X-da* funcionando como um verbo-suporte, em que o sentido pode ser próprio ou figurado.

É importante observar que nos pares de estruturas, a seguir, os SNs são idênticos do ponto de vista estrutural, cuja configuração sintática apresenta os mesmos constituintes (sujeito, verbo e complementos), diferenciados apenas pela escolha lexical. A diferente natureza semântica dos complementos confere sentidos distintos à sentença.

Vários estudos têm mostrado que as estruturas *dar uma X-da* merecem o tratamento especial, evidenciando que elas não devem ser tratadas de modo uniforme. De acordo com Basílio (2001, p. 160) e Scher (2004), essas estruturas não podem ser consideradas como expressões cristalizadas (cf. capítulo 7 deste estudo), devido ao alto teor de produtividade que, de modo geral, são transparentes e permitem mobilidade de seus elementos. Porém, as autoras se referem às estruturas que apresentam sentido literal, concreto como (*dar uma enxugada na louça=enxugar*). Entretanto, existem outras estruturas que possuem sentido figurado e apresentam ambigüidade quando comparadas com as de sentido concreto, como se pode avaliar a partir dos exemplos a seguir:

- a. Ana deu uma enxugada na louça
- b. Ana deu uma enxugada no texto

- **Inserção de um adjetivo**

(35) Ana deu uma enxugada na louça.

- a. Ana deu uma *rápida* enxugada.
- b. Ana deu uma *boa* enxugada na louça.
- c. Ana deu uma *pequena* enxugada na louça.
- d. *Ana deu uma *grande* enxugada na louça.

(36) Ana deu uma enxugada no texto.

- a. Ana deu uma *rápida* enxugada no texto.

- b. Ana deu uma *boa* enxugada no texto.
- c. Ana deu uma *pequena* enxugada no texto.
- d. *Ana deu uma *grande* enxugada no texto.

Os adjetivos que formam a combinatória com a estrutura com verbos-suporte são bem numerosos; porém, os mais freqüentes são: rápida, boa, pequena, etc. Observa-se que ambas as estruturas têm o mesmo comportamento em relação à inserção de certos adjetivos.

- **Inserção do advérbio**

- (37) Ana deu uma enxugada na (*louça/ no texto*).
- a. Ana deu (*rapidamente*) uma enxugada (*na louça/ no texto*).
 - b. Ana deu uma enxugada (*na louça/ no texto*) *rapidamente*.
 - c. Ana deu (*logo*) uma enxugada (*na louça/ no texto*).
 - d. Ana deu uma enxugada (*na louça/ no texto*) (*logo*).

De acordo com G. Gross (1989), a presença ou ausência do advérbio é opcional quando não resulta na perda de informação da sentença. No entanto, sua presença, pode reforçar determinadas interpretações.

- **Substituição do SN**

- (38) Ana deu *uma enxugada* na louça.
 Ana deu *uma secada* na louça.

Quando uma seqüência é livre, a substituição do SN é possível porque se pode estabelecer uma relação paradigmática de elementos para substituição. Diferentemente, ocorre com o exemplo seguinte:

- (39) Ana deu *uma enxugada* no texto.
 *Ana deu *uma secada* no texto.

Observa-se que essa estrutura (39) não permite a substituição do SN porque há uma violação de seleção entre o nome (*enxugada*) e o locativo (*no texto*).

- **Construção conversiva**

(40) Ana deu uma enxugada na louça.

*A louça levou uma enxugada de Ana.

(41) Ana deu uma enxugada no texto.

*O texto levou uma enxugada de Ana.

A construção conversiva com verbo *levar* não é aceita em estruturas *dar uma X-da (deverbais)*. Contudo, essa transformação é possível em estruturas denominativas como, por exemplo, em (*dar uma cotovelada/ levar uma cotovelada/ dar uma bofetada/ levar uma bofetada, etc*).

É importante notar que ambas as estruturas possuem uma paráfrase com o verbo pleno correspondente:

Ana deu uma enxugada na (louça/ no texto) = *enxugou a louça/ o texto*.

- **Substituição do verbo-suporte**

(42) Ana deu uma enxugada na louça.

(43) Ana deu uma enxugada no texto.

*Ana deu (*ofereceu/ concedeu/ forneceu*) uma enxugada (*na louça/ no texto*).

Não há possibilidade de substituição de *dar* por outros verbos, nas duas estruturas, devido à restrição distribucional imposta pelo nome (*enxugada*), ou seja, o verbo *dar* é considerado a propriedade *standart* para o nome predicativo (*enxugada*).

- **Transformação da estrutura com outros verbos**

Observando-se o comportamento distribucional de cada construção, tem-se:

(44) Ana deu uma enxugada na louça.

- a. A enxugada que Ana deu na louça.
- b. A enxugada de Ana na louça.
- c. A enxugada que a louça (*teve/ recebeu /*ganhou*).
- d. A enxugada na louça= a louça ficou enxuta.

(45) *Ana deu uma enxugada* no texto.

- a. A enxugada de Ana no texto.
- b. A enxugada que Ana deu no texto.
- c. A enxugada que o texto (*teve/ recebeu /*ganhou*).
- d. A enxugada no texto. = o texto ficou enxuto.

Essas transformações, embora com a ausência do verbo *dar*, permitem que as relações de sentido se mantenham equivalentes entre as seqüências, usando-se outros verbos (*ter/ receber*), o que aponta para o fato de que as duas estruturas são formadas com verbo-suporte.

- **Nominalização do SN**

- (46) a. Ana pulou de alegria.
 b. Ana enxugou a louça.
 c. Ana enxugou o texto.

As estruturas arroladas em (46) com verbos plenos passam a ser nominalizadas quando empregado o verbo-suporte *dar*, como em (47) abaixo:

- (47) a. *Ana deu um pulo* de alegria.
 b. *Ana deu uma enxugada* na louça.
 c. *Ana deu uma enxugada* no texto.

Aplicando aos complementos diretos dessas construções a transformação relativa, tem-se:

- (48) a. O pulo que Ana deu de alegria.
 b. A enxugada que Ana deu na louça.
 c. A enxugada que Ana deu no texto.

Ocorre nessa transformação o resultado de duas etapas intermediárias: a nominalização por um verbo-suporte e redução desse verbo-suporte. Segundo G. Gross (1989), essa construção obtida guarda a forma dos elementos da construção com verbo-suporte.

- (49) a. O pulo de alegria de Ana *foi genial*.
 b. A enxugada de Maria na louça *foi rápida*.
 c. A enxugada de Maria no texto *foi razoável*.

Observa-se que o resultado obtido dessa transformação é um grupo nominal que, com a adição de um sintagma (verbo+adjetivo), tem-se uma construção com a noção de completude.

- **Seleção do complemento**

- (50) Ana *deu uma enxugada* na louça.
 Ana deu uma enxugada (*na pia/ no chão/ no carro*).

- (51) Ana deu uma enxugada no texto.
 *Ana deu uma enxugada (*no papel/ no caderno/ no bloco*).

Na estrutura (50) o nome (*enxugada*) é empregado na acepção própria; por isso, combina com vários outros do paradigma distribucional para cumprir o papel de complemento. Em (51), o mesmo nome (*enxugada*) apresenta-se com sentido figurado, de modo que a seleção dos nomes para os complementos é mais restrita.

Do ponto de vista sintático e do paradigma distribucional, os complementos dessas estruturas possuem uma particularidade de não funcionarem como objetos diretos e sim, como elementos que cumprem o papel de locativos, de adjuntos, que na maioria das vezes, violam a seleção do nome.

- **Elisão do complemento**

- (52) Ana deu uma enxugada.
 a. Ana deu uma enxugada (*na louça/ no texto*).

b. Ana está enxugando (*a louça/ o texto*).

Elidindo os complementos-locativos, não há possibilidade de mudança de interpretação para a estrutura (Verbo+Nome predicativo).

- **Sujeito do tipo humano/ não-humano**

A exigência de um nome com traço [+humano] para a posição de sujeito deve-se ao fato de que a diferença sintática é correlacionada à diferença semântica.

(53) Ana deu uma enxugada na (*louça/ no texto*).

a. A máquina deu uma enxugada (*na louça/ *no texto*).

Para a estrutura (53) não há restrições quanto nome [+humano] para a posição sintática de sujeito, enquanto o mesmo não ocorre para (53a), pois, a máquina pode enxugar a *louça*, mas não o *texto*. Assim, é possível perceber que o nome (*enxugada*) possui mais de um sentido, dependendo da relação de compatibilidade entre o sujeito e o complemento.

- **Variação do determinante**

(54) Ana deu uma enxugada na louça.

a. *Ana deu (*duas/ várias/ muitas*) enxugadas na louça.

(55) Ana deu uma enxugada no texto.

a. *Ana deu (*duas/ várias/ muitas*) enxugadas no texto.

As duas estruturas não permitem a variação em número, pois, o nome (*enxugada*), normalmente, é usado no singular. Estas restrições constituem um sinal de que o sentido é global entre os elementos da combinação (*dar+uma+enxugada*), demonstrando a impossibilidade de quantificar o nome desta combinação. Ademais, o artigo indefinido (*uma*), nesse caso, tem o papel mais de modificador do que propriamente de determinante.

Por outro lado, inserido em um contexto diferente, é possível pluralizar o nome (*enxugada*), conforme retomadas nas estruturas (54b) e (55b) abaixo:

(54) b. Depois de (*duas/ várias*) enxugadas a louça ficou brilhando.

(55) b. Depois de (*duas/ várias*) enxugadas o texto ficou ótimo.

Variação em grau

(56) a. Ana deu uma *enxugada* na (louça/ no texto).

b. Ana deu uma *enxugadinha* (na louça/ no texto).

Ambas as estruturas aceitam a variação em grau no diminutivo, muito usadas na linguagem informal, que parecem não serem explicadas lingüisticamente, mas pela institucionalização do uso.

A partir dos critérios utilizados, observa-se que as construções com verbo-suporte *dar uma X-da* apresentam propriedades composicionais, pois admitem algumas inserções e/ou modificações em seus constituintes, embora as de sentido figurado, como (*dar uma enxugada no texto*), podem apresentar algumas restrições. Da mesma forma, existem muitas outras estruturas que apresentam ambigüidade, como: dar uma engordada (*na gravidez/ na mesada do filho*); dar uma cortada (*na carne/ na conversa do João*).

Nesse sentido, percebe-se que de um lado há um ponto de semelhança, de aproximação entre uma construção com verbo-suporte *dar uma X-da* e as ECs/ fixas, devido à noção de sentido global obtida pela integração dos elementos que trazem essas construções.

De outro, há diferenças, porque: i) só a construção com *dar uma X-da* exprime a idéia de diminutivização, de superficialidade e de atenuação; ii) são produtivas e previsíveis, o que não ocorre com as ECs que são não-composicionais, cujos significados não correspondem ao significado dos seus componentes, individualmente, mas sim de toda a combinação de palavras.

O conjunto de critérios aplicados baseia-se, sobretudo, na teoria do léxico-gramática de M.Gross (1975, 1986) que descreve várias propriedades distribucionais e transformacionais. Assim, a completa descrição dos verbos tem revelado que *dar* apresenta um ou mais

significados. A unidade formada por um significado é determinada por todas as propriedades sintáticas associadas ao significado que está sendo solicitado pelo verbo.

Para Alain Guillet (1986), na mesma linha de raciocínio do léxico-gramática, a ambigüidade se caracteriza pelo tipo de complemento que o SN de cada estrutura requer. É o caso de *dar um pulo*, *dar bolo* e *dar uma enxugada*, mencionadas em 6.1, 6.2 e 6.3.

7 A ESTRUTURA DAR+SN – UNIDADE LEXICAL OU LEXICALIZAÇÃO DE PADRÕES

Este capítulo apresenta uma reflexão sobre as possibilidades de delimitação das estruturas *dar+SN*, ou seja, se essa estrutura trata-se de unidade lexical ou de lexicalização de padrões ou, ainda, de expressões cristalizadas, considerando as diferentes nuances que adquire o verbo *dar* quando se associa a determinadas combinatórias.

Segundo Basílio (1999b, p. 208),

Dentro das categorias vigentes, quer em abordagens tradicionais e estruturalistas, quer em abordagens gerativas, não há espaço ou previsão para o estudo de expressões que vão além do nível da palavra morfológica.

Nessa perspectiva, parece que as abordagens ainda investigam caminhos adequados para a delimitação de itens lexicais maiores, ou seja, que envolvem mais de uma palavra, que considere a complexidade e diversidade do léxico como um sistema de comunicação mais flexível.

Na descrição das estruturas com o verbo *dar*, os itens lexicais podem assumir comportamentos (mais ou menos) gramaticalizado e/ou lexicalizado. Isso significa que o comportamento do verbo *dar* pode assumir uma configuração de verbo pleno, de verbo-suporte ou de expressão cristalizada, dependendo do modo como interage com os elementos na construção.

O termo lexicalização permite várias leituras: tradicionais, funcionalistas ou gerativas. Em geral, em todas as leituras surgem as questões acerca da irregularidade e idiosincrasias que marcariam os itens lexicais. Alguns estudos, como os de Basílio (2001); Martins e Dias (2001) já foram realizados no sentido de se verificar se as expressões *dar+SN* devem ser analisadas como expressões lexicalizadas enquanto elementos, ou, ao contrário, se devem ser consideradas instâncias de uma lexicalização de padrões.

Nesse sentido, esses estudos indicam que a lexicalização tem muito em comum com a gramaticalização, mas há motivos que levam alguns autores a tratarem diferentemente os dois processos. Enquanto a gramaticalização leva o elemento a assumir função gramatical, funcional, não referencial, tornando-o mais produtivo, a lexicalização transforma o elemento

em lexical, referencial, menos produtivo. As diferentes classes de palavras, ou categorias lexicais, são o produto resultante da lexicalização.

Castilho (2003b), considerando uma visão multissistêmica e dinâmica da língua, argumenta que a gramaticalização é, dentre outros, um processo de criação lingüística, o que pressupõe uma teoria dinâmica sobre a língua. Nesse sentido, quando se considera o léxico como um sistema aberto e a gramática como um sistema fechado, configura-se uma oposição. No entanto, as fronteiras entre os dois domínios lingüísticos comumente se imbricam, e nem sempre são facilmente identificáveis, porque muitas vezes, há transferência de um campo a outro. No português brasileiro, por exemplo, uma estrutura como *dar apoio* coexiste com a forma *apoiar*, como verbo-suporte e pleno, respectivamente.

Assim, o verbo *dar* revela um comportamento semântico-estrutural sistemático que o vincula, em maior ou menor grau, a categorias gramaticais e/ou lexicais; porém as estruturas por ele formadas, como as estruturas com verbos-suporte, em muitos contextos lingüísticos, estão se fixando na língua, gradativamente, apontando para uma lexicalização de padrões. Consideramos, portanto, unidade lexicalizada a que é constituída por várias palavras, que sofreu um processo progressivo de fixação, que se apresenta mais integrado e com um sentido menos previsível a partir de seus constituintes.

Com relação aos processos de gramaticalização e de lexicalização, Brinton e Traugott (2005, *apud* MARTELOTTA, 2008), apresentam, basicamente, as seguintes semelhanças:

- i) perda de fronteira: junção e coalescência;
- ii) perda de composicionalidade: há nos dois processos a perda da motivação com o desaparecimento do sentido composicional;
- iii) unidirecionalidade: acarreta morfossintaticamente mais > menos fronteiras, assim como semanticamente mais > menos composicional; e não o inverso.

Segundo os autores (p. 96),

A lexicalização é a “mudança pela qual, em certos contextos lingüísticos, os falantes usam uma construção sintática ou uma formação de palavras como uma nova forma significativa, contendo propriedades formais e semânticas que não são completamente deriváveis ou previsíveis a partir dos constituintes da construção ou do padrão da

formação de palavras. Através do tempo, pode ocorrer mais perda da constituição interna e o item pode se tornar mais lexical". (p. 96).

De acordo com essa definição, o processo de lexicalização deve ser visto como uma mudança histórica, gradual, como ocorre com a gramaticalização. A gramaticalização, por sua vez, consiste em um tipo de mudança lingüística que envolve uma trajetória de regularização de uso de itens lexicais em funções gramaticais. Remete a constantes mudanças no que diz respeito à Gramática, que são motivadas por pressões de uso e também do próprio sistema gramatical.

O resultado da lexicalização é, portanto, um item lexical, de caráter representacional, armazenado no inventário, que pode apresentar vários níveis de complexidade e que tem que ser aprendido pelos falantes. É um processo de criação de itens dispostos com maior ou menor clareza nas classes de palavras ou categorias lexicais. Nesse sentido, a diferença básica entre os dois processos é que a gramaticalização prevê mudança de classe de palavras e a lexicalização proporciona a criação de novas palavras no léxico.

Neste trabalho, entretanto, não é objetivo assumir que as estruturas *dar+SN* fazem parte, exclusivamente, do processo de gramaticalização ou de lexicalização, porém, é possível afirmar que em certos contextos lingüísticos, os dois fenômenos se aproximam a ponto de haver interseção deles. São estruturas que ainda não atingiram o estágio de lexicalização, o que não permite considerá-las como um item lexical, não-composicional.

Neves (1999a, p. 98-99), no intuito de delimitar as estruturas com verbos-suporte no rol das unidades lexicais, defende que é pertinente a relação entre os níveis gramatical e o lexical na coligação desses itens. Acrescenta que há para elas uma flutuação de comportamento, de acordo com o grau de gramaticalização a que tenha atingido.

Desse modo, ora estão mais próximas das construções livres com verbos plenos, em que os sintagmas nominais complementos possuem inteira liberdade na estrutura argumental, como, por exemplo, (*dar um brinquedo*), ora mais próximas das expressões cristalizadas, que não têm flexibilidade de mobilização/alteração dos SNs em posição de objeto, como (*dar no pé*). Entende-se que essa flutuação depende do grau de gramaticalização/ lexicalização em que se encontra a estrutura, conforme mostram os seguintes exemplos:

a) *Ana deu um apoio* ao amigo.

Nessa estrutura o uso do determinante (*um*) precedendo o nome, torna a estrutura com maior grau de referencialidade, aproximando-a de construções mais livres. Mas na estrutura abaixo,

b) *Ana deu apoio* ao amigo.

há maior integração entre os elementos do SN, o que torna menos referencial o nome e, por isso, mais próximo de expressões cristalizadas.

Desse modo, pode-se considerar que as estruturas com verbos-suporte são construções complexas feitas pelos falantes nativos. Elas não só evidenciam a idéia de que a língua está em movimento, mas também que esse movimento torna vivo o papel de intercambiar as experiências dos usuários que dela se utilizam. Essas construções possuem propriedades que resultam de um processo de consolidação que ocorre no tempo, em que a coesão e a autonomia são adquiridas gradualmente. São também portadoras de significados e instrumentos de construção de sentidos.

Martins e Dias (2001) sinalizam para o fato de que o grupo de estruturas *dar+SN* com verbos-suporte é bastante heterogêneo: por um lado, pelo grau de lexicalização que apresentam em relação às expressões cristalizadas e, por outro, porque são semanticamente transparentes e mais previsíveis. Devido ao grau de heterogeneidade interna, há um subgrupo, que incluem aquelas intercambiáveis que têm estrutura argumental coincidente, como *dar um grito* (*gritar*) e aquelas que têm estrutura argumental diferente (não intercambiável), como *dar um pontapé* (\emptyset).

Segundo as autoras, para o primeiro caso, *dar um grito* (= *gritar*) parece pertinente considerar que estruturas desse tipo apresentem um vínculo sintático e semântico definido com um paradigma de estatuto lexical claro. Para o segundo (*dar um pontapé*), sugerem um paradigma lexical parcial, pertencente a um campo semântico que ‘emprestaria’ o sentido a outros nomes, como (*dar um chute, dar um tapa, etc.*).

Nessa perspectiva, as construções *dar+SN* pertencem a um subgrupo adicional e possuem um grau de heterogeneidade interna, não sendo bem definidas nem pelos processos sintáticos,

nem do ponto de vista da cristalização. Assim, parece ser de grande importância que sejam investigadas sob o ponto de vista da lexicalização no sentido de inseri-las como *formações lexicais*, já que apresentam regularidade/função de alto teor de produção.

Quanto às estruturas *dar uma X-da*, Basílio (2001, p. 160) descarta a possibilidade de serem tratadas como expressões cristalizadas devido à sistematicidade de formação, pois, além de terem significado previsível, apresentam um conjunto de requisitos sintáticos, semânticos, morfológicos e pragmáticos. Também não podem ser consideradas de natureza flexional, nem derivacional, uma vez que contêm mais de uma palavra. Além disso, não são compostas porque seus constituintes apresentam mobilidade de posição e, ainda envolvem noções sintáticas. Assim, essas estruturas apresentam características lexicais associadas a características sintáticas.

Nesse sentido, a autora defende o ponto de vista de que essas estruturas não sejam tratadas como expressões lexicalizadas, mas de lexicalização de padrões de combinação de palavras, como ocorre com os casos de composição, isto é, uma lexicalização sob o aspecto dos padrões sintáticos, mas uma gramaticalização do ponto de vista lexical. Acrescenta que a formação *X-da* poderia ser descrita como um processo derivacional, já que formações lexicais com mais de uma palavra são motivadas por muitas razões, desde expressões cristalizadas, perpassando diferentes tipos de sintagmas, que envolvem formas livres em que os elementos têm maior ou menor fixidez.

Embora produtos de um processo de formação de alto teor de rentabilidade, essas construções não fazem parte da conjugação verbal, uma vez que se aproximam mais dos recursos expressivos do que das exigências gramaticais e também não apresentam sistematicidade comum do sistema flexional. Ainda segundo a autora, há certos tipos de verbos que apresentam restrições semânticas, morfológicas, lexicais, sintáticas e discursivas em construção desses tipos de estruturas, como: **Dar uma escrevida/ *Dar uma descobrida/ *Dar uma morrida*.

Para essas seqüências, Basílio (2001, p. 160-161) cogita a possibilidade de uma alternativa de análise, seguindo Jackendoff (1997), estabelecendo um padrão produtivo, como: [X]V ->[X-da]S em que X é o tema verbal. Devido o alto teor de produtividade, a previsibilidade semântica das construções e as restrições configuram uma situação padrão nas formações

lexicais, indicando, portanto, uma maior adequação de descrição desses fenômenos em termos de padrões lexicais. Porém, considera problemática a descrição dessas estruturas no âmbito lexical devido à proximidade que possuem com as *dar+SN* denotativas pela natureza da produtividade e sistematicidade.

A autora é, de certa forma, reticente quando propõe defini-las dentro de uma instância de *lexicalização de padrões de combinação de palavras*, apontando para a questão da noção atenuadora de determinadas estruturas com verbos-suporte, cujo efeito é obtido como um ‘todo’. No entanto, essa proposta parece ser, até o momento, a mais viável, devido à dificuldade de uma instância clara e única para delimitação das estruturas com verbo-suporte, devido à heterogeneidade de suas formações.

Nesse sentido, o que se pode constatar é que, embora as perífrases das construções com verbos-suporte *dar uma X-da* possuam certa integração entre os elementos, o seu relativo grau de autonomia não permite que sejam caracterizadas totalmente como formas livres e nem totalmente independentes. Tendo em vista não ser possível considerá-las como um item lexical, funcionando como uma palavra, a forma mais coerente seria descrevê-las numa instância de lexicalização de padrões de combinação de palavras, procurando situá-las numa escala de lexicalização.

As estruturas *dar uma X-da* são representadas, em sua maioria, no *corpus* deste estudo, com determinante/ modificadores e derivam da junção de um outro verbo. Além do alto teor de produtividade e previsibilidade, exprimem eventualidades que podem apresentar um efeito de diminutivização, de superficialidade que as torna breve, envolvendo noções aspectuais, cujas propriedades as afastam das demais estruturas *dar+SN*. *Dar uma risada, por exemplo*, não têm o mesmo efeito semântico de *dar um riso*. Por isso, não parece viável inseri-las na mesma instância de lexicalização, pois suas características são de outra ordem. Tendo em vista serem bastante recorrentes no português brasileiro, sobretudo, na linguagem falada, entendemos que continua sendo pertinente um estudo pormenorizado sobre a delimitação dessas estruturas.

7.1 Dar+SN – Estrutura prototípica de verbo-suporte

A questão da prototipia é muito discutida na lingüística cognitiva, cujas contribuições partem da psicolingüística em que Rosch e Mervis (1975, *apud* NEVES, 2006, p. 22-23) desenvolvem importantes estudos sobre os protótipos e suas subcategorias radiais, dando ênfase às redes semânticas das quais fazem parte os membros de uma determinada categoria.

Segundo os autores, a Teoria dos Protótipos, inicialmente denominada de *versão padrão* foi posteriormente reformulada para a *versão ampliada dos protótipos*. Dessa forma, o protótipo se converte em efeitos prototípicos e a noção de semelhança de família, em elemento que vincula os membros de uma mesma categoria. De acordo com a noção de semelhança de família, seus princípios possuem um amplo campo de aplicação, pois não só domina toda a semântica léxica, mas, também, é aplicável a todo fenômeno que implique uma categorização. Assim, há diferentes campos nos quais pode ser aplicado o conceito de protótipo: gramática cognitiva, fonética, morfo-fonologia, sintaxe, entre outros.

Dentro da visão funcionalista da linguagem, pode-se admitir que a noção de protótipos relaciona-se com a Gramática e com a Cognição, que são decorrentes de certa vaguidade dos limites entre as categorias. Em particular, é grande a sintonia entre a lingüística cognitiva e a lingüística funcional. Desse modo, o membro que demonstra o maior número de propriedades é o que caracteriza determinado ‘modelo’ e, a partir dele, são classificados os demais membros de acordo com o grau de similaridade.

Nesse sentido, o verbo em uso tem sido objeto de estudo de muitos pesquisadores, apresentando um campo vasto de observações da complexidade da língua e sua atividade pode ser percebida a cada novo enunciado, pois os falantes embora presos e certas restrições do sistema, têm oportunidade de organizar o pensamento e o fazem buscando maior expressividade por meio da força criadora de palavras que melhor se encaixem à comunicação.

As predicções com *dar+SN* no português brasileiro, o verbo *dar* é polissêmico, pois, além de seu valor semântico básico de *transferência de um objeto a um destinatário*, ocorre com diferentes nuances de sentido (vinculadas, com maior ou menor transparência, àquele valor),

assumindo, mais ou menos claramente, o comportamento de *verbo-suporte* a depender do SN ao qual se agrega e do grau de integração que tem com este.

De acordo com Taylor (1995), o processo de categorização lingüística é uma atividade cognitiva fundamental. A língua, por ser uma criação da cognição humana e um instrumento a seu serviço, reflete, em sua estrutura e funcionamento, uma das mais importantes habilidades, a de categorizar.

Nesse sentido, o autor ressalta o papel do critério semântico para a categorização gramatical. As entidades são categorizadas com base em seus atributos, os quais são propriedades de entidades do mundo real, facilmente palpáveis, aos usuários da língua. Não são necessariamente relacionados às propriedades intrínsecas do termo, mas ao papel que o termo desempenha em uma cultura específica. Assim, nenhum único atributo é essencial para definir determinada categoria, mas um conjunto deles torna uma categoria prototípica, ou seja, uma categoria de nível básico, cujos membros, (os protótipos), geralmente apresentam alto nível de frequência e são mais salientes cognitiva e lingüisticamente do que os demais. Em outras palavras, é possível encontrar membros de uma categoria que têm alguns atributos compartilhados e haver categorias cujos membros não possuem determinado atributo em comum. Por isso, para distingui-las, é importante dar enfoque aos protótipos, pois, quanto mais próximo do protótipo, mais central é o *status* da entidade na categoria. Portanto, é possível afirmar que categorizar implica encontrar semelhança na diferença, de modo que conceitos psicológicos complexos, graduais e subjetivos se imbricam.

Algumas características importantes de uma categoria prototípica são: (i) o fato de seus membros centrais compartilharem um grande número de atributos e (ii) o fato de as categorias prototípicas permitirem associações às entidades que compartilha só alguns atributos com os membros mais centrais, fazendo com que elas tenham flexibilidade. Além disso, uma categoria prototípica: a) maximiza o número de atributos compartilhados pelos membros da categoria; e b) minimiza o número de atributos compartilhados com os membros de outras categorias (ROSCH, 1975c *apud* TAYLOR, 1995, p. 51). Segundo o autor, (p. 196),

Os critérios semânticos certamente desempenham um papel em qualquer definição de classe de palavras (...). Isso não significa afirmar que todos os membros de uma categoria gramatical necessariamente partilham um conteúdo semântico comum. (Mas nem todos os membros de uma categoria gramatical necessariamente

partilham as mesmas propriedades sintáticas). (...) As categorias gramaticais possuem uma estrutura prototípica, com membros centrais partilhando uma gama de atributos semânticos e sintáticos. O fato de um item não exibir alguns desses atributos não impossibilita a associação.

Segundo esse conceito, a categorização do verbo *dar* fundamenta-se na concepção de que os membros de uma categoria lingüística: (a) apresentam diferentes graus de saliência (uns são exemplares da configuração prototípica e outros são periféricos) e (b) se entrecruzam de acordo com similaridades parciais e se diferenciam segundo limites imprecisos. As categorias são estruturadas em torno de um *continuum*, em que: (i) o significado de uma expressão participa do significado de outra e (ii) alguns membros partilham atributos associados tipicamente à categoria enquanto outros partilham atributos distintos ou quase não partilham propriedades.

O nível básico de uma categorização corresponde ao membro de configuração sintática e semântica mais simples e, geralmente, produtivo na língua em que os membros periféricos podem ser mais plausível e economicamente associados.

A interpretação de estruturas formadas com o verbo *dar+SN*, tem a idéia principal de transferência de posse, ou, mais especificamente, do deslocamento de um objeto de um ser possuidor a outro. No entanto, cada expressão tem um significado que orienta seu uso lingüisticamente.

Assim, a categoria de verbo predicador pleno, de natureza [+lexical], envolve a transferência de algo concreto, como:

- 1) O homem deu o brinquedo ao menino.

O verbo com essa configuração tem um comportamento mais concreto; o objeto transferido passa a se alocar exclusivamente no ponto de chegada do deslocamento (a pessoa que recebe o objeto). Essa configuração do nível básico de categorização do verbo *dar* é a que envolve, mais concretamente, participantes do mundo real (referenciais), possui a estrutura prototípica devido à predicação transitiva e representa a acepção estabelecida, primeiramente por lexicógrafos e outros estudiosos. Funciona como um ‘ponto comum’ em torno do qual as extensões de sentido/uso de *dar* podem ser associadas, em maior ou menor grau, devido a alguma(s) propriedade(s) compartilhada(s). Dependendo do contexto morfossintático e

semântico, determinados usos de *dar* podem oscilar entre uma e outra categoria (primária ou secundária) e, no âmbito de uma mesma categoria, entre um nível e outro.

Quando *dar* funciona como verbo-suporte, o elemento que a ele se associa é, prototipicamente, não-flexionado, não determinado e não-modificado, considerando o fato de que, quanto mais referencial (menos concreto), menor sua contribuição para a composição do predicado derivado, como:

- 2) O professor *deu consentimento* ao aluno para sair (=consentiu).
- 3) A palestra do professor *deu origem* ao debate (=originou).

Nesses casos, o emprego de *dar* representa o início de uma extensão semântica (metaforização) em que o objeto transferido passa a apresentar o traço [- concreto].

Uma evidência de que há a preservação de característica(s) da configuração semântico-sintática básica de *dar* no predicado derivado é o fato de que a permuta dele por outro verbo-suporte pode acarretar mudança de sentido. *Dar consentimento/ dar origem* é diferente, por exemplo, de *ter consentimento/ ter origem*.

A partir da forma fonte de *verbo dar predicador/pleno* (*dar o brinquedo = entregar*) passa a veicular diferentes acepções na medida em que avança o processo de metaforização, tornando-se um item polissêmico. A extensão metafórica prossegue e origina outros usos não plenos de *dar*, nos quais a noção transferencial é pouco nítida ou inexistente, e, portanto, o verbo passa a ser usado com sentidos semelhantes ao de outros predicadores, como: *causar/ gerar*:

- 4) A conversa de Ana *dá sono* em todo mundo (=causa).
- 5) O esforço de Ana não *deu os resultados* esperados (=gerou).

O grau de unicidade entre *dar* e o elemento não-verbal varia conforme as propriedades desses componentes. A consideração de uma estrutura prototípica, portanto, relaciona-se à noção de fixidez entre o verbo e o nome que com ele se combina, ou seja, devido ao seu valor transferencial ser de natureza metafórica, um dos elementos formadores de um predicador complexo integra-se ao SN.

Em consonância com esse raciocínio, Neves (1999a) e Athayde (2001, 2005), afirmam que uma estrutura prototípica é aquela que apresenta a seguinte configuração: (i) tem como complemento um nome não-referencial com ausência de determinante; (ii) há coincidência de estrutura argumental entre nome objeto e conjunto de verbo-suporte+nome objeto; (iii) corresponde, com apagamento do verbo-suporte, a uma nominalização com estrutura argumental completa.

Desse modo, a escolha do substantivo para fazer a combinatória com o verbo-suporte pode ser mais referencial ou menos referencial, que obedece a uma organização gradual, hierárquica. As combinações de verbos com sintagmas nominais complementos se articulam cognitivamente, partindo da escolha do substantivo núcleo do complemento para o verbo, isto é, o desempenho do falante acessa, de imediato, um verbo para combinar com dado substantivo¹⁸ que lhe vem à mente (NEVES, 1999a). Há uma reciprocidade (em geral, com maior peso para o nome) entre os elementos que formam a combinatória (verbo-suporte + SN) que atribui papel temático à predicação como um todo.

Com relação à referencialidade do nome, observa-se que no português do Brasil existem inúmeras estruturas constituídas de determinantes, cujos elementos podem ser [+ referencial] ou [-referencial] dependendo do contexto. Essa referencialidade relaciona-se também à presença ou ausência de determinantes ou modificadores.

Nesse sentido, a ausência de elementos intervenientes em (*dar origem/ dar cabo/ dar início/ dar consentimento/ dar opinião*, etc.) e a presença de artigo indefinido (*dar um beijo/ uma definição*), de artigo definido (*dar a definição/ a contribuição*) e de outros elementos (advérbios e adjetivos) contribuem para ocorrência de perífrases ao invés de verbo pleno. Há, assim, uma escala de afastamento de sentido entre verbos plenos e perífrases. Tal escala abarca as seguintes estruturas que serão apresentadas na ordem de maior para menor nível de semelhança com os verbos plenos cognatos: (i) verbo suporte + nome (*dar ajuda/ importância/ faxina*); (ii) verbo-suporte + artigo indefinido + nome (*dar uma ajuda/ uma importância/ uma faxina*); (iii) verbo-suporte + artigo definido/pronome demonstrativo + nome

¹⁸ Segundo Langacker (1990, p. 63, *apud* NEVES, 1999a, p. 112), “a propósito da classe desses substantivos, de que não se espera que uma descrição baseada no protótipo se aplique, sem modificação, igualmente aos membros centrais e aos membros periféricos da categoria. Uma caracterização diretamente aplicável a todos os membros de uma categoria seria extremamente esquemática”.

(*dar a ajuda/ dar essa importância/ aquela faxina*); (iv) verbo-suporte + pronome indefinido + nome (*dar pouca ajuda/ tanta importância*), (v) verbo-suporte + artigo indefinido + nome + adjetivo (formador de advérbio) (*dar uma ajuda rápida/ uma importância frequente/ uma faxina caprichada*), (vi) verbo-suporte + artigo indefinido + adjetivo (não formador de advérbio) + nome (*dar uma boa ajuda/ dar uma importância inestimável*), e (vii) construções de significado não-idêntico (*deu confiança/ impressão*).

Assim, é também importante o papel do dicionário para essa finalidade, cuja primeira conceituação para o verbo-suporte é retirada de Houaiss (2001), associada ao verbo *dar*:

1) a) em algumas acepções, dar funciona como verbo pleno, com seu próprio significado (p. ex., dar um documento a um funcionário = passa-lo às suas mãos); enquanto em inúmeras outras, faz de verbo-suporte, constituindo, com o substantivo (que na gramática tradicional é objeto direto), um todo semântico (p. ex. dar um abraço = abraçar); a.1) neste segundo caso, a função do verbo flutua entre a de um elemento de semântica quase vazia e aquela de um verbo não exatamente pleno, mas ainda portador de certo valor semântico maior ou menor, conforme o caso; o estabelecimento de seu sentido depende dos substantivos que com ele ocorrem na posição de objeto, tornando o número de acepções enorme; a. 2) quando dar faz de verbo-suporte, o chamado objeto direto não funciona como argumento, tendo, na verdade, a natureza de um predicado, orientando o evento e classificando ou identificando o referente; a.3) por sua importância, diversas acepções de dar, usado como verbo-suporte, estão registradas no corpo deste verbete; diversas outras devem ser procuradas pelo substantivo que faz parte do objeto direto, como de hábito no restante deste dicionário.

Na definição citada, aparecem dois dos elementos que mais participam da conceituação do verbo-suporte na literatura. Primeiramente, é colocada em questão o conteúdo semântico do verbo, na oposição verbo pleno *vs* verbo-suporte, enfatizando a semântica esvaziada do verbo-suporte. Em seguida, é destacado o aspecto da predicação com verbo-suporte, em que o objeto forma com o verbo um todo semântico, funcionando como um predicado.

A argumentação de compartilhamento de sentido entre o verbo-suporte *dar+Nome* vai ao encontro das palavras de Ilari (1985, p. 295-296) que diz:

devemos abandonar a terminologia (palavras plenas/palavras vazias). Isso significa dizer que todo o elemento do enunciado é carregado de sentido e participa do sentido do enunciado global. As palavras adquirem e, ao mesmo tempo, retiram das palavras vizinhas uma parte do seu sentido.

Conforme a citação do autor, as palavras não funcionam por si só, estão constantemente interagindo com os demais elementos no seu entorno para compor o significado do enunciado.

De acordo com a noção de semelhança com o protótipo, cujo representante é o que reúne um conjunto de propriedades para representar a categoria, os demais membros podem pertencer a subcategorias, ou seja, não é necessário que todos os membros apresentem traços em comum; podem até pertencer a subcategorias diferentes e associar-se por princípios de encadeamentos e associações, em que as idéias mais abrangentes seguem de modo hierárquico.

Segundo Dias (1994), são muitas as ocorrências operadas pelo verbo *dar*, quando este se junta a um nome (ou variação) para exprimir um único sentido e formar uma construção lexical complexa. Em outras palavras, esse item lexical – assim como qualquer outro verbo que seja constituinte de construção lexical complexa – diminui (ou perde) seu sentido original, passando por um processo de ressemantização parcial (ou total), que o encaminha para outros sentidos.

6) A menina deu estrias na barriga.¹⁹

Observa-se que não há deslocamento nesse caso, nem do ponto de chegada, nem transferência de objeto, o que provoca uma espécie de anomalia semântica, pois, não aparece nenhuma das características (presentes em sua estrutura conceitual lexical) associadas ao verbo *dar*. Quando não há nenhuma dessas características, então, o verbo *dar* é de outra natureza, tem outro comportamento. Contudo, trata-se de estrutura que se encontra no uso.

Conforme mencionado anteriormente, o verbo *dar*, é considerado prototípico, levando-se em conta seu sentido original que, canonicamente, traz em si, a noção de transferência de algo concreto. No entanto, de acordo com os estudos desenvolvidos, (NEVES, 1999a, ATHAYDE, 2005), a forma considerada como prototípica na construção com verbo-suporte é aquela em que o verbo *dar* torna-se ‘aderente’ (em maior ou menor grau) ao nome que com ele compõe a combinatória, que se apresenta com nome não-referencial e sem determinante, ou seja, esse grau de aderência é que define o estágio de prototipicidade da estrutura. São aquelas que, em um complexo perifrástico, há unidade semântica, sintática e funcional, ou seja, apresentam maior grau de integração e significação única entre (V+N), como: *dar ajuda/ dar importância*.

¹⁹ Exemplo mencionado por Dias (1994).

As estruturas menos prototípicas, então, são as que apresentam menor integração e, ainda, que possibilitam uma significação disjunta, devido à interveniência de elementos, como: *dar uma ajuda/ dar uma boa faxina*. Ou ainda aquelas que não permitem contraparte com verbos cognatos, como: *dar confiança*. De acordo com essa noção, podem ser consideradas como mais prototípicas, as estruturas com verbos-suporte do tipo (*dar início/ dar origem*), que estão mais próximas das ECs (*dar mole/ dar bola/ dar as costas*).

8 Motivações para uso da estrutura verbo-suporte Dar+SN

De modo geral, os trabalhos sobre construção de estruturas com verbos-suporte trazem uma série de critérios e testes morfossintáticos, além da discussão acerca das motivações e benefícios que podem determinar a escolha de tais construções, em relação ao uso do verbo pleno. A esse respeito, cabe a seguinte indagação:

Quais os motivos que podem levar o falante a optar por uma construção com verbo-suporte ao invés de uma com verbo pleno?

De modo geral, observa-se nesses estudos que tal escolha prende-se, sobretudo, ao equilíbrio das necessidades funcionais a que podem servir, devido à natureza dos componentes das construções com verbo-suporte. São vários os fatores ligados a diversas funções da linguagem que pesam na escolha do falante para obter certos efeitos particularmente desejados como, por exemplo, em:

Ana deu um mergulho na piscina / Ana deu uma mergulhada na piscina/ Ana mergulhou na piscina.

A diferença é de certo modo sutil, mas a escolha pela primeira construção expressa um ato instantâneo, pontual; enquanto a segunda dá idéia de um ato mais descontraído; a terceira também expressa um ato mais direto, pontual. Essa diferença é explicada por meio das noções aspectuais.

Nesse sentido, Neves (1999a) afirma que o emprego das construções com verbos-suporte favorece significados especiais aos enunciados. Argumenta que é um fato que essas construções correspondem a outros predicados com o mesmo significado básico, mas que o falante, em geral, faz a opção de empregar a construção com verbo-suporte porque o significado obtido por meio desses predicados complexos não é igual àquele expresso pelos predicados verbais simples. Destaca que efeitos sintáticos, semânticos e comunicativos são obtidos, quando do uso de construções com verbo-suporte em determinados contextos.

Assim sendo, seguem alguns fatores que podem favorecer o uso da construção com verbo-suporte:

1) *Maior adequação comunicativa*

A adequação comunicativa pode ocorrer de várias maneiras como, por exemplo, a escolha de uma construção com verbo-suporte num texto científico ou técnico ser uma construção pertencente ao jargão de determinada área.

- a) O professor *deu uma explicação* sobre anatomia.

Em geral, a opção por construções com verbo-suporte tem a pretensão de obter certos efeitos requeridos pelas relações existentes entre os participantes do ato de comunicação, sobretudo, para a adequação de registro, mais usual na fala coloquial.

- b) A Escola São Camilo *dá uma boa educação* às crianças.

Nesse caso, não é usual o verbo pleno correspondente à estrutura formada pelo verbo+nome, que seria *educa bem*.

1.1) O nome complemento exerce um papel especial, de natureza particular, para obter efeitos pragmáticos.

- c) Hoje, a gente pode *dar aquela ajudazinha* no trabalho.

Nota-se que os nomes que se juntam aos verbos-suporte são característicos de situações informais. *Ajudazinha*, por exemplo, se refere a uma ajuda informal, que, possivelmente, remete ao significado de um evento descontraído, cujos efeitos pragmáticos não seriam recuperados pelo verbo pleno correspondente a *ajudar*.

O uso de certos verbos-suporte podem também sugerir gestos, movimentos, atitudes, intenções que traduzem ações, processos e estados verbalizados, como:

- d) Ana entrou no cinema e começou a *dar risadas*.

Construções como essas configuram maior eficiência comunicativa, como: *dar um grito* (=gritar) ou *dar risadas* (=rir).

1.2) Obtenção de efeitos na configuração textual.

Por meio de construções com verbos-suporte+objeto pode-se operar a referenciação: o uso da construção verbo-suporte + nome permite fazer remissão textual por meio do emprego de fóricos no sintagma nominal complemento. Dentre várias formas de se fazer remissão textual, tem-se a anáfora em (e) e a catáfora em (f):

e) Quando o aluno *dá uma opinião* na aula, depende se *essa opinião* é boa.

O verbo *opinar* se usado no lugar da construção com verbo-suporte, não seria tão apropriado à anáfora nominal, como (*essa opinião*).

f) Na verdade, ela *deu a seguinte demonstração* na aula de ontem. (=demonstrou da seguinte maneira).

A remissão textual (catafórica) em (f) não seria feita da mesma forma se fosse usado o verbo pleno (*demonstrar*).

2) Obtenção de maior precisão semântica

Neves (2002), reportando-se aos postulados de Dik (1989), destaca que as construções com verbo-suporte e as correspondentes com verbo pleno apontam para o mesmo sentido, basicamente; porém, os resultados semânticos obtidos não são idênticos. As construções com verbos-suporte permitem configurar melhor a natureza semântica do predicado (ação, processo ou estado), ou seja, definir com maior precisão, o estado de coisas.

g) Vamos *dar uma outra olhada* no trabalho para melhorar a nota.

A construção *dar uma outra olhada* tem um efeito de brevidade, configura uma dimensão semântica de menor precisão, diferente do que se fosse usado o verbo pleno *olhar*.

2.1) Conforme a intenção do emissor, a construção com verbo-suporte pode não resultar numa construção idêntica ao do verbo pleno.

h) Ana vai *dar um brilho* nos móveis (Ø).

Nessa construção, o SN *dar brilho*, significa *lustrar os móveis*, de modo que a estrutura argumental não é intercambiável com a paráfrase, como em *dar uma resposta=responder*. Neste caso, os móveis são afetados pelo efeito de brilhar.

2.2) Dentre os vários efeitos comunicativos com o uso do verbo-suporte tem-se ainda a contribuição da prosódia que, especialmente na linguagem oral, expressa certos ‘modos de falar’ por meio de entonação de voz, de gestos, de movimentos, dentre outros.

i) Ana, *dá uma revisada* neste texto, por favor?

Observa-se que a presença da perífrase *dá uma revisada* e do complemento, *por favor*, contribui para um efeito comunicativo que exprime um modo de dizer mais ameno.

Embora as modalidades fala/escrita estejam, em geral, atreladas, na oralidade a entonação é relevante para compreensão de determinadas construções, que permitem maiores efeitos comunicativos, sem a necessidade da presença de contextos maiores para explicação.

Nesse sentido, os modos pelos quais cada indivíduo se comunica, tanto por meio da fala como da escrita, são individualmente permeados de subjetividade que marcam o estilo particular de se comunicar.

Para Sandmann (1991, p. 80), um dos objetivos da estilística é analisar a escolha feita, verificando-se de que maneira se consegue efeitos estéticos e de expressividade, sobretudo, tentando-se chegar à intenção do enunciador por meio do estilo encontrado em seu texto. Assim, o estilo é o resultado da escolha dos meios de expressão, determinada pelas intenções individuais de quem fala ou escreve.

Nesse particular, pode-se afirmar que por trás de uma escolha, existe sempre uma intenção e, dependendo de sua intenção, o indivíduo que produz o texto pode criar um ou outro efeito de

sentido.

Outra motivação para as construções com verbos-suporte é a formação das nominalizações, cujo comportamento está livre das amarras do emprego das flexões próprias do verbo, de número e pessoa e principalmente tempo e aspecto (BASÍLIO, 2002). Nesse sentido, a nominalização tem relevância na função discursiva, pelo alto teor de produtividade na linguagem formal, principalmente em determinados meios como o acadêmico e o jornalístico, inclusive porque se configura numa maneira de o locutor se distanciar do enunciado que está proferindo, como se observa a seguir:

j) Os funcionários *deram uma parada* nos trabalhos.

A parada nos trabalhos que os funcionários deram.

A parada dos funcionários (*foi produtiva*).

Segundo Basílio (2004, p. 42), “a formação de substantivos a partir de verbos é infinitamente mais produtiva do que a formação de verbos a partir de substantivos”, acrescentando, ainda, que substantivos abstratos são formados para atender a exigências sintático-semânticas do discurso; por isso a grande produtividade dos processos de substantivação de verbos.

Uma das principais funções discursivas da formação por meio de afixos é a de expressar os aspectos subjetivos do emissor em relação ao conteúdo que está sendo comunicado. Observa-se que o uso de construções com verbos-suporte, sobretudo, as formações deverbais constitui-se um fenômeno produtivo de criação lexical, como recurso de expressividade.

Essas estruturas são, na verdade, motivadas tanto pela semântica como pelo discurso, ou melhor, são ‘objetos’ do discurso que permitem efeitos de certa polidez na interlocução. É possível então argumentar que essas estruturas constituem-se num tipo de modalização, o que representa uma das razões para o falante optar por elas

Nesse sentido, a autora afirma que as estruturas com SNs deverbais são aquelas em que a formação das nominalizações são derivadas de um verbo, argumentando que a formação de substantivos a partir de verbos, tem motivações diversas: i) a semântica ou denotativa, utilizando o significado do verbo para denotar seres e entidades; ii) a motivação gramatical, correspondente à adequação do verbo a ambientes sintáticos que exigem um substantivo; iii) a

motivação textual, de concretização sintática, correspondente ao uso do substantivo derivado do verbo para fazer referência a uma estrutura verbal usada no texto anteriormente.

Observa-se que, além dos motivos verificados, a escolha das construções com verbos-suporte prende-se ao fato de que o falante está, a todo momento, e, às vezes de modo inconsciente, criando e/ou inovando seu vocabulário de acordo com as necessidades usuais de comunicação. O léxico mental interiorizado do falante permite tal criatividade, cujo objetivo principal é o de melhor se comunicar, expressando, assim, sua subjetividade. É nesse sentido que o léxico é concebido como um banco de dados que é acionado na medida em que o falante necessita, e essa flexibilidade é que permite seu enriquecimento.

Embora a construção com verbo-suporte seja uma forma analítica que não necessariamente representa uma economia na língua em termos do número de elementos constituintes, é uma forma mais receptiva na linguagem por trazer mais riqueza com a inserção dos modificadores que são recursos modalizadores e expressivos da linguagem. As diversas construções com o verbo-suporte *dar* estão na prática cotidiana e sua alta produtividade relaciona-se aos efeitos comunicativos obtidos com o uso dessas formações.

8.1 O uso das estruturas dar uma X-(a)da como formas modalizadoras

O ato de se comunicar ocorre de formas variadas, influenciado por fatores diferenciados. O que cada locutor expressa se dá de acordo com o contexto situacional (espaço, tempo e sujeitos envolvidos), considerando região, escolaridade, classe social, idade, sexo dos participantes da interação, entre outros fatores. As pessoas, ao interagirem, escolhem determinados termos adequados à situação, que são carregados de intencionalidade do falante.

Percebe-se que não é condição imprescindível de educação esmerada para que haja comunicação. Os indivíduos podem utilizar a língua de forma inconsciente, ou seja, determinados termos podem ser empregados para satisfazer suas necessidades de comunicação numa comunidade da qual participam, podendo, muitas vezes, não refletir

conscientemente o efeito e o valor que as palavras carregam. Dubois (1973, p. 414), define modalização da seguinte forma:

a modalização refere-se à “marca dada pelo sujeito a seu enunciado” ; aquilo que é proferido pelo locutor é marcado linguisticamente, uma vez que escolhas são feitas quanto ao que é enunciado. A modalização diz respeito “aos meios pelos quais um falante manifesta o modo como ele considera seu próprio enunciado”.

O autor faz menção ainda às *modalidades lógicas*, que se referem às várias maneiras de considerar o predicado da frase como verdadeiro (representado pela ausência de auxiliar de modo e presença do tempo), contingente (necessário) e provável (possível), sendo o contingente e o provável traduzidos pelo auxiliar de modo. Ele distingue a modalidade lógica da modalização, visto que a primeira está relacionada aos modos, e a segunda refere-se ao fato de o locutor assumir ou não seu enunciado.

De acordo com Ducrot (1987, p. 163), “[...] é possível servir-se de palavras para exercer uma influência, porque certas palavras, em certas circunstâncias, são dotadas de eficácia”, ou seja, no ato de se comunicar, o locutor utiliza estratégias argumentativas, por meio de palavras que veiculam a sua intenção na comunicação que, conforme a situação, precisa ser camuflada, implicada.

Nesse sentido, o discurso caracteriza-se, entre outros fatores, pela possibilidade do uso de modalizadores, uma vez que o locutor, ao explicitar sua atividade comunicativa, utiliza-se de determinados termos que apontam a sua subjetividade no que ele quer que seja expresso. Assim, modalizar significa usar os recursos expressivos da linguagem, cuja expressão representa a atitude do falante em relação ao que é dito. Tendo opções variadas de elementos discursivos, o falante/ locutor pode optar por uma gama variada de termos lexicais que podem indicar diversos sentidos e, à medida que exprime o seu discurso, este vai sendo marcado linguisticamente por meio da modalização.

Observa-se, então, que a modalização se dá, entre outros meios, pelo uso de modalizadores uma vez que o locutor, ao explicitar sua atividade comunicativa, utiliza-se de determinados termos que apontam a sua subjetividade no que ele quer expressar.

Dentre diversos estudos e linhas teóricas, a investigação acerca da modalização envolve basicamente duas questões: a própria avaliação da existência ou não de modalidade em

enunciados sem marca de modalização explícita como um segmento ou um elemento do enunciado, e ao estabelecimento de fronteiras entre Lógica e Lingüística, quando se trata de modalidade, ou seja, se existem enunciados não-modalizados.

Em linhas gerais, tradicionalmente, a modalização se dá, sobretudo, por meio de marcadores classificados (como advérbios, adjetivos, verbos etc.) que exprimem dever e possibilidades; marcadores esses que estão impressos no próprio enunciado. Os verbos modais expressam a atitude do falante em relação ao que é dito; por isso, eles representam em termos de cumprimento, as funções da linguagem.

Nota-se que a modalização é um tema que tem sido abordado ao longo do tempo por diversos teóricos, principalmente sob a ótica da Lógica e da Lingüística e que sua abordagem se torna complexa devido aos desdobramentos que surgem dos conceitos lógicos, como ‘possibilidade’ e ‘necessidade’, além dos diversos itens lingüísticos que podem desempenhar esse papel.

Essa inter-relação tem sido um complicador em investigações que se pretendam puramente lingüísticas, sobretudo, porque as línguas naturais não são lógicas. São, portanto, diferentes os objetivos da Lingüística e os da Lógica modal no estudo das modalidades: enquanto esta se preocupa com a estrutura formal das modalidades em termos de valores de verdade, independente dos enunciados, aquela trata das línguas naturais.

Nesse sentido, percebe-se o complicador primeiro que está na origem dessas investigações é a própria categoria ‘modalidade’, uma vez que tal conceito envolve, não apenas o significado das expressões modalizadas, mas também a delimitação das noções no domínio conceitual envolvido.

O que se pode verificar sobre o tema, é que durante anos, os estudiosos, em busca de definir limites para a modalização, recorreram à retórica e à lógica clássicas como parâmetros principais, separando-os em duas classes de referência: o núcleo duro da modalização (categorias que revelam impacto do sujeito enunciativo sobre as falas que produz como, por exemplo, os verbos modais) e a modalidade diversa (categorias que assumem a característica modalizadora somente em certos contextos, como exemplo, os performativos, das modalidades de frases e dos atos ilocucionários).

Koch (1992) explicita as categorias de indicadores modais ou índices de modalidade, às quais se chamam de modalizadores em sentido estrito, incluindo recursos apontados pela Lógica, (como os binômios necessário/ possível; certo/ incerto; obrigatório/ facultativo); advérbios e locuções adverbiais não vinculados a circunstâncias definidas (talvez, provavelmente, certamente, possivelmente), entre outros.

Além dos indicadores de modalidade, a autora contempla outras marcas formais do discurso que trazem, em seu bojo, uma modalização subjacente: os indicadores de atitude ou estado psicológico com que o locutor se apresenta diante dos enunciados que produz (advérbios do tipo infelizmente/ felizmente/ francamente); as classes gramaticais que indicam avaliação ou valoração dos fatos e outros operadores que limitam a extensão do enunciado ou o modo de formulação dos contextos proposicionais.

A autora ainda discorre sobre a modalidade, explorando a questão do potencial modalizante de variados fatores lingüísticos e extralingüísticos em textos diferentes, caracterizando a língua mais como veículo significativo/ideológico do que informativo.

Embora considerando a variedade dos ‘modos de dizer’ para produzir efeitos de sentido, seja intencional ou inconsciente, a modalização é um procedimento de difícil sistematização devido à sua imprevisibilidade, uma vez que a língua em funcionamento provoca ‘lacunas’ nas teorias e, por isso mesmo, está sempre abrindo espaço para inovação.

É preciso, portanto, alargar as dimensões de modalização levando em conta a existência de um jogo que envolve fatores diversos dos interlocutores, ou seja, a forma (os explícitos) e o subjacente (os implícitos) e os modos de expressão (pedido, ironia, crítica, dissimulação). O enunciator faz a escolha lexical imbuído do desejo de realização de suas intenções que o leva a escolher certas categorias gramaticais em vez de outras, com vistas a buscar o efeito de sentido próprio para a situação comunicativa construída.

Halliday (1970, *apud* NEVES, 2006, p. 194) discorre sobre modalidade definindo-a como uma forma de participação do falante no evento da fala. Esse é o resultado da função interpessoal da linguagem (a linguagem como função de um papel). Nesse particular, a modalidade está relacionada à adequação da linguagem ao desempenho dos diferentes papéis do falante/escritor. Em outras palavras, isso quer dizer que o enunciator modaliza seu discurso

para adequar-se às situações comunicativas, pois, em se tratando de produção textual, não basta conhecer uma gama de categorias lingüísticas; o mais importante é saber usá-las, adequando-as a cada situação com vistas a obter a eficácia no discurso.

Posteriormente, em 1985, essa teoria é revisitada pelo autor que passa a postular a modalidade como um terreno de significações intermediárias às polaridades positiva e negativa, com níveis intermediários, nos quais os falantes se baseiam para emitir suas mensagens. Esses níveis referem-se às várias possibilidades de uso da linguagem que estão à disposição do falante/escritor para comunicar os significados desejados.

Nesse contexto, o autor estabelece a divisão, fazendo uma distinção entre modalidade e modulação, de modo que a primeira é definida como forma de participação no evento da fala e a segunda, como parte da proposição da sentença. Isso significa que é atribuído à sentença o valor das crenças e convicções do falante, ou seja, ao relacionar a função da linguagem à forma da sentença, esta é usada nas funções de afirmação ou de pergunta, ou ainda, assumindo forma de proposta quando exerce a função de ordem ou de oferta.

Assim sendo, o sistema de modalidade passa a constituir a sentença, tornando-se um cenário de troca e de interação, em que na sua produção todos os usos da língua são ancorados em dois princípios essenciais: entender o ambiente (função ideacional) e influir sobre o outro (função interpessoal).

Em linhas gerais, de acordo com os autores, os valores dos verbos modais se distribuem em duas áreas:

- i) a que se liga ao eixo do conhecimento/ saber (modalidade epistêmica), que se relaciona a uma avaliação que o falante faz de um estado de coisas ou de uma proposição, a partir do conjunto de conhecimento e de crenças;
- ii) a que se liga ao eixo da conduta (modalidade deôntica), que se liga a uma ação (do próprio falante ou não), mais do que uma avaliação: qualifica uma ação como necessária ou possível (permitida, obrigatória, proibida, etc.).

(1)a. Ela *deverá* vir no próximo ano.

Observa-se que em (1a) está em jogo uma avaliação do falante sobre a probabilidade ou o grau de evidência do que ele está dizendo, ou seja, é uma expressão da modalidade que marca a participação dele no evento da fala.

b. É *possível* que ela chegue.

Em (1b) o modalizador epistêmico *possível* objetivo refere-se ao estatuto da realidade de um estado de coisas em que o falante expressa sua avaliação. Desse modo, o conhecimento do falante sobre situações possíveis é o padrão para sua avaliação epistêmica ou deôntica de um estado de coisas, levando-se em conta tanto o conhecimento de situações possíveis da realidade ou hipoteticamente, como também situações possíveis, com referência a um sistema de convenções morais, legais ou sociais.

O entendimento de Neves (1996a) converge nessa direção ao argumentar que o estabelecimento da interação verbal – da troca que cumpre a função interpessoal da linguagem – é o momento em que os interlocutores organizam a mensagem e, ao mesmo tempo, definem seus papéis na interlocução, colocando-se na posição de doador ou de solicitador, de asseverador, de perguntador, de respondedor, de ordenador, entre outros.

Esse tipo de modalização pode denominar-se de modalização ‘implícita’, sendo marcada explicitamente, ou não, com valores modais das diversas categorias. Nesse sentido, acrescenta que “seja qual for o meio segmental utilizado, os meios prosódicos sempre estão presentes na modalização em linguagem falada, e freqüentemente são os únicos responsáveis por ela” (NEVES, 2006, p. 168).

Portanto, em geral, a modalidade pode ser expressa por diferentes meios lingüísticos. Dentre eles, essa autora destaca que o uso de um *substantivo na posição de objeto do verbo-suporte*, em que o verbo e o SN objeto, em princípio não-referencial, formam, em conjunto, um predicado, uma forma de modalizar o enunciado, como: ‘O curso de pedagogia *daria possibilidade* como o caso de Orientação Educacional’.

Desse modo, a argumentação da autora aponta para uma noção mais ampla sobre a modalidade na língua, ou seja, ela pode se dar por diferentes formas de manifestação. As construções com verbo-suporte *dar uma X-da* como, *dar uma passada/ uma organizada, etc.* são formas

analíticas de expressão, enquanto as constituídas de verbo-pleno são mais sintéticas e de certo modo, mais incisivas. Mesmo sendo formas mais analíticas, já que são compostas de maior número de termos, o falante tende a escolhê-las porque exprimem um comportamento mais leve, mais ameno e, por isso, modalizadoras da linguagem.

Nessa perspectiva, é possível, então, defender que nesse cenário também são modalizadoras as perífrases que compõem com os nomes, as formas nominalizadas nas construções com verbos-suporte, especificamente, as do tipo *'dar uma X-da'* que, por se apresentarem0 atenuadoras, podem se constituir motivações para a escolha por parte do falante.

Considerando a função interpessoal de modalizar o discurso, essas estruturas apresentam-se como modalizadoras, pois elas definem determinados 'modos de dizer', sobretudo na linguagem oral, marcando a subjetividade do enunciador, dando contornos mais refinados aos enunciados.

Essa explicação encontra também ressonância na proposta de Givón (1990) sobre a importância da informação e a quantidade de uma forma utilizada para expressá-la. Ao criar os subprincípios da iconicidade, o autor relacionou essa conexão entre a quantidade de informação e a porção de forma utilizada para expressá-la com o subprincípio da quantidade. Tal conceito parte do pressuposto de que informações maiores, mais importantes ou menos previsíveis têm a tendência de serem expressas com maior quantidade de material lingüístico. Nesse sentido, quanto mais freqüente e mais previsível o elemento se apresenta no contexto lingüístico, mais tendência tem de redução fonética em sua estrutura, ou seja, há maior tendência de perda de massa fônica. No entanto, há de se considerar a existência de uma competição entre as duas motivações (importância da informação e quantidade de forma), fato esse que leva os falantes a buscarem formas alternativas para se expressarem, cujo mecanismo está na base do dinamismo das línguas.

Assim, parece existir uma relação natural entre o código lingüístico, a forma e a mensagem comunicativa, como um modo de codificar os eventos nas diferentes línguas que se dá através dos recursos disponíveis ao falante. Pode-se perceber que, ao optar pelo uso de uma dada estrutura lingüística em detrimento de outra, haveria uma motivação maior, a qual resultaria em determinadas formas lingüísticas.

Com referência à questão das estruturas com verbo-suporte *dar uma X-da*, o verbo *dar*, como, por exemplo, *dar uma passada* tem um significado semi-esvaziado lexicalmente, mas contribui semanticamente para o significado de todo o conjunto. Conforme aponta Scher (2004), e considerando os aspectos semântico-discursivos, essas construções apresentam uma interpretação de superficialidade, de brevidade, de atenuação de pedidos e de formas diminutivizadas. Por esta razão, pode-se assegurar que essas construções modalizadas constituem-se uma das fontes de motivação de uso.

Considerando as abordagens formais sobre modalidade, citamos algumas formações deverbais abaixo, que ilustram as várias possibilidades que a língua oferece para graduar a relativização, de modo explícito ou implícito. Caracterizam-se por uma grande diversidade de *formas*, de *sentidos* e de *empregos*, sem que haja relações unívocas entre essas três dimensões:

- (2) a. É provável que Ana *dê uma arrumada* no quarto.
 b. Parece que Ana vai *dar uma arrumada* no quarto.
 c. Ana deve *dar uma arrumada* no quarto.
 d. Ana tem que *dar uma arrumada* no quarto.
 e. Provavelmente Ana deu *uma arrumada* no quarto.
 f. Ana precisa *dar uma arrumada* no quarto.
 g. Com certeza Ana *vai dar uma arrumada* no quarto.
 h. Talvez Ana *tenha dado uma arrumada* no quarto.
 i. *Acredito* que Ana *tenha dado uma arrumada* no quarto.

Observa-se que todas as sentenças estão sobremodalizadas, ou seja, são constituídas de operadores modais, aliados à presença da perífrase *dar uma X-da*.

Contudo, o que se propõe basicamente neste estudo, é que apenas a presença da perífrase *dar uma X-da* pode se constituir uma forma modalizadora nas construções, não descartando a possibilidade de co-ocorrência com outros operadores modalizadores. Nos exemplos seguintes os efeitos modais contam somente com as perífrases:

- (3) a. Ana *deu uma molhada* no jardim.
 b. Ana *deu uma olhada* no texto.
 c. Ana *deu uma modificada* no texto.

Essas construções trazem uma leitura de brevidade, de superficialidade, de atenuação, cujas diferenças de significado, embora pareçam sutis, semanticamente são distintas das formas constituídas com verbos-plenos, como:

- (4) a. Ana *molhou* o jardim.
- b. Ana *olhou* o texto.
- c. Ana *modificou* o texto.

Em (3a-b-c) é possível se afirmar que uma *parte do jardim foi molhado* ou que *o texto foi visto superficialmente*, mas em (4a-b-c) não.

O efeito sobremodalizador também pode ocorrer nas construções por meio da interação de mais de um operador, como ilustra o enunciado a seguir, que comporta vários tipos de modalizadores:

- (5) Ana, *dá uma arrumada* no quarto prá mim? É uma *arrumadinha só...*

O verbo *dar* quando usado numa construção com verbo-suporte, ainda pode mostrar, a partir da construção (5), as seguintes formações modalizadoras:

- (5) a. Ana vai *dar uma arrumada* no quarto.

Em (5a) *dar uma arrumada no quarto* aponta para o sentido de arrumar parte do quarto, cujo sentido denota rapidez, ou de apenas arrumar uma parte do quarto, diferente de arrumar o quarto todo, com cuidado. Essa construção pode ter duas interpretações: a narração de uma afirmação a uma terceira pessoa sobre um ato que alguém irá realizar ou como uma ordem, diretamente à pessoa envolvida que irá executar o ato.

A estrutura (5) confirma a argumentação de Halliday (1985, *apud* NEVES, 2006), de que quando a linguagem é usada nas funções de afirmação ou pergunta, a sentença pode tomar a forma de uma proposição. A interrogação na sentença seguinte cumpre a função de solicitar a execução de um ato.

(5) b. Ana, *dá uma arrumada* no quarto prá mim?

Na construção (5b), além da perífrase *dar uma X-da*, a forma interrogativa agrega também um valor atenuador para modalizar a sentença, mas a perífrase *X-da*, certamente, traz um contorno mais ameno para a construção.

Retomando Koch (1992) que, ao discorrer sobre os indicadores de modalidade, defende que podem ser contempladas outras marcas formais do discurso que trazem, em seu bojo, uma modalização subjacente [...]. Nesse sentido, considerando as relações intersubjetivas (a modulação das funções ilocucionárias), o verbo modal *poder*, além de outras funções, exprime, principalmente, uma possibilidade que, na construção abaixo, comporta-se de modo assertivo, como:

(5) c. Ana, você *pode dar uma arrumada* no quarto.

Em (5c), com o uso do verbo *poder*, constitui-se uma asserção de possibilidade e a perífrase *dar uma X-da* confere um valor de atenuação; portando, modalizadora da sentença, ou seja, as duas sentenças (5b) e (5c) estão sobremodalizadas.

Assim, tanto a construção (5b) como a (5c) podem ser classificadas como enunciados que atuam sobre um ‘estado de coisas’ que independem da crença do falante. De acordo com as classificações formais, situam-se no eixo da modalidade epistêmica de possibilidade, no nível da elocução, que se tornam adequadas a estratégias comunicativas, como instrumento de interação.

A construção seguinte apresenta-se também sobremodalizada, mostrando que o sistema não se reduz de modo ‘estranque’ à classe dos modais:

(5) d. É *uma arrumadinha só*.

A presença da perífrase *uma X-da*, seguida do sufixo diminutivo *-inha* e do advérbio *só*, em (5d), agrega um valor ainda mais polido, atenuado, à estrutura. Nessa mesma direção, Basílio (2001, p. 163), argumenta que “a formação *X-da* é uma base que aceita bem as formações diminutivas, de modo que é possível haver dois graus de atenuação para cada verbo”. Como (*dar uma arrumada/ dar uma arrumadinha*).

Nos exemplos abaixo, é possível se perceber um comportamento diferente, uma vez que as construções são denominais.

(6) a. João *deu uma martelada* no ladrão: ele nem viu onde pegou.²⁰

Observa-se que na construção (6a) a perífrase *dar uma X-ada*, mesmo com o auxílio do contexto (ele nem viu onde pegou) dificilmente pode ser considerada como modalizadora, pois, embora pareça uma forma atenuadora, na realidade, trata-se de formação que sugere idéia de agressão, de um golpe.

Nesse sentido, não é coerente com a nossa concepção de cultura, conceber que *uma martelada* não tenha sido percebida. Outros exemplos similares poderiam ser citados, a título de comparação, que também sugerem idéia de agressão, como: *dar uma pedrada/ facada/ marretada/ machadada/ paulada/ cadeirada/ vassourada*, dentre outros.

Em contrapartida, a avaliação de verdade de uma proposição será feita, com diferentes graus de adesão do falante, mas essa pode não ser indicada se o conhecimento subjacente à sua avaliação não for de domínio partilhado. Observe o comportamento da sentença, a seguir:

(6) b. João *deu uma marteladinha* no dedo mas nem machucou.

A perífrase *X-ada* na construção (6a) e na (6b) aliada ao sufixo *-inha* poderiam ser consideradas modalizadoras. Em outros termos, essa perífrase seria classificada como um modalizador objetivo, tendo em vista o fato de que o falante pode avaliar a realidade de um estado de coisas possíveis, baseando-se no conhecimento de situações obtidas conforme a realidade ou situações hipotéticas.

Uma explicação viável seria obtida no caso de o martelo ser feito de um material leve; portanto não causaria danos. Sob esse ponto de vista, a modalidade objetiva é definida através de todos aqueles meios lingüísticos pelos quais o falante pode avaliar a realidade de um estado de coisas ‘possíveis’ em termos de seu conhecimento. Mas se por outro lado, entende-se que tal

²⁰ Exemplo de Scher (2004) ao se referir às noções aspectuais.

proposição é incoerente, que não faz parte de um mundo possível, dificilmente pode-se considerá-la modalizadora.

É então possível que as estruturas deverbais *dar uma X-da* sejam explicadas também pela hipótese da iconicidade, tanto pelo subprincípio da quantidade como pelo da informação, pois, além de serem bastante previsíveis, têm grande tendência à redução fonética, e, por isso, é necessário um volume considerável de informação para representar a forma lingüisticamente.

No entanto, percebe-se que esses efeitos de expressividade das formações deverbais não ocorrem do mesmo modo nas formações denominais *dar uma X-ada*, podendo haver restrições para serem consideradas modalizadoras, porque podem ser vistas como eventos que não fazem parte de mundos possíveis. A hipótese da iconicidade daria conta do aspecto no que se refere à quantidade da forma, mas não à importância da informação.

Além disso, é preciso considerar que há questões de outra ordem envolvidas. Essas restrições podem estar relacionadas à formação morfológica das duas construções, aliadas às noções de caráter aspectual, já que apresentam comportamentos diferenciados, conforme mostrado nos subcapítulos 4.2, 5.3 e 5.4.

Diante das razões expostas, e conforme o comportamento das construções, é válido argumentar que as perífrases deverbais *dar uma X-da*, em determinados contextos, constituem um recurso modalizador da linguagem.

Devido ao caráter de atenuação, diminutivização e de brevidade que expressam, são formas alternativas bastante escolhidas pelos falantes em detrimento das formas plenas, principalmente na oralidade, podendo fazer parte do bojo de modalizadores discursivos. São elementos lingüísticos diretamente ligados ao evento de produção do enunciado e que funcionam como indicadores das intenções, sentimentos e atitudes do locutor, relacionados ao discurso e para o cumprimento das funções da linguagem.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme explicitado inicialmente, esta dissertação apresenta uma sistematização de conhecimentos que envolvem fenômenos lingüísticos em torno das construções *dar+SN*, no português do Brasil, visando mostrar que além das operações morfossintático-semânticas, também estão envolvidas, dentre outras, as seguintes questões:

- 1) A presença ou ausência de determinantes (artigo indefinido, definido) pode exercer influência na integração dos elementos da perífrase *dar+SN*, o que torna essas estruturas com característica híbrida. Além disso, podem influenciar na referencialidade do nome, apontando para nuances semânticas que a estrutura adquire, conforme o contexto lingüístico.
- 2) Ao averiguar os processos de formação de palavras, constatou-se que a construção denominal é gerada por um processo de derivação sufixal enquanto a deverbal envolve os processos flexional e derivacional. A distinção dessas formações possibilitou verificar que elas apresentam características distintas do ponto de vista morfossintático-semântico e pragmático.
- 3) Para verificar as propriedades morfossintático-semânticas das estruturas, foram adotados os critérios que seguem os procedimentos do *Léxico-Gramática*, de Gross (1975, 1986), considerando-se não a palavra isolada, mas a palavra em contexto, a partir da elaboração de frases simples que apresentem sujeito, predicado e seus complementos.

Assim sendo, foi possível confirmar que algumas estruturas respondem positivamente aos testes, enquanto outras não. Ou seja, um só critério não dá conta da delimitação dessas estruturas, mas sim o conjunto pode ser esclarecedor. A importância da noção de *continuum*, proposta por Neves (1996), relaciona-se à verificação do grau de integração entre os elementos (V+SN) das construções com verbo-suporte.

Quanto ao fenômeno da nominalização, verificou-se que, de acordo com o método do Léxico-Gramática e da Teoria Lexical, trata-se de um processo produtivo nas estruturas com verbo-suporte *dar+SN* quando apresentam um SN livre.

Segundo o método do Léxico-Gramática (1975), a nominalização é um processo que consiste na transformação de uma frase com um predicado verbal (*Ana respondeu ao professor*) em uma frase com predicado nominal (*Ana deu uma resposta ao professor*). Conforme a Teoria Lexical de Basílio (2004), a nominalização se dá, por exemplo, através da relação entre um verbo (*responder*) e um substantivo (*resposta*).

- 4) As propriedades aspectuais, discutidas no subcapítulo 5.2, mostraram as diferenças de comportamento entre as formações deverbal e denominal. As análises realizadas para essa finalidade também apontaram para o fato de que a formação deverbal não pode ser enquadrada numa única classe aspectual, já que são diferentes os tipos de verbos que derivam a nominalização. Essa formação pode denotar uma atividade, um *accomplishment*, um *achievement* ou um *semelfactivo*.

Além disso, verificou-se que para as formações deverbais, existe restrição semântica quando o predicado é formado por um verbo, cujo traço é de estaticidade. Já a formação denominal apresenta um comportamento uniforme, que deriva exclusivamente do verbo *dar*, de modo que sua classificação aspectual é única, como um *achievement*, isto é, elas ocorrem com um traço de pontualidade.

- 5) Foi constatado que algumas estruturas *dar+SN* como (*dar um pulo*) e *dar uma X-da* (*dar uma enxugada*) apresentam ambigüidade, e, a partir da realização de testes, observou-se que o verbo *dar*, pode apresentar formas alternativas de comportamento: como verbo pleno, como verbo-suporte ou constituindo uma expressão fixa/ cristalizada. Quando os SNs são idênticos podem apresentar sentido próprio ou figurado, cuja diferença é feita de acordo com natureza dos complementos.
- 6) Com relação à possibilidade de delimitação das estruturas *dar+SN* como unidade lexical foi possível observar que, devido ao grau de heterogeneidade interna que possuem, existem vários subgrupos, em que o verbo *dar* assume diferentes comportamentos. Nesse sentido, observou-se também que as estruturas *dar+SN* nem sempre possuem formas

correspondentes de alternância (paráfrases), uma vez que há construções como (*dar brilho*), que não apresentam o mesmo significado básico da forma verbal simples (**brilhar*).

Após percorrer as abordagens de Neves (1999a), de Basílio (2001) e de Martins e Dias (2001), reafirmou-se a impossibilidade de se considerar as construções *dar uma X-da* como um item lexical, uma vez que seus constituintes guardam maior ou menor grau de autonomia, que não estão bem definidas ainda, nem por meio de processos sintáticos, nem do ponto de vista da cristalização.

Portanto, o conjunto de leituras permitiu constatar que não é possível definir com precisão o estatuto lexical dessas estruturas, sendo mais indicado descrevê-las como lexicalização de padrões de combinação de palavras; posicionamento esse, já discutido e sugerido por Basílio (2001), com o qual corroboramos.

7) De acordo com a abordagem de Neves (2002) sobre algumas motivações que podem levar o falante a optar por estruturas com verbos-suporte, em detrimento às estruturas com os verbos plenos, foi mostrada por meio de alguns exemplos, a obtenção de efeitos especiais (adequação comunicativa, efeitos pragmáticos, configuração textual, precisão semântica), como fatores que facilitam a expressividade.

Em seguida, observando com mais profundidade a questão das motivações, percebeu-se que as perífrases *dar uma X-da* (deverbais) são formas modalizadoras da linguagem, podendo ser inseridas no bojo dos diversos modalizadores discursivos, por serem formas denotadoras de superficialidade, de atenuação e de diminutivização, que contribuem para dar contornos aos enunciados. Testando algumas estruturas, constatou-se, ainda, que esses mesmos efeitos não são obtidos com as formações denominais (*X-ada*), já que sugerem uma leitura de golpe, de agressão, por isso, não se apresentam como formas modalizadoras.

Portanto, pode-se argumentar em favor de que o uso das construções *dar+SN*, mais especificamente, as formas *dar uma X-da*, constituem-se importante mecanismo na dimensão discursiva, podendo coexistir com a possibilidade de uso das formas alternativas com os verbos plenos no contexto de interação da língua falada e/ou escrita.

Desse modo, percebeu-se que no percurso dessas investigações, há pontos que abrem perspectivas de explorações complementares em futuros trabalhos. Dentre eles, o estudo da modalização das perífrases *dar uma X-da*, dentro de uma visão mais abrangente de modalizadores discursivos.

8) Tendo em vista que a maioria das estruturas *dar uma X-da*, no *corpus* deste estudo ocorre com a presença de determinantes (artigo indefinido), concluímos que essas perífrases merecem ser analisadas com mais minúcias, pois, de acordo com as investigações, elas apresentam características especiais dentre as formações *dar+SN*.

Na tentativa de responder a uma questão inicial relacionada ao papel do verbo *dar* na construção com verbo-suporte, foi apresentada argumentação de que existe uma responsabilidade partilhada entre o verbo e o nome que incide na determinação dos tipos de papéis semânticos da construção. Portanto, essa partilha aponta para o fato de que não há um esvaziamento lexical total do verbo-suporte *dar*.

Enfim, acredita-se que os resultados deste estudo possam trazer contribuições, tanto para pesquisas futuras, quanto para uma possível aplicação pedagógica, permitindo melhor compreensão do funcionamento e dos usos das estruturas *dar+SN* no ensino da língua portuguesa.

10 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALI, M. S. **Gramática secundária da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- VILLALVA, A. **Estruturas Morfológicas: unidades e hierarquias nas palavras do Português**. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa: 1994.
- ALMEIDA, N. M. **Gramática metódica da língua portuguesa: curso único e completo**. São Paulo: Saraiva, 1963.
- ATHAYDE, M. F. Construções com verbo-suporte (Funktionsberbgefüge) do Português e do Alemão. **Caderno n. 1, Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos, Faculdade de Letras**. Universidade de Coimbra: 2001, p. 3000-447.
- _____. Nomes Predicativos em Português e em Alemão: os nomes predicativos em construções com verbo-suporte preposicionados do português e do alemão. **Caderno n. 15, Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos, Faculdade de Letras**. Universidade de Coimbra: 2005, p.3004-530.
- BASÍLIO, M. **Estruturas lexicais do português**. Petrópolis: Vozes, 1980.
- BASÍLIO, M.; DIAS, M.C.P.; MARTINS, H.F. **Expressões DAR+SN: um estudo de representação lexical**. In: Anais do III Encontro da ASSEL-Rio. Rio de Janeiro, 1994.
- BASÍLIO, M.; MARTINS, H. Verbos denominais no português falado. In: KOCH, I. (Org.). **Gramática do Português Falado: desenvolvimentos**. v. 6 Campinas: Unicamp/FAPESP, 1996. p. 209-238.
- BASÍLIO, M. Questões clássicas e recentes na delimitação de unidades lexicais. In: **Revista Palavra n. 5**. BASÍLIO, M.; NEVES, M. H. M. (orgs.). Rio de Janeiro. Departamento de Letras da PUC: 1999b, p. 9-18.
- BASÍLIO, M. MARTINS. H. Padrões de configuração estrutural de unidades lexicais. In: DUARTE, L. P. **Para sempre em mim: homenagem à professora Ângela Vaz Leão**. Belo Horizonte: PUC MINAS, 1999. p. 205-12.
- _____. Expressões Dar uma X-da: uma verificada informal. In: NEVES, Maria Helena de Moura (org.). **Descrição do português: definindo rumos de pesquisa**. Araraquara: UNESP, 2001, p. 157-164.
- _____. **Teoria lexical**. São Paulo: Ática, 2002.
- _____. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.
- BAPTISTA, J. **Estabelecimento e formalização de classes de nomes compostos**. 1994.242 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1994.

_____. **Sermão, tarefa e facada**: uma classificação das construções conversas dar-levar. Seminários de Lingüística. Faro: Universidade de Algarve, Centro de Automática da UTL – LabEL, 1997a.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed., Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BORBA, F. da S. **Uma gramática de valências para o português**. São Paulo: Ática, 1996.

BORBA, F. da S. Propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas do léxico. **Revista (com) textos lingüísticos**. Vitória-ES, n. 1 p. 55-68, 2007.

CÂMARA JR. M. **Dicionário de filologia e gramática referente à Língua Portuguesa**. São Paulo: J. Ozon, 1968.

CASTILHO, Ataliba T. **Proposta funcionalista de mudança lingüística**: os processos de lexicalização, semanticização, discursivização e gramaticalização na constituição das línguas, ms. Inédito. 2003b.

CASTILHO, Ataliba T. Introdução ao estudo do aspecto verbal do português. In: ABAURRE, M. B. M; RODRIGUES, A. C. S. **Gramática do português falado**: novos estudos descritivos, Marília, v. 8, FFCL, 1968, coleção de Teses.

CUNHA, C. e CINTRA, L.F.L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DIAS, M.C.P. **O léxico em sistemas de análise e geração automática de textos em língua portuguesa**. Tese (Doutorado em Letras). Departamento de Letras da PUC-Rio: Rio de Janeiro, 1994.

DIAS, M. C. P; MARTINS, H. Expressões Dar+SN: Formações lexicais? NEVES, Maria Helena de Moura (org.). **Descrição do português**: definindo rumos de pesquisa. Araraquara: UNESP, 2001, p. 169-174.

DUBOIS, J. **Dicionário de Lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1973.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Trad. de Eduardo Guimarães, Campinas, São Paulo: Pontes, 1987.

ESTEVES, G. A. T. **Construções com DAR + Sintagma Nominal**: a gramaticalização desse verbo e a alternância entre perífrases verbo-nominais e predicadores simples. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

GIRY SCHNEIDER, J. **Les nominalisations en français**: l'opérateur 'faire' dans le lexique. Geneva: Droz, 1978a.

_____. **Interprétation aspectuelle des constructions verbales à double analyse**. Linguisticae Investigationes 2:1. p. 23–53. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1978c.

_____. **Les prédicats nominaux en français**: les phrases à verbe-support. Geneva: Droz, 1987.

- GIVÓN, T. **Syntax: a functional-typological introduction**. Amsterdam: John Benjamins, 1990.
- _____. **Functionalism and grammar**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1995.
- GREIMAS, A. J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1979.
- GROSS, G.; ROBERT VIVÈS. **Syntaxe des noms**. Langue Française (eds.), 69, Paris: Larousse, 1986.
- GROSS, G. Degré de figement des noms composés. **Langages**, No. 90, p. 57-72. Paris: Larousse, 1988.
- _____. **Les constructions converses du français**. Genève: Droz, 1989.
- _____. **Les expressions figées em français**. Paris: Ophrys, 1996.
- GROSS, M. **Méthodes en syntaxe**. Paris: Hermann, 1975.
- _____. **Méthodes empiriques en syntaxe**. In Structure dynamique des systèmes, R. Lichnerowicz, F. Perroux et G. Gadoffre (eds.), p. 149-163, Paris: Maloine-Doin, 1976.
- GROSS, M. A linguistic environment for comparative Romance syntax. **Papers from the XIIth Linguistic Symposium on Romance Languages**, Ph. Baldi (ed.), Amsterdam studies in the theory and theory of linguistic science IV (26), Amsterdam/ Filadélfia: Benjamins, p. 373-446, 1984.
- _____. Lexicon-Grammar. The Representation of Compound Words. **COLING-1986. Proceedings**, Bonn, p. 28-38, 1986.
- _____. **La caractérisation des adverbes dans un lexique-grammaire**. Langue Française, No.86, p.90-102, Paris: Larousse, 1990.
- GUILLET, A. **Représentation des distributions dans un lexique grammaire**. Langue Française, No.69, Paris: Larousse, 1986.
- HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 1 CD-ROM. (Configuração mínima).
- KOCH, I. G. V. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992.
- ILARI, R. **A lingüística e o ensino do português**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- ILARI, R. GERALDI, J. W. **Semântica**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990.
- LAKOFF, G; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- LAPORTE, E. Exemplos atestados e exemplos construídos na prática do Léxico-Gramática. **Revista (con)textos lingüísticos**, Vitória-ES, n. 2, p. 26-51, 2008.

LIZ, L. L. de. **Dar uma X-(a)da**: um trabalho de interfaces. Dissertação. (Mestrado em Letras) Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

LOPES, R.V.; SOUZA, T. T. **Dar uma X-ada**: Por que sua aquisição é tardia? Working papers em lingüística, n. 8, p. 48-49. UFSC, 2004. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/>>. Acesso em 03 jan. 2009.

MACAMBIRA, J. M. **A estrutura morfo-sintática do português**: aplicação do estruturalismo lingüístico. São Paulo: Pioneira, 1982.

MARTELOTTA, M. E. **Unidirecionalidade da gramaticalização**. UFRJ: 2008, mimeo.

MATEUS, M. H; ANDRADE, A.; VIANA, M.C.; VILLALVA, A. **Fonética, fonologia e morfologia do Português**. Lisboa: Universidade Aberta, 1990.

MATEUS, M. H. et alli. **Gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2004.

MATTOS e SILVA, R. V. Variação e mudança no português arcaico: ter e haver em estruturas de posse. In: C. Pereira e P. Pereira (orgs.). **Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários** 'in memoriam' Celso Cunha, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. 299-311.

NEVES, M. H. M. Estudo das construções com verbo-suporte em português. **Gramática do português falado**. v. 6, Campinas: EDUNICAMP, 1996.

NEVES, M. H.M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 1999.

_____. A delimitação das unidades lexicais: o caso das construções com verbos-suporte. BASÍLIO, M.; NEVES, M. H. M. (orgs). **Palavra no. 5**: A delimitação das unidades lexicais. UNESP. São Paulo, 1999.

NEVES, M. H. M; HATTNER M. M. D.; ZAMPRONEO, S. A modalidade. KOCH, I. V. (org.). **Gramática do português falado**. v. 6, Campinas-SP: UNICAMP, 2002.

NEVES, M. H. M. **A gramática**: história, teoria e análise, ensino. São Paulo: UNESP, 2002.

_____. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 1996.

PONTES, E. **Verbos auxiliares em português**. Rio de Janeiro: Vozes, 1973.

RANCCHOD, E. **Lingüística e investigaciones**: On the support verbs Ser and Estar in portuguese. University of Lisbon: VII: 2 1983, p. 317-353.

ROCHA LIMA, Carlos H. da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 31. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

SANDMANN, A. **Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo**. Curitiba: Ícone, 1989.

_____. **Competência lexical**: Produtividade, restrições e bloqueio, Curitiba: UFPR, 1991.

_____. **Morfologia lexical**. São Paulo: Contexto, 1992.

SARAIVA, E. F. S. **Buscar menino no colégio**: a questão do objeto incorporado em português. Campinas, São Paulo: Pontes, 1997.

SCHER, A. P. Quais são as propriedades lexicais de uma construção com verbo leve? MÜLLER, A. L; NEGRÃO, E. V; FOLTRAN, M. J. (orgs.). **Semântica formal**. São Paulo: Contexto, 2003.

SCHER, A. P. **As construções com o verbo Leve Dar e Nominalizações em –ada no Português do Brasil**. Tese (Doutorado em Letras). UNICAMP, Campinas, São Paulo, 2004.

SMITH, C. **The parameter of Aspect**. Kluwer Academic Publishers, Departments of Texas, 1997.

SMARSARO, Aucione, D. **Descrição e formalização de palavras compostas do português do Brasil para elaboração de um dicionário eletrônico**. 2004, 154 f. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2004.

LAPORTE, E. Exemplos atestados e exemplos construídos na prática do Léxico-Gramática. **Revista (con)textos lingüísticos**, Vitória-ES, n. 2, p. 26-51, 2008.

TAYLOR, J. R. **Linguistic categorization**: prototypes in linguistic theory. 2. ed. Oxford: Calderon Press, 1995.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **O aspecto verbal no português**: a categoria e sua expressão. Uberlândia: EDUFU, 2006.

VALE, O. A. **Expressões cristalizadas do português do Brasil**: uma proposta de tipologia. 2001. 213 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2001.

VENDLER, Z. **Linguistics in phylosophy**. Ithaca/London: Cornel University Press, 1967.

VERKUYL, H. J. **A theory as aspectuality**: the interaction between temporal and temporal structure. Cambridge: University Press, 1993.

VIEIRA, M. S. M. **Sintaxe e semântica de predicções com verbo fazer**. 362 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: 2001.

ANEXO I

ESTRUTURAS DEVERBAIS EM X-DA - com determinante (artigo indefinido *uma*):

(os endereços de busca estão mencionados após os fragmentos inseridos nas estruturas).

Acesso em 25 jul. 2008.

1) “Cada pessoa que passa em nossa vida, passa sozinha, é porque cada pessoa é única e nenhuma substitui a outra! Cada pessoa que passa em nossa vida passa sozinha e não nos deixa só porque deixa um pouco de si e leva um pouquinho de nós. Essa é a mais bela responsabilidade da vida e a prova de que as pessoas não se encontram por acaso.” ---> A Mari só **dá uma passada!**

Charles Chaplin <http://goordas.blogspot.com/2007/12/cada-pessoa-que-passa-em-nossa-vida.html>.

2) Eu vou **dar uma verificada** nas suas perguntas e te conto porquê elas não respondem, "ok" Alone.

<http://br.search.yahoo.com/search>.

3) [...] Ela está se achando gorda, feia, desprezível. Antigamente, eu talvez dissesse a ela que está na hora de fazer uma dieta e **dar uma ajeitada** no visual, mas hoje em dia aconselho [...].

http://br.geocities.com/sonhos_da_lua/mensagem11.html.

4) Queremos **dar uma modificada** na mídia exterior que está sendo utilizada na cidade de São Paulo. O primeiro projeto foi comprado pela agência Giovanni, FCB para a Samsung, mas há muitos outros interessados”, garante.

<http://www.portaldapropaganda.com/midia/2006/04/0003>.

5) Não houve nenhum contato de clube para clube. Todos tem o dever de honrar a camisa do Vitória, mas nada como **dar uma engordada** no Natal.

<http://www.bemparana.com.br/craques-e-caneladas/index.php/2008/11/21/a-mala-e-bem-vinda/>.

6) Para comprovar – e se deliciar - basta **dar uma experimentada** no belíssimo livro *Ultralyrics*, publicado pela Travessa dos Editores, que traz uma generosa seleção de diversas fases do poeta feita pelo diretor teatral e dramaturgo [...].

<http://www.fabiocampana.com.br/?p=24498>.

7) [...] fazer o caminho inverso das grandes caravelas lusitanas (por via aérea, obviamente) era tão grande que sequer tive coragem de **dar uma bisbilhotada** no guia.

http://rgvogue.ig.com.br/guia/2008/07/17/linhas_de_portugal_1448544.html.

8) [...] no intervalo nada de mamadas" ela vai **dar uma chorada** mas distraia ela com brinquedinhos [...].

<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20081123134724AAIEu3k>.

9) A história dos 15 anos da Malu Mader ficou famosa, todo mundo ganhou a desculpa que precisava para não fazer nada, para **dar uma empurrada** com a barriga até que a moça [...].

<http://www.meioemensagem.com.br/novomm/br/Artigo.jsp?id=188>.

10) Saindo de Porto Seguro o ideal é **dar uma esticada** até Santa Cruz Cabralia e tomar um banho delicioso [...].

<http://www.gcbeeweb.com.br/portobello/portugues-hotel-na-bahia/porto-seguro/regiao-passeios-o-que-fazer-atividades.php>.

11) Me responde você, então, o que está havendo com o mundo? Onde começamos a errar?

Vamos voltar lá e **dar uma consertada**, por favor [...].

<http://biazetz.blogspot.com/>.

Acesso em 20 mar. 2009

12) Depois de **dar uma olhada** no livro quando comprei percebi que as armas estão com algumas estatísticas contraditórias com o livro Guia de Armas Medievais.

<http://www.forumnw.com.br/vip/mensagens.asp?forum=80223&topico=2720425>

13) [...] Se você é um dos saudosos que ainda dão risada dos ícones bregas que só Sílvia Santos consegue produzir, então vale a pena **dar uma passada** na festa 'SBTrash', que o projeto Trash 80s promove hoje à

noite.http://www.trash80s.com.br/festa/imprensa/jt_080303.php

14) [...] Tudo bem, a faculdade também ajudou bastante, no finalzinho do ano reservei um tempo para mim mesmo e fui **dar uma passeada** na praia.[...].

<http://www.driverentry.com.br/blog/2008/01/e-o-pulso-ainda-pulsa.html>.

15) [...] **dar uma caminhada** na praia, à noite, com a pessoa amada, ouvindo o barulho das ondas do mar... não é romântico??

<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20080113090526AA2DJGY>

16) [...] Quero fazer menu popup somente no dreamweaver. Tem como? Alguém conhece algum material para que eu possa **dar uma estudada** (tutorial, artigo, etc...)?

<http://scriptbrasil.com.br/forum/index.php?showtopic=89872>

Acesso em 25 mar. 2009

17) [...] Disq a Heloisa Helena não faz campanha política nos finais de semana, são os dias q ela tira pra **dar uma lavada** nas únicas peças de roupa q ela tem... kkkkkkk

<http://www.cdmj.com.br/forum/index.php?showtopic=5018>

- 18) Li um repost no blog das meninas de oficina de estilo sobre **dar uma arrumada** no armário.... Realmente eu preciso dar essa so called arrumada no armário...
http://naofalademoda.blogspot.com/2007_12_01_archive.html
- 19) [...]trabalhava na DM9 e o Nizan foi dar uma entrevista no Roda Viva, oito anos atrás. ... não fazer nada, para **dar uma empurrada** com a barriga até que a moça ficasse ...
<http://www.meioemensagem.com.br/novomm/br/Artigo.jsp?id=188>
- 20) [...]é roda de samba com os manos firmeza aqui na zona leste, enfim, tô de boa...e também tô aproveitando para **dar uma ligada** na TV e acompanhar uns joguinhos...
http://www.lancenet.com.br/blogs_colunistas/tiaofiel/comentarios.asp?idpost=18594
- 21) [...] Pra **dar uma remediada** no problema, deixo o IE sempre configurado com um Proxy. ...
<http://www.guiadohardware.net/comunidade/site-dns/190960/>
- Acesso em 26 mar. 2009
- 22) [...] O primeiro secretário da mesa diretora Jessé Santiago, quis **dar uma remendada**. Afirmou que se o prefeito não sancionou é porque viu alguma irregularidade...
http://www.ac24horas.com/index.php?option=com_content&task=view&id=1638&Itemid=30
- 23) [...] Um segredo para manter-se informado é sempre **dar uma bisbilhotada** na página dos outros[...].
<http://members.fortunecity.com/allexandre/pagina4.html>
- 24) [...] É bom mesmo **dar uma pressionada** no VL porque do jeito que ele dirigiu o time ontem deu raiva. [...].
<http://parmerista.blogspot.com/2008/06/luxa-pensando-na-frana.html>
- 25) [...] deu aquele chili que lá, enfim, porque realmente tinha que **dar uma resmungada**, né?
<http://www.revistamoviola.com/2007/09/28/papo-de-botequim-conceicao/>
- 26) Em 60 dias voltarei a este tópico para **dar uma argumentada a mais**, com um tempo de uso bem mais [...].
<http://blog.doutord.com.br/2009/01/30/nosso-orthomouse-chegou-vejam-nosso-test-drive/>
- 27) [...]da próxima pega um cel com reflexo para colocar uma hdr. ou tipo, tenta **dar uma descascada** no cel. fica legal também. uns arranhões e tal.
<http://www.tresd1.com.br/galeria.php?t=23366>
- 28) Duvido que o gamer mais hardcore não pare de vez em quando para **dar uma encaixada**... nos bloguinhos obviamente.
<http://misterape.pop.com.br/reviews/4898/>
- 29) [...] eu tenho um pouquinho de bom senso e sei que preciso **dar umaajeitada** nas coisas.
http://historiasdamariabonita.zip.net/arch2005-01-01_2005-01-31.html

30) [...] Aproveitando o embalo do Beck com suas conversas estranhas no msn, resolvi **dar uma cacada** nas salas Bate-Papo da UOL [...].
<http://illien.blog.uol.com.br/>

31) [...] cheguei em casa doida **pra dar uma folheada** no livro mas ele fez "glub" tb...
<http://perucona.blogspot.com/>

32) [...] Posso msm **dar uma envernizada** no risco ??? esse verniz que usa pra madeira mesmo ??? quanto tempo espero pra secar ??? [...].
<http://www.guiadohardware.net/comunidade/vga-risco/914413/>

Acesso em 27 mar. 2009

33) [...] Embora o Hernani já tenha escrito algo sobre isso no livro dele, resolvi **dar uma pensada** sobre o assunto. [...].
<http://weblab.tk/taxonomy/term/530>

34) [...] E fazer com que o link se estenda por toda a li (não apenas no texto dele!), e **dar uma separada** nele dos cantos né [...].
<http://www.plugmasters.com.br/sys/materias/330/1/T%E9cnica:-Criando-Menu>

35) [...] Vou **dar uma explicada** nos códigos: #include [...].
<http://www.samusoft.xpg.com.br/aula.htm>

36) Tenho muito, muito pêlo. Não adianta querer passar um paninho no sofá, **dar uma escovada** na camisa preta que eles voltarão para lá em segundos [...].
<http://www.estadao.com.br/arquivo/suplementos/2007/not20070108p9322.htm>

37) [...] Cara só **dar uma procurada** que você acha, de verdade, não esta nada difícil [...].
<http://www.areacinza.org/2008/05/a-4%c2%aa-edicao-chega-as-ruas/>

38) [...] Eu não faço auto-propaganda, mas quem quiser conferir, é só ver as fotos! eu estou consegui **dar uma economizada** boa inclusive no gás.
<http://www.rainhasdolar.com/index.php?itemid=2536>

39) [...] vai ter várias opções (tipo texto, video, foto, musica, jogos, programas e etc) só que eh bom antes de abrir o arquivo **dar uma escaneada** com o antivirus.
<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20081210141246AAxQ7V9>

40) Concordo plenamente, mais essas mudanças tem que acontecer a curtissimo prazo, **dar uma deletada** nos users tbm eh muito bom [...].
<http://www.forumnow.com.br/vip/mensagens.asp?forum=108809&grupo=231609&topico=2711884&pag=1>

- 41) Dia desses resolvi **dar uma organizada** profunda no meu quarto e me livrar de coisas inúteis[...].
<http://ealgunstrocados.com/>
- 42) Se você está procurando uma maneira rápida e barata de **dar uma modificada** na sua casa, deve começar[...].
<http://www.italnet.com.br/canais/ler.php?id=1642&cat=3>
- 43) [...] Todos tem o dever de honrar a camisa do Vitória, mas nada como **dar uma engordada** no Natal".
<http://www.bemparana.com.br/craques-e-caneladas/index.php/2008/11/21/a-mala-e-bem-vinda/>
- 44) Um bom início, seria separar um tempo para **dar uma esmiuçada** nos arquivos detse link:
<http://varda.multiply.com/journal/item/6>
- 45) [...] fiquei curioso para saber depois vou **dar uma especulada** nas pesquisas, mas vlw amigo por mais uma que eu mesmo não tinha conhecimento[...].
<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20080122221703AAxH67J>
- 46) Depois eu dou uma amassada e coloco num saco plástico e levo à geladeira por uns ... minutos, nessa hora eu aproveito para **dar uma temperada** [...].
<http://www.rainhasdolar.com/index.php?itemid=581>
- 47) Eu também fui **dar uma conversada** com ele pra ver qual é a desse cara, ver quem realmente ele é...
<http://www.cervejabem.com.br/2008/11/03/robo-ed/>
- 48) Ae, queria **dar uma atualizada** na minha BIOS - é simplesmente horrivel, dá pra acessar nem modificar quase nada lá - da placa M810LR, SiS 730s...
<http://www.guiadohardware.net/comunidade/atualizacao-bios/167595/>
- 49) Os profissionais de comunicação têm um bom argumento para **dar uma escapada** do escritório esta semana: ir ao Proxima[...].
<http://ego.globo.com/Gente/Noticias/0,,MUL346426-9798,00 PROXIMA+UMA.>
- 50) Bem, aconselho mesmo **dar uma boa encerada** com cera de carro n parte onde o leitor atua.. tiro e queda.. fica file..
<http://www.guiadohardware.net/comunidade/cds-guardar/241417/>
- 51) [...] se desse pra **dar uma congelada** algumas hr e voltar atras pra ser diferente...
<http://bloglog.globo.com/blog/blog.do?act=loadSite&id=244&mes=2&ano=2008>
- 52) Ele vai **dar uma queimada** no kobold dela ... Uma jovem em roupas tradicionais corria em meio aos clientes[...].
http://brunos.multiply.com/journal?=&page_start=520

53) Será que você poderia **dar uma entortada** na armação pra que ela fique retinha ...
http://falecomdeus.blogspot.com/2008_05_01_archive.html?widgetType=BlogArchive&widgetId=

54) [...] ao seu look, como usar uma bota inusitada, **dar uma dobrada** de manga diferente...
<http://homensmodernos.wordpress.com/2007/09/20/>

Acesso em 28 mar. 2009

55) Quer **dar uma otimizada** na sua máquina? Experimente um desfragmentador de registros gratuito[...].
<http://blogblogs.com.br/tag/otimizada>.

56) Erick, se tiver orkut, aconselho a dar **uma vasculhada** lá, tem duas comunidades sérias
<http://www.avidasecreta.com/inversao-de-papeis-%E2%80%93-tudo-o-que-eu-queria-saber-e-so-aprendi-na-marra/>

57) Por favor administradores podem **dar uma analisada** nesta demo, sera que o cara joga tanto assim; novo chan.
<http://forum.arenaig.ig.com.br/vbulletin/showthread.php?t=43536>

58) [...] exercícios de reprodução pensei em **dar uma rabiscada** com ele para ver como é.[...].
<http://morgana.casadeferreiro.com/>

Acesso em 30 mar. 2009

59) Preciso dar uma parada! Assim que chegar o próximo Graal vamos **dar uma encostada** pra eu ir ao banheiro.[...].
<http://blog.brasilsocial.com/2008/02/18/um-cafe-uma-galinha%E2%80%A6uma-familia/>

60) Com tudo isso em volta, a esposa tenta **dar uma retomada** em suas vidas. [...].
http://bueirofetido.blogspot.com/2009/02/foi-apenas-um-sonho-cinema_01.html

61) Então, vamos **dar uma alinhavada** no que é que você verificou que o Pacs te trouxe [...].
<http://www.museudapessoa.net/MuseuVirtual/hmdepoente/depoimentoDepoente.do?action=ver&idDepoenteHome=2735&key>

62) [...] é legal essa parte de **dar uma fritada** no peito para que você obtenha um caldo [...].
<http://www.rainhasdolar.com/index.php?itemid=172>

63) Voltando das férias com algumas especulações tecnológicas, para **dar uma esquentada** no banco, acabei descobrindo que, na próxima semana.
<http://internerd.com.br/blog/tag/sistema-operacional/>

- 64) [...] Preferido por quem quer **dar uma retocada** no visual, mas quer fugir do bisturi[...].
<http://www.esteticderm.com.br/artigos/laser.htm>.
- 65) Vc trabalha aos fds?? O que poderia ser feito eh tentar **dar uma revisada** nesse tempo que vc tem livre[...].
<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20090103161116AAE8dJz>.
- 66) [...] de tecnologia da Morgan stanley, e tentou **dar uma justificada** na afirmação.[...].
<http://www.hagah.com.br/jsp/default.jsp?source=DYNAMIC,blog.BlogDataServer,getBlog&pg=1&uf=2&local=18®ionId=41&template=4062.dwt§ion=Blogs&tp=&blog=153&tipo=1&coldir=1>
- 67) [...] Agora que já entendo melhor o último post da Katherine, vou **dar uma comentada** sobre ele. [...].
<http://poupeegirl.com.br/2008/09/25/stamp-card/>
- 68) Segue uma dica do Pascal Bleser mostrando como **dar uma melhorada** nas fontes[...].
<http://elchevive68.wordpress.com/2008/07/04/dando-uma-melhorada-nas-fontes-utilizadas-no-opensuse-110/>
- 69) Nos dias atuais, celebridade não pode pôr o nariz na rua sem, ao menos, passar uma maquiagem e **dar uma penteada** no cabelo.
<http://ego.globo.com/Gente/Noticias/0,,MUL314089-9798,00.html>
- 70) Beleza é mais do que fundamental na Belezaria, uma loja super-charmosa com acessórios e produtos que vão **dar uma renovada** no seu visual.
<http://www.minharua.com/belezaria.html>
- 71) [...] silhueta resgatada dos arquivos da marca diretamente da década de 90 quando a empresa resolveu **dar uma mesclada** [...].
<http://www.sneakersbr.com.br/news/1739/>
- 72) Esse find tenho que **dar uma adiantada**, ou melhor toda adiantada na mono que ta pra me deixar de pendenga no último período [...].
http://1historiadoraambientalista.zip.net/arch2008-06-08_2008-06-14.html
- 73) [...] aproveite seu estado de total ócio para **dar uma observada** nos meses anteriores [...].
<http://www.widescreen.blogger.com.br/>
- 74) [...]Jou se, simplesmente, não resolvermos **dar uma antecipada** no curso da natureza.[...].
http://www.leiabrasil.org.br/index.aspx?leia=revistas/meioambiente_editorial
- 75) vou ser obrigado a **dar uma enfatizada**. Post inútil. Comentários inúteis[...].
<http://www.tomatecru.net/ciencia-tecnologia/mozilla-e-uma-empresa-firefox-e-um-navegador>

76) Em um jogo chamado The Duel, que é um jogo de tiro online no estilo GTA quando eu uso um movimento que faz o personagem **dar uma deslizada** [...].
<http://www.bocadopovo.com.br/noticia.php?id=672>

77) Lá pelo terceiro mês a coisa começou a **dar uma acalmada**. Mas sempre **uma** luta para ela comer.[...]
<http://lubalthazar.blogspot.com/>

78) [...]Pode até **dar uma debochada** de vez em quando naqueles que são seus amigos e não [...]
<http://www.clicrbs.com.br/blog/jsp/default.jsp?source=DYNAMIC,blog.BlogDataServer,getBlog&pg=>

79) Criar uma clone sedenta por sexo e executar os seguintes golpes em dupla. **Dar uma acariciada**. [...]
http://desciclo.pedia.ws/wiki/Darkness_Illusion

80) Tem que **dar uma reformada**, porque está ganhando dinheiro, tem que dar uma reformada
<http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL764455-5598,00.html>

Acesso em 31 mar. 2009

81) [...] É impossível que alguém, em perfeito estado, não ache legal pedir pra **dar uma buzinada**[...].
<http://niggga.blogspot.com/>

82) Quero **dar uma forcada** para entrar no outro domingo ou na partida seguinte - disse Fred
<http://www.meionorte.com/noticias,ja-no-flu-frede-deve-estrear-em-10-dias,68772.html>

83) [...] Liderança e conhecimento, mesmo na hora de **dar uma parada** brusca [...].
<http://manutencao.net/blogs/chaodefabrica/>

84) [...] mas pensei depois que esse é o período que muitos têm para **dar uma escutada** no que baixaram de segunda a sexta.
<http://pqpbach.opensadorselvagem.org/eli-eri-moura-1963-%E2%80%93-requiem-contestado/>

85) Seja bem vindo ao Mundo da Piada: um site humorístico que, você não sai dele sem **dar uma risada!**
<http://www.mundodapiada.vai.la/>

86) [...] às alegrias da vida, como se tivesse que pedir licença para **dar uma gargalhada** sem ofender[...].
<http://www.revistaandros.com.br/sorrindo.html>

87) É de conhecimento das pessoas que costumam **dar uma exagerada**, chutar o balde ou enfiar o pé na jaca[...].

<http://tribunal.tipos.com.br/posts/2009/01/09/hours-concours/>

88) [...]ou se houver algum tipo de interferência, o som irá **dar uma “engasgada”** e continuar depois “atropelado[...]

<http://nigho.net/review-do-fone-bluetooth-nokia-bh-501/>

89) [...] a **dar uma emperrada** no botão esquerdo mas era uma emperrada legal, porque[...].

http://jweick.blogspot.com/2007_12_01_archive.html

90) “Como fazer” – como **dar uma rasgada**, como dar um cut back, como chegar ao lip da onda – e, segundo Naki, elas são estudadas religiosamente.[...].

http://revistatrip.uol.com.br/173/especial_diversidade/japao/02.htm

91) [...] realmente é muito complicado **dar uma brochada**[...].

<http://testosterona.wordpress.com/2008/07/01/nao-funcionou-e-agora/>

92) Depois de crescer por cinco anos consecutivos, o investimento total na economia brasileira vai **dar uma freada** em 2009[...].

http://br.wrs.yahoo.com/_ylt=A0oG75AMdJJGicBVhWjIRh.;_ylu=X3oDMTByYWkyZ2E.

Acesso em 01 abr. 2009

93) Se tiver bobininhas ou qualquer outra coisa para **dar uma grampeada**, pode trazer que até a federal compra de você.

<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20080915153015AAan0hN>

94) ”Ora, como todos sabemos, Pinto da Costa gosta de **dar uma alfinetada** destas de vez em quando”.

<http://relvado.aeiou.pt/gen.pl?p=stories&op=view&fokey=rv.stories/68294>

95) Quanto muito, se fazem alguma coisa é logo **dar uma unhada** em quem está incomodando seu sono de beleza hehehehehe...

<http://72.30.186.56/search/cache?ei=UTF.>

ESTRUTURAS DEVERBAIS EM X-DA (que podem gerar ambigüidade):

1) Então, vamos **dar uma enxugada** no chuveiro: sete minutos de banho dá e sobra para você ficar brilhando!

<http://www.canalkids.com.br/meioambiente/cuidandodoplaneta/dicas.htm>

2) [...]enviamos a sua carta ao mestre Ricardo Divila, que trocou seu almoço pelo prazer de **dar uma “viajada”**[...].

http://www.gptotal.com.br/pergunteedu/pergunte_1quin_abr02.htm

3) [...] Quando conta algo legal, algo de bom que te aconteceu. Preste atenção na reação, que não te quer bem, vai **dar uma "escorregada"**[...].

http://rballa.blog.uol.com.br/arch2008-07-06_2008-07-12.html

4) O momento é ideal para **dar uma engrenada**[...].

<http://www.sidneyrezende.com/noticia/32708+cuca+momento+e+ideal+para+dar+engrenada>

5) Na verdade a barrinha serve pra **dar uma enganada** na fome... rrsrs

<http://www.aventurasgastronomicas.com.br/2008/08/11/enganada-pela-foto>

6) E que tal aproveitarmos o clima de celebração para meditar sobre o significado desta data e **dar uma mergulhada** em nosso ser?[...].

<http://www.clubedacalcinha.com.br/astrologia31.htm>

7) Uma semana sem escrever pra uma junky como eu é um tempão! E com tanta coisa acontecendo por aqui, eu perdi o fio da meada dos assuntos. Vou tentar **dar uma costurada** [...].

<http://www.fezocasblurbs.com/archives/000158.html>

8) Cansado de só matar orcs num mundo medieval e de fantasia? É bom **dar uma respirada** de novos ares[...].

<http://www.blogmmo.com.br/inscricoes-para-o-beta-do-earthrise/>

9) Ele já está conformado. Mas Leonardo Silva vai fazer um último apelo: “vou tentar ali **dar uma chorada** para ver se me deixam entrar em campo”.

<http://ibahia.globo.com/esporte/interna/?modulo=3082&codigo=192741>

10) O PM **dar uma cochilada** no banco da viatura é um absurdo, assim como é um absurdo o salário que ele recebe.

http://extra.globo.com/geral/casodepolicia/post.asp?cod_post=140466

11) Não tenha vergonha de parar para dar uma respirada, tomar um fôlego, **dar uma esticada** e **dar uma bela descansada** antes de voltar para o ritmo intenso da corrida.

<http://www.corpo perfeito.com.br/ce/Corrida.>

12) [...] Eu vou ficar um pouco ausente, porque vou **dar uma recauchutada** no corpo[...].

<http://babado.ig.com.br/bbb9/noticias/2009/01/08/bbb9+ana+carolina+da+recauchutada+no+c+orpo+antes+do+confinamento+3240291.html>

13) Bastou o tempo **dar uma fechada** e o céu ficar cinza para os fashionistas colorirem a Marina da Glória com acessórios.

http://chic.ig.com.br/materias/506001-506500/506326/506326_1.html

14)[...] **Dar uma chifrada** no Ricardão, sô.

<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20081113150513AAq2yPo>

15) Vem chegando o Natal e, para quem quer **dar uma engordada** no saldo bancário, essa é a melhor hora.

<http://www.oilondres.com.br/trabalho/vagasnatal/index.htm>

ANEXO II

ESTRUTURAS DENOMINAIS EM X-ADA – com determinante (artigo indefinido *uma*):

Acesso em 01 abr. 2009.

- 1) É legítimo eu **dar uma facada** em quem tentar matar os meus filhos mas isto não[...].
<http://ktreta.blogspot.com/2008/09/licena-para-matar-outra-vez.html>.
- 2) [...]ele foi uma prova para Goku, Goku tinha que o pegar e **dar uma martelada** em sua cabeça.
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Bubbles#Bubbles>.
- 3) Na impossibilidade de empurrar Frank escada abaixo e **dar uma machadada** em Patrick, o McLaren Cow-boy[...].
<http://lynwilliams.multiply.com/journal/item/216>.
- 4) Para quem achou o roxo forte demais para **dar uma bolsada** em alguém[...].
<http://www.falandodemoda.com.br/coluna-213.htm>.
- 5) [...] disse que Lula "vai **dar uma chinelada** em Alckmin no debate da Band"
<http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/brasil/2006/10/06/jorbra20061006003.html>.
- 6) Pri sente ciúmes e brinca de **dar vassourada** em Manu[...].
<http://ofuxico.terra.com.br/materia/bbb/noticia/9/2009/02/14/bbb9-pri-sente-ciumes-e-brinca-de-dar-vassourada-em-manu-102850.htm>.
- 7) [...] brilhante Luiz Guerra, vou **dar uma escovada** em meus textos postados, onde hoje[...].
<http://www.moniquefreitas.com/blog.php?&pag=2>.
- 8) Não se pode **dar uma canetada** aqui no ministério a fim de retirar esse pessoal[...].
<http://www.rondoniagora.com/web/ra/noticias.asp?data=26/11/2008&cod=21800>.
- 9) PS: O socialismo ia fracassar de todo jeito, vc tinha que **dar uma livrada** na cabeça[...].
<http://www.forumnw.com.br/vip/mensagens.asp?forum=73668&grupo=222527&topico=954486&pag=2>.
- 10) [...] ocorreu parece incrível foi como **dar uma pedrada** em um balão de brespas fica um [...].
http://jornale.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=13891&Itemid=52.
- 11) [...] que estava no corredor do centro, chegou a **dar uma paulada** em um soldado da PM[...].
<http://www.tvpontanegra.com.br/noticia.asp?ID=4487>.
- 12) [...] nos responsabilize caso ele obrigue-o a **dar uma punhalada** em seu próprio cérebro.
<http://www.gizmodo.com.br/tags/tocador-de-m%C3%ADdia?page=1>.
- 13) [...] **dar uma marretada** em um outro lado da parede[...].

<http://www.lucianopires.com.br/idealbb/view.asp?topicID=8733>.

14) [...]se envolveu em uma confusão em uma discoteca de Berlim ao ser acusado de **dar uma garrafada** na cabeça de um homem[...].

<http://jbonline.terra.com.br/extra/2008/03/25/e25034660.html>.

15) Agora chegou a vez de **dar uma garfada** em todos pecados alimentares. Segundo a pesquisa, quem está acima do peso ideal.

<http://nova.abril.com.br/moda/plantao-de-moda/index.shtml?pagina2#>

16) Eram milhares!!! Nenhum deles se atreveu a **dar uma carimbada** em nossas cabeças.

<http://ilhagrande.org/Volta-Ilha-barco>.

17) Como é que alguém pode falar em **dar uma canetada** no estatuto em nome da democracia? Estão querendo chamar a quem de idiota?

<http://terceiraviaverdao.blogspot.com/2008/05/painel-fc-solta-mais-duas-cuidado-os.html>.

ANEXO III

ESTRUTURAS *DAR+SN* - com determinante (artigo indefinido *um*):

Acesso em 09 abr. 2009

- 1) Agora é a sua vez de **dar um sorriso** clicando nas fotos
<http://www.infoesp.net/alunos/rosana/>
- 2) [...]Te **dar um olhar**, não aquele olhar distraído[...]
<http://www.encantosepaixoes.com.br/affonso.html>
- 3) Agora, Flávio tenta **dar um beijo** em Maíra, mas ela vira o rosto.
<http://bbb.globo.com/BBB9/Noticias/0,,MUL1031219-16397,00-NAO+POSSO+TE+DAR+UM+BEIJO+PERGUNTA+FLAVIO.html>
- 4) [...]fora e a morrer como um carneiro, sem **dar um gemido**[...]
<http://www.calendario.cnt.br/LINHASTORTAS03.htm>
- 5) Ser, na origem da vida, pode ser liberado tão facilmente quanto **dar um suspiro**. [...]
<http://somostodosum.ig.com.br/clube/artigos.asp?id=16326>
- 6) [...]aqueles que respondem, utilizando o "quase nada" para **dar um grito**, este [...]
<http://dangrito.zip.net/>
- 7) Olá, quer um palpite hoje? Será um prazer poder te ajudar. Sobre tudo e todos irei **dar um palpite**.
<http://apalpiteira.blogspot.com/>
- 8) Próxima: "Eu posso lhe **dar um conselho**" [...]
<http://epocanegocios.globo.com/Revista/Epocanegocios/0,,EDG77526-8378-4,00.html>
- 9) Vontade de **dar um soco** no ar.
<http://www.clicrbs.com.br/blog/jsp/default.jsp?uf=1&local=1&source=DYNAMIC,blog.BlogDataServer,getBlog&pg=1&template=3948.dwt&tp=§ion=Blogs&blog=538&post=161979&coldir=1&topo=3951.dwt>
- 10)[...] dar ou tentar **dar um pontapé** (chute) em um adversário [...]
<http://blogs.lancenet.com.br/maurobeting/2009/02/09/falta-penalti-2/>
- 11) Vou **dar um jeito** já de compilar o Omnislash aqui
<http://meiobit.pop.com.br/forum/software/software-para-linux/karmic-koala>
- 12) [...] descuida do visual nem para **dar um passeio** nas ruas próximas da sua casa [...]
<http://ego.globo.com/Gente/Noticias/0,,MUL969684-9798,00-CAMERON+DIAZ+INVESTE+NO+LOOK+PARA+DAR+UM+PASSEIO+EM+NOVA+YORK.html>
- 13) [...] Acabei de **dar um pulo** nessa cena.

<http://misterape.pop.com.br/news/5643/>

14) [...]de gritar com ele, de lhe **dar um sermão** ou castigá-lo[...]
<http://www.clubedaluz.com.br/Reflex79.htm>

Acesso em 15 abr. 2009.

15)[...]um pacote de lingerie para **dar um estímulo** a mais na sua relação[...]
<http://blog.ypsilon2.com/index.php/2009/04/09/blush-lingerie-lanca-comercial-provocante-de-estimulo-a-economia/>

16) Por que quando alguém quer descobrir se tá sonhando ou não, pede pra nego **dar um beliscão**[...]
<http://fazsentido.blogspot.com/2007/06/me-belisca-para-ver-se-eu-t-postando.html>

17) Queria só **dar um susto**[...]
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u418928.shtml>

18) aproveitando esse topico queria **dar um aviso** que tem uma imagem[...]
<http://www.finalfantasy.com.br/forum/viewtopic.php?p=27601>

19) [...]Alegre gostaria de **dar um testemunho** que eu tinha um sonho de conhecer o senhor[...]
<http://padrereginaldomanzotti.org.br/>

20) Na Fnac poderá encontrar um conjunto de serviços pensados para lhe **dar um apoio**[...]
<http://www.pcmedic.pt/index.php?area=servicosparceiros.php>

21) Ajude a **dar um abrigo** a um sem-abrigo
http://www.lxjovem.pt/?id_categoria=34&id_item=553648&id_tema=47

22) [...] de tudo que passou até agora e vamos **dar um incentivo** a mais aos jogadores.
<http://www.mogimirim.com.br/?p=1378>

23) ... que certa senhora no restaurante Spot fosse levantar-se e me **dar um bofetão** [...]
http://www.daslu.com.br/conteudo.php?cat_id=94&materia_id=7003

24) ... Duvida eu **dar um tapa** na cabeça deste careca?[...]
<http://charges.uol.com.br/piadadodia.php?idpiada=429&PgAtual=0>

25)... Vontade de **dar um murro** em alguém [...].
<http://www.muito.com.br/Muito2/IframeEventosDetalhes.asp?ca=304>

ESTRUTURAS DAR+SN - com determinante (artigo indefinido uma):

1) ... Eu tambãfÂ©m poderei eventualmente **dar uma ajuda** [...]

<https://www.scantool.net/forum/index.php?topic=303.0>

2) [...]é muito importante **dar uma oportunidade** aos delinquentes [...]
http://tsf.sapo.pt/PaginaInicial/Portugal/Interior.aspx?content_id=1189628

3) Quero daqui a diante **dar uma colaboração** maior [...]
<http://www.cristoteca.com.br/index.php?id=forma&ver=7>

4) [...]serviço público objetivando **dar uma cobertura** total [...]
<http://www.almirauditoria.com.br/>

5) O que eu gosto de fazer vai me **dar uma condição** de vida que eu gostaria de ter [...]
http://www.spfw.com.br/blog_det.php?c=2931

6) [...]coloca-las em prática e acima de tudo **dar uma assistência** constante aos nossos clientes.
<http://www.electropr.com/>

7) [...] A primeira tarefa era **dar uma "faxina"** no blog [...]
<http://reinaldo.pro.br/blog/2008/12/12/desafio-21-dias-2008-01-faca-uma-faxina-no-seu-blog/>

8) ?O governo precisa **dar uma resposta** enérgica mas a solução, se é que há [...].
<http://www.direito2.com.br/oab/2006/mai/14/toron>.

9)[...] fazem os ... que a sua tarefa é **dar uma explicação** da natureza e estrutura do próprio mundo [...].

http://br.search.yahoo.com/search?p=dar+uma+explica%C3%A7%C3%A3o&yhdr_submit_button=Busca+na+web&fr=ush_mailm&ei=UTF-8.